

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP**

Jane Martins

**DAS RELAÇÕES (IM)POSSÍVEIS DO FEMININO COM O
INAPREENSÍVEL – INTERLOCUÇÕES ENTRE
PSICANÁLISE E CINEMA**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Jane Martins

**DAS RELAÇÕES (IM)POSSÍVEIS DO FEMININO COM O
INAPREENSÍVEL – INTERLOCUÇÕES ENTRE
PSICANÁLISE E CINEMA**

DOCTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de Doutor em
Psicologia Clínica sob a orientação do Prof. Doutor
Renato Mezan.

SÃO PAULO

2010

BANCA EXAMINADORA:

Às meninas Ana Carolina, Isabela,
Marília.

Às mulheres-mães Denise, Jacqueline e
Cláudia.

À vó Lia.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), por conceder bolsa de pesquisa a este doutorado, em convênio firmado com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica.

À Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), instituição com a qual possuo vínculo na condição de docente. O licenciamento deferido permitiu a dedicação necessária a este empreendimento. Em especial, aos gestores da Assessoria Jurídica, Diretoria de Recursos Humanos e Departamento de Pessoal.

Aos coordenadores e professores da Congregação do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), pela dedicação, pelo apoio e singulares incentivo prestados neste período.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, pela disponibilização de inúmeros recursos, sobretudo humanos, à realização desta modalidade de capacitação.

À Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), sessão Florianópolis, por manter a interlocução constante e necessária ao desenvolvimento da psicanálise viva em nossa região.

Ao professor e orientador Dr. Renato Mezan, por seu acompanhamento no percurso de realização do doutorado, da seleção à elaboração desta tese, e sobretudo, ao seu “agalma” inspirador à psicanálise como objeto de desejo.

Ao Juan Carlos Montero por trazer em seu nome minha linhagem paterna e acompanhar-me, fazer-me em uma escuta delicada, sutil e deliciosamente *exquisita*...

Aos amigos, vinculados a psicanálise ou não, agradáveis interlocutores, instigadores e sempre presenças almorosas, sensatas, divertidas, intrigantes, às vezes ilógicas, irracionais, (a)morais, mas sempre presentes... Alguns nomes... Gresiela Nunes, Soraya Martins, Flávia Borges.

À família, lugar primeiro do encontro com a (im)possibilidade de conviver, sobreviver, (re)conhecer e acolher o (in)apreensível... Obrigada por serem vocês a estarem comigo...

RESUMO

Este trabalho investiga construções teórico-psicanalíticas em Freud e Lacan, e sucessores críticos, os quais se referem à constituição da feminilidade, à sua articulação com a constituição da subjetividade humana e aos destinos da subjetividade articulados a alguns possíveis efeitos sobre a prática de representação do feminino pela arte cinematográfica. Inicialmente, é feita uma discussão sobre as relações entre linguagem e psicanálise, levando-se em consideração que a primeira está incluída em todos os processos analíticos, das construções teóricas à técnicas. A seguir, mostra-se o que Freud chama de linguagem histérica, e Lacan, discurso histérico, tomando-se como referência obras que se dedicam ao esclarecimento do termo. No capítulo seguinte, é descrito como as estruturas clínicas, em especial, as neuroses históricas, estão em relação ao registro simbólico e à castração. E, finalmente, a feminilidade é abordada como uma possível herança da histeria, ressituada com as questões atinentes à castração, ao falo, à sua singular relação com os discursos e, mesmo, o irrepresentável. Segue-se a interlocução dos conceitos expostos com a análise de duas obras: *A moça com brinco de pérola* e *As horas*. Trata-se de obras que permitem um questionamento sobre a representação da posição feminina e o emaranhado psíquico aí implicado, a partir da arte cinematográfica, também empenhada na constituição e destituição de sentidos em nossa cultura.

Palavras-chave: Feminilidade; Histeria; Castração; Cinema e psicanálise.

ABSTRACT

This paper investigates theoretical psychoanalytic constructs in Freud and Lacan, and critic successors who refer to femininity constitution, women relationship with the constitution of human subjectivity and to destiny of subjectivity articulated to some possible effects on the practice of Women representation in cinema. Initially, there is a discussion on the relationship between language and psychoanalysis, considering the former is included in all analytical processes, from theoretical constructs to techniques. Following, it shows what Freud says hysterical language is and Lacan, hysterical discourse, taking as reference literatures that are dedicated to clarify the term. Next chapter describes how clinical structures, in particular, the hysterical neurosis, are related to symbolic registration and castration. And finally, femininity is considered as a possible inheritance of hysteria, refocuses on issues relating to castration, to phallus, its unique relationship with speech and even to the unrepresentative. The discussing of exposed concepts follows by analyzing two films: *The girl with a Pearl Earring* and *The hours*. These are films that enable a questioning of feminine position representation and psychic matted involved, by cinema, also engaged in setting up and the removal of meanings in our culture.

Keywords: Femininity; Hysteria; Castration; Cinema and psychoanalysis.

SUMÁRIO

Introdução	08
I. Linguagem e Psicanálise: do que se trata nesta relação?.....	11
II. A Linguagem Histórica em Freud e o Discurso Histórico em Lacan.....	35
III. O Conceito de Estruturas Clínicas.....	59
IV. Feminilidade: a Linguagem da Castração.....	69
V. Cinema, Psicanálise e Feminilidade.....	85
VI. Análise das Obras.....	97
1 - Moça com Brinco de Pérola.....	97
A - Sinopse.....	97
B - Interlocução com conceitos psicanalíticos.....	99
1 - Das origens do desejo feminino... Entre a cruz e a espada.....	99
2 - Mulher e castração, mulher e falo.....	109
3 - Trabalho ativo para o fim passivo.....	114
2 - As Horas.....	119
A - Sinopse.....	119
B - Interlocução com os conceitos psicanalíticos.....	121
1 - Sustentações (im)possíveis das identificações femininas.....	121
2 - Estruturas clínicas e estruturas discursivas.....	129
3 - O espreitar da vida e o espreitar da morte.....	134
Considerações Finais	138
Referencias Bibliográficas.....	143

INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo é realizar um percurso de revisões a partir de conceitos psicanalíticos que contemplem, inicialmente, uma visão de que os sujeitos estruturam-se a partir de seus universos simbólicos. Neste sentido, ao longo de sua existência, os signos linguísticos são os elementos fundamentais da expressão de conteúdos que alguém deseje fazer retornar, exprimir sob a condição de formações do inconsciente, observando a (i)lógica da vida pulsional.

A histeria, enquanto linguagem por excelência, segundo Freud é a modalidade de neurose¹ que, significativamente, apropria-se de toda uma expressividade, até mesmo corporal, para então dizer o que muitas vezes é inaudível na cultural. Seus percursos e percalços sintomáticos, através da angústia ou conversão, denunciam a castração, que pode tornar-se um horror ao sujeito. Pela negação e instalando-se em uma posição fálico-narcisista, para poder dizer sobre o que, imaginariamente, lhe falta, a histeria fala. A expressividade histérica, ao longo de suas manifestações e com a fundação da psicanálise, passa a colaborar para o desenvolvimento do conceito de feminilidade. No entanto, contraditoriamente, foi tomada como objeto para o constrangimento² dos desenvolvimentos nesta área.

Através da demonstração de que a neurose histérica usa suas peculiares formações sintomáticas ou formações do inconsciente para expressar-se, fomos resgatar, em estudos de Freud sobre as histerias, as origens da linguagem histérica, quadros em

¹ FREUD, Sigmund. (1915). **O recalque**. In.: _____. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. (1911-1915). v.I. Rio de Janeiro: Imago, 2004. Observar as considerações do fracasso do recalque na histeria e conseqüentes formações substitutivas.

² Ver em Neri, *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade* a interrogação sobre o fato de que se as mulheres foram vítimas das repressões culturais, não estariam as analistas, vítimas da cultura psicanalítica, temerosas de serem acusadas de histéricas, feministas? p.139 e ss.

que a “fala” já falhava, era desconexa, possuía lacunas próprias e uma expressividade singular.

Sobre a estrutura clínica da histeria, descrevemos um passado que se remete à organização sexual infantil, sobretudo na menina, cujos esforços para compreender os enigmas das diferenças, evidenciam-se no complexo de castração e em fenômenos pré-edípicos. Às meninas, a organização da sexualidade é complexa, pois passam por encontros, abandonos e reencontros libidinais intensos. A figura de outras mulheres é-lhes de especial interesse, como demonstramos através de alguns recortes do caso Dora, descrito por Freud em *Fragmentos da análise de um caso de histeria*.³

Em Freud, os destinos da mulher à constituição da feminilidade são bastante precisos e foram questionados, criticados e desenvolvidos por inúmeros teóricos que aí vislumbravam a necessidade de avanços de compreensão.

A teoria lacaniana, sobretudo na obra *Mais ainda*⁴, descreve a organização da sexualidade humana a partir do falo que instaura modalidades diferenciais de gozo, e, em especial, a forma feminina, com sua especificidade, assim reorientamos a compreensão da feminilidade e seus destinos.

Com a representação imagética e inúmeros recursos permitidos pela cinematografia, nos aproximaremos de uma produção simbólico-cultural, defendida por alguns teóricos como a mais próxima das próprias construções psíquicas, o que permite se observarem representações da feminilidade pelo resgate de uma narrativa com “imagens fora de si”, mas com possibilidades de consequências subjetivas no esforço de representar o irrepresentável nesta arte.

Rivera considera que o cinema é uma produção cultural privilegiada para refletir-se sobre o sujeito, pois toda obra de arte produz “efeitos de sujeito”, e esta

³ FREUD, Sigmund. (1905). **Fragmentos da análise de um caso de histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

⁴ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20**. Mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

detém mais saber sobre o inconsciente que o psicanalista, sendo que pela “vertigem da imagem corre-se o risco de ver a si próprio, vendo”.⁵

A partir de duas obras cinematográficas, a interlocução dos conceitos psicanalíticos com o ficcional-psíquico ali representado dar-se-á sob alguns vértices: a origem do desejo feminino, a relação do feminino com o falo e a castração, e o aspecto da dinâmica pulsional em trabalhar ativamente para fins passivos, abordados na primeira obra, *A moça com brinco de pérola*.

Com a segunda obra os enlaces teóricos se darão com uma compreensão das sustentações (im)possíveis do feminino em relação as identificações, a possível correlação entre estruturas clínicas e estruturas discursivas, assim como o desenvolvimento da percepção de como linguagem e pulsões nos reivindicam para si. Tais desenvolvimentos serão pontuados, a partir de *As horas*.

Esta orientação de pesquisa enfatiza a presença inesgotável e de constante desejo de ensaiarmos novas combinações de interlocução dos conceitos fundamentais em psicanálise com as produções culturais, em especial, àquelas em que o discurso feminino faz-se representar.

⁵ RIVERA, Tania. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p.43.

I. LINGUAGEM E PSICANÁLISE: DO QUE SE TRATA NESTA RELAÇÃO?

No desenvolvimento deste tópico, com a pretensão de compreender alguns elementos da construção psicanalítica sobre a subjetividade humana, percorreremos em torno de considerações sobre a linguagem enquanto processo fundamental da constituição dos sujeitos e da cultura humana. O interesse pelo o discurso histérico, marcante tanto nas pesquisas freudianas como lacanianas, abre caminhos a estas elaborações. A escuta atenta e analítica de Freud permitiu descrever a dinâmica psíquica pulsional de seus pacientes, resultando num método em que a capacidade de representação do recalcado é o elemento comum e fundamental desde a constituição psíquica à terapêutica. Lacan considera que Freud, em sua revolução copernicana, faz girar o discurso histérico, transformando-o em discurso analítico.¹

Autores atentos ao período em que a Freud foram possíveis suas elaborações, relatam que preocupações éticas e estéticas em torno da linguagem são marcas da Viena freudiana encontrando-as em autores que lhe são contemporâneos. Entre eles: Kraus, Loos e Wittgenstein, sendo que, indubitavelmente, mesmo sem relações estreitas com seus contemporâneos, a inovação técnica de Freud coloca em seu âmago a linguagem.²

No entanto, impõe considerar que, em psicanálise, diferentemente de outras produções culturais inundadas de peculiares racionalidades, o lugar ocupado pelas representações aparece de forma muito singular. Uma singularidade um tanto quanto desconcertante para a época, assim como desconcertantes eram os sintomas histéricos, as formações do inconsciente, que efetivamente, constringiam a racionalidade vigente.

¹ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20**. Mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 57.

² MEZAN, Renato. **Freud: pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 61.

A liberdade de dizer o que lhe vem ao espírito – e, naturalmente, as resistências emocionais à formulação destas idéias – têm como limite apenas a exigência de formar frases gramaticalmente inteligíveis; no entanto, com a análise dos lapsos, a fronteira do inteligível recua cada vez mais.³

Diante da obscura condição de seus pacientes mostra-se a Freud o desafio de ousar escutar, interpretar, decifrar, analisar uma linguagem ininteligível, semidita, enigmática a seus pares, à sua cultura e, por que não dizer, à sua própria moralidade.

As relações linguagem e dinamismo psíquico, assim como linguagem e organização social, inclusive, não são sem antecedentes. Convém o resgate de alguns precedentes, para que possamos perceber o papel fundamental da linguagem na cultura e na vida psíquica dos sujeitos desde a antiguidade, e como ali estava dada sua função política, social e de constituição da posição subjetiva dos sujeitos, diante de si e de outros.

Lacan, em sua extrema radicalidade do período simbólico, enfático, postula que a linguagem é a condição do inconsciente, e não o seu contrário, sendo que, enquanto sujeitos com necessidades de sentidos, necessidades lógicas, (faz ressalvas, sim, ao uso deste termo), não empregamos a linguagem; somos, sim, empregados por ela. Desta condição observa o surgimento do sujeito do mais-de-gozar, resultado do uso da linguagem.⁴

Em *Palavra e Verdade*⁵, se empreende uma busca, na filosofia antiga e na psicanálise, das manifestações dos pensadores sobre a presença do signo na subjetividade humana e suas funções não meramente designativas, mas fundadoras de uma civilização, marcando a subjetividade e gerando à humanidade a possibilidade de ser intérprete e interpretável. Seu objetivo é adentrar ao universo fundamental da verdade psicanalítica, aquela que jamais é dada, que é a verdade do desejo.

³ Ibid., p.61.

⁴ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17.** O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.62.

⁵ GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e verdade na filosofia antiga e psicanálise.** 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.7.

Garcia-Roza nos mostra que em Parmênides, a busca da *alétheia*, a verdade, que não poderia ser simplesmente a adequação do pensamento à coisa, é um caminho em que ser-pensar abre-se, desvela-se. Como há que desvelar-se, há um ocultamento, pois a verdade não é dada pela evidência. *Lethe*, ao contrário de *alétheia*, designa o silêncio, o esquecimento, a própria morte. Então, a verdade traz em si o obscuro, o indizível, nela ainda permanece o par de opostos verdade-falsidade. Mesmo percorrendo o caminho da verdade, haverá ainda sombras. “Ao poeta, não bastava ouvir a palavra, era preciso também ouvir o silêncio.”⁶

Para Freud, em princípio, as “evidências” sintomáticas o intrigam, pois não tão evidentes, irreconhecíveis pelas tramas psíquicas inconscientes que as constituíam, velavam e desvelavam verdades incontestes que, mesmo silenciadas, impossibilitadas de ascender à representação, permaneciam ruidosas. O profundo interesse que mantinha por seus pacientes permitiu avançar às evidências, dando real valor à obscuridade simbólica. Valor à obscuridade e a sua própria incongruência, em mostrar-se em muitas formações, de “cabeça para baixo”.

Heráclito, a quem são atribuídas as máximas: “a natureza gosta de se esconder” ou “a verdadeira constituição das coisas gosta de ocultar-se”, novamente demonstra o caráter enigmático atribuído à verdade, mesmo porque as palavras gregas mantêm uma estreita relação com o oráculo, pois embora portadoras da verdade, eram vizinhas do silêncio e dadas à decifração. A relação da palavra com o enigma passa a ser com o *logos*.

Se a palavra é *logos*, o *Logos* não é apenas palavra, ele a excede, desdobra-se como palavra e como coisa, nomeia o devir e o ser do devir. [...] A palavra de Heráclito é obscura porque conduz à clarificação. [...] A obscuridade de Heráclito, isto é, sua recusa da univocidade da palavra, é a sua clareza.⁷

⁶ Ibid., p.11-37.

⁷ Ibid., p. 46.

Em seu intento de reconhecer o lugar da palavra na Antiguidade, Garcia-Roza perpassa a poesia (*aedo*) homérica, a qual canta as proezas dos guerreiros, e não mais a soberania aristocrática, forma de exaltar a morte dos bravos e não fadá-los ao esquecimento. Ao guerreiro a palavra não visa à verdade (*alétheia*), mas à persuasão (*peithô*) diante dos cidadãos, configurando-se em um ensaio à democracia e a palavra-diálogo, que, então, passa a ser o exercício para a aquisição da virtude (*areté*) política. Surgem os sofistas, mestres da oratória, movimento significativo no mundo grego por levar a palavra ao plano social e por não tomá-la como forma de chegar à verdade. A palavra na *pólis* dessacraliza-se, a justiça perde sua base divina e os sofistas livram a palavra da *physis*.

Aristóteles, em *Retórica*, pressupõe uma ontologia para a existência de uma teoria da linguagem e argumenta que o discurso é *logos apophantikôs* (palavra reveladora), não toda palavra, mas aquela que tem caráter de proposição. Para este, as palavras são símbolos dos estados de espírito, e, como os sofistas, reconhece que o discurso humano é sempre discurso para o outro, mais voltado para o interlocutor do que para as coisas em si. Assim, Garcia-Roza identifica Freud em uma tradição platônico-aristotélica, enquanto teórico-conceitual, e sofista no que se trata da técnica clínica, que recupera a ambiguidade da palavra.⁸

Lacan destaca que “não é possível abordar seriamente a referência freudiana sem fazer intervir, além do assassinato e do gozo, na dimensão da verdade”, destacando, no entanto, que o “semi dizer é a lei interna de toda espécie de enunciação da verdade, e o que melhor encarna é o mito”. Faz-nos lembrar que Édipo queria saber a verdade e se

⁸ Ibid., p.100.

“deu mal”, e questiona, inclusive, até que ponto pode-se considerar este um “acabar mal”.⁹

O que é o amor à verdade? É uma coisa que zomba da falta a ser da verdade. Essa falta a ser, poderíamos chamá-la de outra maneira – uma falta de esquecimento, que se nos recorda nas formações do inconsciente. Não é nada da ordem do ser, de um ser de algum modo pleno. O que é esse desejo indestrutível de que fala Freud ao concluir as últimas linhas de sua *Traumdeutung*? O que é esse desejo que nada pode mudar, nem abrandar quando tudo muda? A falta de esquecimento é a mesma coisa que a falta de ser, pois ser, nada mais é do que esquecer. O amor à verdade é o amor a essa fragilidade, cujo véu nós levantamos, é o amor ao que a verdade esconde e que se chama castração. [...] jamais se entende o que é a verdade – é, a saber, a impotência.¹⁰

Dos remotos antecedentes às recentes e frustrantes tentativas de alocar definitivamente Freud em uma matriz filosófica, migraremos a referenciais que, contemporaneamente, atendem a algumas inquietações de uma época, de uma teoria múltipla e de uma prática, que perpassando já algumas gerações, ainda sobressaltam-se aturcidas, diante das semiverdades psicanalíticas ou a não toda verdade psicanalítica.

Iremos remeter-nos, inicialmente, ao Estruturalismo enquanto referencial que oferece elementos de estudos da linguagem, bem como pensar a expressiva influência que este referencial filosófico exerceu sobre as ciências humanas e ciência psicanalítica.

Isso porque “na antropologia estruturalista forja-se uma nova imagem do homem. Este é um ser simbólico e simbolizante, no sentido que está sempre imerso num mundo de significados e incessantemente estruturando seu universo num sistema significativo.”¹¹

O estruturalismo é uma referência interdisciplinar que redefine os parâmetros de racionalidade e os métodos das ciências humanas, um movimento intelectual hegemônico na França, durante os anos 50 e 60. Articulou os campos da

⁹ LACAN, Jacques. (1969-70) **O seminário, livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.109.

¹⁰ Ibid., p.49.

¹¹ FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. **Matrizes do pensamento psicológico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991, p.166.

antropologia (Claude Lévi-Strauss, Geoges Dumézil), linguística (Roman Jakobson, Émile Benveniste), crítica literária (Roland Barthes), reflexão filosófica (Louis Althusser, Michel Foucault de *As palavras e as coisas*) e Psicanálise (Lacan). Para o estruturalismo o homem não é “agente”, não é o centro dos interesses das ciências, mas as estruturas que o “agem”, as estruturas sociais. Os sujeitos não “falam”, mas são “falados” pela linguagem, sem que estes saibam. Trata-se de afirmar que as estruturas sociais são autônomas e inconscientes em relação à vontade individual.

Algo como uma defesa que coloca o sujeito à deriva da linguagem, das estruturas sociais, assim como das estruturas inconscientes, aparece no argumento estruturalista.

[...] transforma a linguagem no **fato social central**. Processos como trocas matrimoniais, modos de determinação de valor de mercadoria, organização do núcleo familiar, articulação de mitos socialmente partilhados seriam todos **estruturados como uma linguagem**, até porque a linguagem é antes de mais nada, um modo de organização, de construção de relações, de identidades e de diferenças. Neste sentido, ela fornece a condição de possibilidade para a estruturação de toda e qualquer experiência social.¹²

Lembremos das três feridas impostas ao narcisismo humano: a Terra não é o centro do universo (Copérnico), somos descendentes de primatas (Darwin) e “o homem não é senhor de sua própria casa” (Freud). O que fundamentalmente toca e interessa à psicanálise é esta assunção do inconsciente enquanto instância máxima determinante do psiquismo. Para a humanidade orgulhosa de suas conquistas racionais e consciente, do avanço sem par das ciências, isto constitui uma heresia: toda e qualquer posição que coloca os sujeitos à revelia de uma instância ou estrutura, inicialmente, inapreensível.

No resgate lacaniano, da concepção de inconsciente, a premissa se constrói assim: o inconsciente é estruturado como uma linguagem, aquele que organiza previamente toda experiência possível.¹³ Aqui, Lacan, abandona a noção psicológica de inconsciente e o concebe como de ordem sociossimbólica. Reedita seu intento de

¹² SAFATLE, Vladimir. **Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007, p.42-43.

¹³ *Ibid.*, p.45.

procura das bases sociopsicológicas da psicose, objeto de seu doutoramento, *Psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, desenvolvida em 1932.

Lacan-simbólico encontra-se entre os anos de 1953 a 1976, período em que o teórico revê Freud em seus seminários. Suas elaborações podem ser assim contemporizadas: Lacan e o imaginário (1936-1953), Lacan e o simbólico (1953-1976) e Lacan e o real (1976-1981), esta data última, ano de seu falecimento. Note-se que o período do simbólico coincide com os seminários de releitura das obras freudianas e, nesta fase, já se ocupa de um resgate teórico-político de Freud nas instituições psicanalíticas.

Massota compreende que não há dúvidas dos pontos de contato que permitem relações entre o pensamento freudiano e a etnologia de Lévi-Strauss, assim como empreende Lacan em suas articulações desse período.¹⁴ Rappaport considera que Freud foi estruturalista *avant la lettre*, ou seja, antes dos próprios estruturalistas, pelo alcance dos jogos de linguagem, evidenciado em suas obras.¹⁵ Em Fink, tem-se que há um distanciamento entre Lacan e o estruturalismo, pois esta matriz de pensamento descarta, como todas as ciências, o sujeito, e, embora a estrutura represente um elemento importante das ideias de Lacan, não representa tudo no desenvolvimento de seu pensamento. Lacan defende o sujeito e a estrutura.¹⁶

O antropólogo estruturalista Lévi-Strauss, que ancora essa articulação, parte da fonologia da Escola de Praga e caracteriza o método estruturalista como sendo o que identifica a trama oculta, a estrutura por detrás dos fenômenos visíveis e observáveis. Então, as identifica nas relações de parentesco que se remetem aos objetivos de troca, por exemplo, a mulher, assim como identifica o “pensamento simbólico” nos sujeitos.

¹⁴ MASOTTA, Oscar. **Introdução à leitura de Lacan**. São Paulo: Papyrus, 1998, p.32.

¹⁵ RAPPAPORT, Clara Regina; HASSAN, Sara Helena; MOLLOY, Carmem S. **Psicanálise: introdução à práxis Freud e Lacan**. São Paulo: EPU, 1992, p.90.

¹⁶ FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.51-56.

Lévi-Strauss, em um artigo sobre o simbolismo, compara este com o inconsciente freudiano e reconhece que as situações traumatizantes que ocorrem, retornam. Sua construção soa como um preanunciar a compulsão à repetição, a dinâmica pulsional, o gozo, como fenômenos na cultura?

Havendo um contexto psicológico, histórico ou social favorável, certos eventos podem precipitar uma cristalização afetiva, a qual se realiza segundo a forma de uma estrutura pré-existente. Comparados ao evento ou à anedota, estas estruturas (ou leis estruturais, para sermos mais exatos) são, de fato atemporais [...]. Essas estruturas ou leis estruturais constituem, em seu conjunto, o chamado inconsciente. O inconsciente deixa, pois, de ser o refúgio inefável das singularidades individuais, a sede de uma história *sui-generis* que faz cada um de nós um ser insubstituível; ele passa de uma forma de expressão, de um tipo de função – da função simbólica, que é especificamente humana, e se realiza em todos os homens segundo as mesmas leis.¹⁷

A consideração de que elementos de uma compreensão estruturalista em Freud é possível, revela-se por uma descrição de Lacan, que insiste na retomada deste, a partir de algumas obras em especial.

A estrutura, portanto é a linguagem e esta corresponde ao que Lacan denomina de simbólico. Assim todos os textos freudianos sobre a linguagem, apresentados entre 1900 e 1905, são obras que Lacan considera ‘Canônicas em matéria de inconsciente’: A interpretação dos sonhos, A psicopatologia da vida cotidiana e Os chistes e sua relação com o inconsciente. Mas estes textos não são os únicos. Vamos encontrar a máxima “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” no fetichismo, no caso da jovem homossexual, no estudo do sentido antitético das palavras primitivas, no ensaio sobre o estranho, etc.¹⁸

A existência de uma analogia entre o sujeito do inconsciente e o sujeito simbólico, constituído enquanto estrutura linguística social, é o intento de compreender o simbólico em que o sujeito é gerado, gera-se e o estabelece como norma, produzindo consequências sobre si e a cultura, intento impetrado por Lacan nesse reencontro com Freud. Esta posição não prevalecerá no pensamento lacaniano, no entanto o “segundo” Lacan não invalidará as proposições do “primeiro”.

¹⁷ LÉVI-STRAUSS apud GOEPPERT, Sebastian; GOEPPERT, Herma C. **Linguagem e psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1973, p.98.

¹⁸ JORGE, Marco Antônio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. **Lacan: o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.50.

Continuemos no propósito de compreender o porquê de uma atribuição estruturalista ao pensamento freudiano a partir do movimento francês.

Freud introduz uma subversão: o sujeito é relativo a outra cena ou ordem simbólica. [...] A localização do sujeito a respeito da língua é *heterotopa*, se situa em outro lugar. Mas, ao mesmo tempo, o que diz se sustenta em um código. [...] o que digo se sustenta em uma língua que me precede. É por isso que o que digo não esgota (a língua). Existe outra cena ou *ordem simbólica*. Aqui está preanunciado o Outro.¹⁹

O conceito de grande Outro está vinculado ao universo simbólico pré-existente ao sujeito. Universo com o qual este concorda em alienar-se sob o preço, se não o fizer, de constituir um alijamento subjetivo e social, alijamento de sua condição humanizada e humanizante. Veremos mais adiante como esta condição de alienação é esteio fundamental e necessário para o processo de separação do sujeito, que poderá advir conseqüências em sua vida psíquica futura.

O outro, designa um outro simbólico com diferentes faces a apresentar-se, para então diferenciar-se de um outro imaginário, outro especular. Assim como dentre os freudianos, Lacan situa a alteridade como um processo determinado inconscientemente. Somente a partir da leitura de *Estruturas elementares do parentesco*, de Claude Lévi-Strauss, define-se o conceito de “grande Outro”, postulando que, além das relações imaginárias, especulares, *o sujeito é determinado por uma ordem simbólica designada* “lugar Outro”, absolutamente diferenciada das relações com o outro, imaginário. Em 1957, em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, Lacan amplia e estende sua definição à relação transferencial, em que o sujeito interroga “que quer o Outro?” e, assim, interroga sua identidade, sobretudo sexual.²⁰

Ao apropriar-se do conceito de signo linguístico de Saussure, como unidade mínima da linguagem, Lacan elucida as formações psíquicas inconscientes, sendo que o

¹⁹ RAPPAPORT, Clara Regina; HASSAN, Sara Helena; MOLLOY, Carmem S. **Psicanálise**: introdução à práxis Freud e Lacan. São Paulo: EPU, 1992, p.81.

²⁰ ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel, **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 558-560.

recurso à linguística estrutural que ele propõe não é o acesso à estrutura da língua, âmbito desta ciência, mas acesso ao discurso. Cabas, em *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*, considera que existem dois níveis de linguagem: a língua pertence ao social; e a fala, ao individual. Lacan introduz um nível intermediário: o discurso, no qual as reflexões psicanalíticas ocorrerão. “Como definir, portanto, este discurso? [...] é a realização individual de todo o social que há na língua.”²¹

Com este movimento histórico e político, de certa forma gera-se a condição de um estreitamento da psicanálise com as ciências linguísticas e interpretativas. No entanto, Freud é quem delimita a estreita relação da psicanálise com estas, mesmo porque ele estava convencido de que a espécie humana diferenciou-se do animal em função de ter atingido níveis de socialização que transformaram suas ações, reguladas por pulsões em um agir “aceitável” pela cultura, mas não sem consequências patológicas, e sobre o agir comunicativo humano, demonstrado por uma série de construções simbólicas, sobretudo as formações do inconsciente. Sob esse aspecto, o elemento linguístico torna-se vértice de aproximação entre psicanálise e outras ciências, assim como vértice de aproximação a inúmeras produções culturais, permitindo aspirar, inclusive projetos de fusão a outros campos de conhecimento, pois esta interroga com veemência os modos instituídos de fazer ciência e as múltiplas produções culturais humanas.

Vejamos mais uma destas aspirações: Habermas, em uma citação de Antônio Gomes Penna, em “História e Psicologia”, revela tal propriedade.

A interpretação psicanalítica não se volta para complexos de sentido peculiares à dimensão daquilo que se intenciona conscientemente: seu trabalho crítico não elimina deficiências acidentais. As omissões e as alterações que ela suprime possuem um peso valorativo, pois os conjuntos simbólicos que a psicanálise procura compreender estão adulterados por influências internas. As mutilações possuem como tais, um sentido. Um texto adulterado dessa espécie só poderá ser satisfatoriamente apreendido em seu sentido depois que for possível esclarecer o sentido da corrupção enquanto

²¹ CABAS, Antônio Godino. **Curso e discurso da obra de Jacques Lacan**. São Paulo: Moraes, 1982, p. 70.

tal: é isto que caracteriza a tarefa particular de uma hermenêutica que não se pode limitar aos modos de proceder da filosofia, mas unifica a análise da linguagem com a pesquisa psicológica de complexos causais.²²

O filósofo considera a própria terapia analítica como a tentativa de ressimbolizar os conteúdos banidos, reintegrando-os na linguagem pública. A análise propicia interpretações que levam os sujeitos, imersos em uma falsa consciência, a reconhecer tais construções e, assim, autônoma e reflexivamente, a se reconhecerem. O próprio analista proporá interpretações que, se verdadeiras, são apropriadas pelo sujeito que reconstrói sua autobiografia.

Lacan, em sua ênfase de que a relação analítica é uma relação de amor à verdade, pondera que a nossa própria verdade nos é estranha, que são as coisas mais visíveis, as que estão mais a mostra, as que menos vemos, e que nenhuma verdade poderá encontrar-se, senão no campo em que ela se enuncia, da forma como puder.²³ Seu trabalho consiste em “entregar o ‘fio’ da verdade ao paciente”.²⁴

A psicanálise, então, enquanto uma modalidade de ciência ou arte interpretativa, abarca a possibilidade de laços com a linguística, a semiologia, a antropologia, literatura e áreas que estudem as construções simbólicas na cultura. Não é sem razão que Freud dá bases e alicerça suas construções, em seus aspectos teóricos e técnicos, na “Interpretação dos Sonhos” (1900). Uma vez que o sonho constitui um fenômeno simbólico psíquico que a humanidade, ao longo de sua existência, nunca desconsiderou. No entanto, conhecemos que outros fatos ocorreram, sobretudo, fatos clínicos que aguçaram a curiosidade de Freud pesquisador.

Retornando à história da construção do conhecimento psicanalítico, relembremos que Fraulein Anna O. chamou de *talking cure* o método de tratamento

²² HABERMAS apud PENNA, Antônio. **História e psicologia**. São Paulo: Vértice, 1987, p. 55.

²³ LACAN, Jacques. (1969-70) **O seminário, livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.55-70.

²⁴ Ibid., p.175.

que Breuer lhe tinha proposto, e, a partir do qual, Freud desenvolveu a psicanálise. Desde essa época até os nossos dias, o material sobre o qual se faz o trabalho da cura psicanalítica é um material, sobretudo, verbal. A regra fundamental dada pelo analista ao paciente consiste em exprimir verbalmente tudo aquilo que lhe vem à mente, enquanto o analista tem uma regra para ouvir a fala do paciente, a atenção flutuante, que lhe permite não privilegiar mais um aspecto do que outro e, assim fazendo, estar em condições de apreender o sentido oculto do discurso do sujeito. Dessa maneira, a maior parte dos escritos psicanalíticos está diretamente relacionada a questões de linguagem e simbolismo.²⁵

Lacan marca que alguns adeptos tomam a regra como fruto de um feliz acaso e a seguem ferrenhamente, embora considerem que Freud jamais soube o que estava fazendo. Resgata justo o contrário, pois Freud demonstra que “[...] o inconsciente não deixa nenhuma de nossas ações fora de seu campo.”²⁶

Vejamos como Freud, ao descrever as peculiaridades das construções substitutivas, expõe uma “teoria linguística” cuja elucidação permite lançar luz aos quadros clínicos por ele trabalhados:

Se nos perguntarmos a que atribuir o caráter de estranheza da formação substitutiva e do sintoma esquizofrênico, finalmente entenderemos que é a predominância da relação com a palavra em vez da relação com a coisa [*Sachbeziehung*]. Entre o espremer de um cravo e a ejaculação do pênis há uma semelhança objetiva relativamente pequena, que é menor ainda entre os inúmeros poros rasos e a vagina; mas, no primeiro caso, nas duas vezes algo espirra para fora, e no segundo caso, vale literalmente a frase cínica: “buraco é buraco”. Foi a equivalência da expressão linguística, e não a semelhança dos objetos definidos, que determinou a substituição. Portanto, é justamente nos aspectos em que palavra e coisa [*Ding*] não se equivalem que a formação substitutiva esquizofrênica se diferencia das neuroses de transferência. [...] ²⁷

O autor segue considerando que, na esquizofrenia, há uma recusa ou desistência de investimento na representação-de-objeto inconsciente, com um

²⁵ ANZIEU, Didier. et al. **Psicanálise e linguagem**: do corpo à fala. Portugal: Moraes, 1977, p.45.

²⁶ LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In.: _____. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1996, p.245.

²⁷ FREUD, Sigmund. **O inconsciente**. (1915). In.: _____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915)**. v. II. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p.48.

investimento mais intenso na representação-palavra *Pcs*, esperando-se justo o contrário, mas este funcionamento demonstra a tentativa de produção ou cura, tão evidente nestes quadros, esforço que visa recuperar objetos perdidos. No entanto, acabam tendo que se contentar com as palavras e não as coisas.²⁸

Freud, ao construir uma diferenciação das produções psíquicas nas diferentes estruturas, avança em uma diferenciação sobre o que ocorre nas neuroses de transferência, enlevando o valor da recusa do recalcado em associar-se à representação-palavra. Ainda mais, esboça uma lógica discursiva nas estruturas clínicas, que destinam as representações, às diferentes instâncias psíquicas; destino de “girarem em torno do mesmo sulco de um disco”, em repetições significantes infundáveis, enunciando sua peculiar musicalidade.

[...] nas neuroses de transferência vê-se precisamente o que é negado [*verweigert*] pelo recalque: ao rejeitar uma idéia ou representação, ele está recusando-se a aceitar a tradução da representação em palavras, pois essas palavras devem continuar associadas ao objeto. É a representação não revestida de palavra ou ato psíquico que não esteja sobre-investido que permanecerá como material recalcado no *Ics*.²⁹

Portanto Freud, muito precocemente, já havia dado um lugar de destaque à capacidade representativa da palavra, da linguagem. Apropriar-se de referenciais linguísticos leva-nos a correlacionar linguística e psicanálise. No entanto, a afirmação “o inconsciente é estruturado como uma linguagem não pertence ao campo da linguística [...] e sim ao campo psicanalítico.”³⁰ O que faltou à linguística, Lacan reinterpreta Freud à sua luz. E é, pois, freudiana sua origem.

Até então, enfatizamos unicamente o ser simbólico, de forma que se pode incorrer no equívoco de dar ênfase a uma dimensão racional e intelectual de um sujeito que se faz, sobretudo, de desejos, pulsões, afetos e suas possibilidades de

²⁸ Ibid., 51.

²⁹ Ibid., 49-51.

³⁰ QUINET, Antonio. (Org.). **Jacques Lacan: a psicanálise e suas conexões**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.142.

representações, mas não, exclusivamente, de símbolos, ou melhor, signos. Não esqueceremos que:

[...] nas mãos de Freud, o intelecto recebe escasso respeito. A noção de ‘razão entronizada’ transforma-se em mito e o homem racional entra em colapso no meio dos desejos freudianos. Pensamento e razão podem ser tudo menos forças dominantes na natureza humana; existem somente para servir aos grandes impulsos e desejos primaciais, que são os verdadeiros donos da conduta humana [...] a razão é sempre motivada por necessidades afetivas.³¹

Kehl apropria-se de uma premissa de constituição do sujeito freudiano para alertar aos devidos cuidados em um novo recorte sobre o sujeito do inconsciente. É enfática que a transposição pura, simples e linear não é cabível, mas há que se compreender a magnitude deste novo enfoque.

Não iremos muito longe se substituirmos simplesmente a “anatomia é destino” de Freud por “linguagem é destino”, no entanto o sujeito vem à luz pela via da palavra, ele, o sujeito, “advém” quando se atreve a fazer uso de um falo (no sentido daquilo que vem suprir uma falta): o falo da fala.³²

Dolto, em consonância com a radicalidade lacaniana, desenvolve um texto proveniente de uma conferência aberta a psicanalistas, educadores dentre outros, intitulada *O dizer e o fazer. Tudo é linguagem. A importância das palavras ditas às crianças e diante delas*. Nesta obra, a linguagem equipara-se à palavra e sua defesa gira em torno de que qualquer que seja a verdade, deve ser dita à criança, argumentando que sempre há uma forma. Considera que não há nada mais “fecundo e germinativo” no coração e no simbólico dos sujeitos do que a palavra, sendo que decodificar uma linguagem que perturbou o desenvolvimento é como “desfazer um feitiço”. Lembra-nos a irritação de Narciso com a ninfa Eco, que repetia o que ele dizia, enquanto ele ansiava pela diferença, pois a necessidade é repetitiva e o desejo é sempre novo.³³

Freud, em *Fragmentos da análise de um caso de histeria*, demonstra seus pessoais esforços em revelar os afetos recalcados à paciente relutante em reconhecê-los.

³¹ HEIDBREDEDER, Edna. *Psicologias do século XX*. 5. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981, p. 341.

³² KEHL, Maria Rita Bicalho. *Os deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997, p. 25.

³³ DOLTO, Françoise. *Tudo é linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.18-26

Disponha-se inclusive a explicar-lhe as múltiplas linguagens dos desejos e que “[...] a expressão dos afetos obedecem mais ao inconsciente do que ao consciente e são traiçoeiras para o primeiro.”³⁴

Assim, institui-se um novo sujeito que, sendo escutado, compreende que a sua fala e escuta de si precisam avançar sob os contornos que seu psiquismo constrói, muitas vezes, para a manutenção de um mutismo e uma surdez, inundando este sujeito, frequentemente, num campo verborrágico ou sintomático traiçoeiro, sim, à verdade desconhecida. Revela um sujeito que, para escutar-se, precisa da reverberação de um outro.

Schneider revela que Freud, em seu crescente de produções teóricas e clínicas, deparou-se com o “milagre de simplicidade”, ou seja, a palavra desvelaria o incompreensível na doença psíquica, até o momento em que se choca com o “poder das sombras”³⁵, o que então, põe em cena o poder maior da psicanálise. A pesquisa inicial de Freud, inclinando-se a uma orientação intelectualista, enfraquece os poderes da representação e depara-se com os problemas de uma técnica eminentemente interpretativa e os destinos da dinâmica pulsional.³⁶

O caminho anterior, simplista, considerando que a volta da representação esquecida pela ob-reação ou descarga de afetos trará a cura da neurose, minimiza um complexo de operações que ocorrem entre o sintoma e a representação recalcada. Impõe-se a questão sobre o que ocorre entre sintoma e a representação que a doença

³⁴ FREUD, Sigmund.(1905). **Fragmentos da análise de um caso de histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.63.

³⁵ Ver em *Freud pensador da cultura* no qual Renato Mezan desenvolve uma interrogação: “A “superestimação do poder da palavra” não se aplica também à psicanálise, fundada sobre os poderes da linguagem?” p.603.

³⁶ SCHENEIDER, Monique. **Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud**. Tradução de Mônica M. Seineman. São Paulo: Escuta, 1993, p.09-10.

tornara indisponível, assim como o *quantum* de afeto que torna a representação patogênica e deverá ser liberto pela emergência da linguagem.³⁷

Somente em *Além do princípio de prazer* está contida, mais precisamente, a organização significativa em combinação com a teoria pulsional e a compulsão à repetição. Obra em que pontua, preliminarmente, que seria fundamental “uma teoria filosófica ou psicológica que soubesse nos informar sobre os significados das sensações de prazer e desprazer tão imperativas para a psique.”³⁸ Freud segue seu propósito neste curso.

O texto surpreende com inserções de avaliações clínicas e técnicas que auxiliam no entendimento de suas elaborações. Expõe-nos o processo do *Fort-da*, apresenta sinceramente sua dúvida quanto à lógica inegável, “[...] não há dúvida de que todo desprazer neurótico é desta espécie: um prazer que não pode ser sentido como tal”. Descreve as alterações da técnica que migra da “arte de interpretação”, enquanto decifradora do inconsciente, para a ênfase nas resistências, e, só então, o reconhecimento da “transferência” pode ocorrer posteriormente. Mostra-nos a condição da pulsão de morte em que “o organismo não quer morrer por outras causas a não ser suas próprias leis internas” e que “buscar a morte a seu próprio modo é algo de cunho puramente pulsional, por isso está em oposição a uma ação inteligente.”³⁹

Denso, ansiando por uma síntese do que pode construir sobre alguns aspectos de seu entendimento da teoria e técnica, deixa, todavia, um legado fundamental: a relação da dinâmica pulsional e sua possibilidade de representação linguística.

³⁷ Ibid., p.33.

³⁸ FREUD, Sigmund. (1920). **Além do princípio de prazer** In. ____ Escritos sobre a psicologia do inconsciente. (1915-1920). v. II. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p.135.

³⁹ Ibid., p.135-163.

Lembremos, a partir de uma consideração de Freud, que o próprio conceito de pulsão é o mais importante e o mais obscuro objeto de investigação da teoria psicanalítica. Sendo que *Trieb*, termo polissêmico que resulta da fusão de duas palavras alemãs: *trip*, “o que impele” e *trift*, “o que é impelido”, abre um vasto arco de sentidos, aí contida a noção de origem e destino. O termo também denota uma acepção orgânica e representacional.

“[...] e cada momento deste arco é ora designado genericamente como “pulsão”, ora como “fonte”, “estímulo”, “representante”, etc. Assim, a pulsão não é fenômeno próprio do ser humano, é algo essencial a todos os seres vivos, apenas a representação psíquica da pulsão como linguagem é exclusivamente humana.”⁴⁰

A psicanálise escuta um sujeito simbólico, não para ouvir sua fala, mas para ouvir o que não fala. Ouvir o que vem através de suas produções do inconsciente, ouvir esse discurso atípico, ilógico, escamoteado, defensivo e sofrido: aparentemente (des)organizado, principalmente na forma do discurso histérico, um discurso do banimento da organização desejante dos sujeitos.

Momento crucial à reconstrução do pensamento freudiano foi seu encontro com Charcot, que demonstrava um “pensamento fora da consciência”, que não encontrava lesões, e sim “leis dinâmicas” nas patologias, e que reconhecia os processos de repetição. No entanto, Charcot mantinha o espetáculo, pois seu objetivo não era curar, e sim manter suas pesquisas, não temendo sequer o agravamento dos estados das internas. A “fala da louca” é para “mostrar” e ser submetida à fantasia do mestre: falar é confessar e o aspecto metafórico se perde.⁴¹

Maud Mannoni em *Elas não sabem o que dizem - Virgínia Woolf, as mulheres e a psicanálise*, relata a internação de Augustine, tomada por paciente de Charcot, quando é acometida por “ataques convulsivos” após, ser estuprada, aos 13

⁴⁰ Ibid., Nota do tradutor, 79. p.193.

⁴¹ MANNONI, Maud. **Elas não sabem o que dizem**: Virgínia Woolf, as mulheres e a psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.83.

anos, por seu patrão, amante de sua mãe. A paciente participa do teatro exibicionista em que seu drama não é levado em conta, e não se dá escuta à sua infelicidade.

Com a lembrança da cena do estupro, as contorções de Augustine reaparecem, pontuadas de injúrias: ‘Porco! Porco! Vou contar ao papai... Porco! Como você é pesado... está me machucando...ele me abria as pernas... Eu não sabia que era um bicho que ia me morder.’ [...] esgota-se com a violência que ela própria se impõe. Com seu corpo, ela oferece ao médico o que ele deseja saber, um saber que ela magnifica ao fetichizá-lo. Charcot exige sempre mais, até o dia em que Augustine reproduz 154 ataques num só dia. Ela então solta estas palavras acusadoras: ‘Você disse que me curaria: não era isso que você disse que faria? Você quer que eu peque?’ [...] tenta escapar à morte simbólica que a espera. Disfarçada de homem, foge da Salpêtrière. [...] Sua fala não tinha outra função senão continuar sendo ‘fala de louca’. As ‘loucas’, como se sabe, ‘não sabem o que dizem...’.⁴²

Em seus primórdios, não esteve a psicanálise, isenta do modelo médico, banindo, então, a emergência da palavra, da representação. Coube a Freud tirar as mulheres do teatro e levá-las à palavra; posteriormente Lacan as leva ao gozo. Este percurso está estritamente vinculado à continuidade da produção freudiana, que deixa, ao seu final, mesmo incompleta, uma teoria das pulsões e a descoberta da compulsão à repetição. Estas construções têm como matéria-prima a histeria para poder constituir-se o discurso psicanalítico.⁴³

Em 1957, sob o convite da Federação Nacional dos Estudantes de Letras, Lacan profere em Paris a conferência *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, na qual desenvolve uma elucidativa construção de seu pensamento em relação a Freud. Iniciemos por rever sua consideração de que, em Freud, percebe-se que o inconsciente não se confunde com primordial, nem o instintual, e que, fundamentalmente, ele conhece as estruturas significantes, reconhecidas de forma admirável na clínica freudiana, e que aí se identifica, sim, o horror à teoria e prática que

⁴² Ibid., p.84.

⁴³ BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Sujeito e História), 2001, p.83.

desnuda “Um pensamento que se faz ouvir no abismo e não a promoção da sexualidade, que provocou a resistência à psicanálise desde o início.”⁴⁴

Esta descoberta, a qual se fez revelar a Freud, denominada inconsciente, permite que um sujeito sirva-se de sua língua para significar algo totalmente diferente do que ela diz, e que, por excelência, os processos que ocorrem nos sonhos, - esta “outra cena” - a metáfora e metonímia, não diferem em nada em se tratando do uso da linguagem. No entanto, “a palavra” que por excelência revela a organização significante, não pode ser esquecida, é o chiste.

Ao descrever as duas funções significantes – metáfora e metonímia – Lacan reconhece o desejo como metonímia, aquela que tem o poder de contornar os obstáculos da censura social, mas não sem manter uma servidão a esta, trazendo a questão da falta; e a metáfora, função reveladora do sintoma que coloca a questão do ser.⁴⁵

Tal proposição surge sob a influência do movimento estruturalista, e Lacan introduz a ideia de Jakobson, que o convence sobre os dois processos fundamentais da linguagem: metáfora e metonímia, enquanto subversões mais radicais da linguagem, que atestam a supremacia do significante em relação ao significado, demonstrando, sobretudo a capacidade de dizer mais do que dizem.⁴⁶

Lacan, em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, convida os psicanalistas a um retorno à *Interpretação dos Sonhos* para resgatar-se a questão do enigma, pois o sonho tem a estrutura de uma frase. Lembra-nos dos sonhos da criança com suas representações primordiais e os dos adultos com empregos fonético, simbólico e significante, reproduzindo em algumas circunstâncias hieróglifos egípcios e caracteres chineses ainda preservados. Sugere a utilização de recursos da língua para este retorno.

⁴⁴ LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1996, p.253.

⁴⁵ *Ibid.*, p.239.

⁴⁶ GOEPPERT, Sebastian; GOEPPERT, Herma C. **Linguagem e psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1973, p.121.

Elipse e pleonasma, hipérbato ou silepse, regressão, repetição, aposição, tais são os deslocamentos sintáticos, metáfora, catacrese, antonomásia, alegoria, metonímia e sinédoque, as condensações semânticas, onde Freud nos ensina a ler as intenções ostentatórias ou demonstrativas, dissimuladoras ou persuasivas, retorsivas ou sedutoras, com que o sujeito modula seu discurso onírico. Sem dúvida, ele pôs em regra que é preciso procurar sempre aí a expressão de um desejo.⁴⁷

Assim, sempre atribuindo à Freud a autoria de uma compreensão do sujeito psíquico inconsciente em suas múltiplas manobras linguísticas, enfatiza que aí está dada a concepção de sujeito em psicanálise:

Ou melhor, o que ele nos propõe atingir, não é aquilo que possa ser objeto de um conhecimento, mas aquilo – não o diz ele? – que faz meu ser e do qual ele nos ensina que eu testemunho tanto e mais em meus caprichos, em minhas aberrações, em minhas fobias e em meus fetiches, do que em meu personagem vagamente policiado.⁴⁸

Deste modo, retoma e impetra uma das mais polêmicas construções em torno do sujeito e reclama uma compreensão em torno das tópicas freudianas, que, sob sua visão, estavam se perdendo. Enfatiza a noção de que “[...] penso onde não existo, portanto existo onde não penso”, e questiona a seguir: “Aquilo que pensa em meu lugar, é um outro ego?” [...] “Qual é, pois, esse outro a quem sou mais ligado que a mim, visto que, no seio mais consentido de minha identidade a mim mesmo, é ele quem me agita?”. Sem constrangimentos e sem vacilar, Lacan toma a Freud para respondê-lo: “Lá onde era isso, me é preciso chegar”, considerando que este é o apogeu do pensamento freudiano.⁴⁹

Em seus esclarecimentos sobre a organização significativa do aparelho psíquico, toma o signo linguístico em suas unidades mínimas. Para fazê-lo ilustra com os desenhos de duas portas idênticas, sendo que, sobre uma delas está escrito “Damas”, sobre a outra, “Cavalheiros”, considerando que se diferenciam a partir destes significantes. “Damas” difere de “Cavalheiros”, o que coloca os significantes em

⁴⁷ LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1996, p.132-133.

⁴⁸ *Ibid.*, p.257.

⁴⁹ *Ibid.*, p.248-255.

relação de diferença uns em relação a outros, e não por seus significados, mesmo porque não são fixados a estes. A relação do significante a outros e a fixidez ao significado impele à estabilização das significações. Diante disso, ocorre uma cristalização, ou colagem do significante ao significado, gerando a inércia da palavra, o que na clínica está associado ao sintoma.⁵⁰

Do pensamento freudiano quanto à organização psíquica, para uma transposição ao pensamento lacaniano quanto ao sujeito simbólico, advém a necessidade de compreensão das formações sintomáticas. A constituição sintomática está na relação ao vínculo entre significante e significado, constituintes do signo linguístico.

Apossamo-nos dos signos com a mesma violência com que eles se apossam de nós. O signo não espera docilmente pela nossa inteligência, até porque inteligência e docilidade não habitam o mesmo espaço. Não há inteligência sem violência, assim como a verdade não é o lugar do gozo.⁵¹

Schneider empreende uma observação crítica sobre esta modalidade de compreensão, que, não sem razão, gera uma série de oposições por estar minimizando a carga afetiva atinente ao psiquismo, que, muito posteriormente, Lacan irá resgatar no seminário *A Angústia* e, parcialmente, na construção do conceito de gozo. O humor pejorativo de Lacan sobre o afeto e sua polêmica com aqueles que querem preservá-lo é evidente, tal como em Green, que reitera o afeto como o próprio significante. Schneider contempla Jakobson em sua recusa de fazer do afeto o lugar do indizível, do inarticulado ou inqualificado, pois este reabilita a carga emotiva da linguagem.

Em *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*, delineia-se uma crítica ao pensamento lacaniano, no início da década de 70, considerando que, em torno da função da linguagem, não há consenso de que ela seja um processo combinatório o

⁵⁰ HASSAN, Sara Elena. As estruturas clínicas. In.: RAPPAPORT, Clara Regina. **Psicanálise: introdução à práxis – Freud e Lacan**. São Paulo: EPU, 1992, p.77.

⁵¹ GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e verdade na filosofia antiga e psicanálise**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.9.

qual regula o ocultamento e emergência do significante. Dentre alguns teóricos, linguagem é um processo inicialmente de comunicação, e não somente de simbolização, fundamentos estes tomados por uma vertente de linguistas. Jakobson considera que, no entanto foi tomada de forma simplista, e observa que o “impacto afetivo” não torna impura a atividade ideativa própria à linguagem, pelo contrário, faz parte de sua função de informar. Jakobson recusa a cumplicidade a esta corrente e reabilita a carga emotiva da linguagem.⁵²

A função emotiva, patente nas interjeições, colore em algum grau todos os nossos propósitos, nos níveis fônico, gramatical e lexical. Se se analisa a linguagem do ponto de vista da informação que veicula, não se tem o direito de restringir a noção de informação ao aspecto cognitivo da linguagem. Um sujeito, utilizando os elementos expressivos para indicar a ironia ou a ira, transmite visivelmente uma informação, e é certo que este comportamento verbal não pode ser assimilado a atividades não semióticas [...]. Supor que as diferenças emotivas são elementos não lingüísticos, atribuíveis à execução da mensagem, não à mensagem ela mesma, é reduzir arbitrariamente a capacidade informativa das mensagens.⁵³

Lacan percebe a intensidade crítica a sua postura estruturalista e argumenta que, de forma alguma, negligencia o afeto ou se desfaz dele, uma vez que esta condição já estava dada em seu seminário *A angústia* de 1962, no qual resgata a proposição deste afeto como central, em torno do qual tudo se ordena.

“Simplesmente dei toda a sua importância no determinismo da *Verneinung*, àquilo que Freud diz expressamente – que o que é recalcado não é o afeto. Freud recorre a esse famoso *Repräsentanz*, que traduzo por *representante da representação*, e que outros não por acaso, aliás, teimam em chamar *representante-representativo*, o que absolutamente não quer dizer a mesma coisa. [...] A minha comporta que o afeto, pelo fato do recalque, é efetivamente deslocado, não identificado, não demarcado em suas raízes – ele se esquia. Eis o que constitui o essencial do recalque. Não é que o afeto seja suprimido, mas sim deslocado, e fica irreconhecível.”⁵⁴

Considera que o sujeito é efeito do afeto, afeto sendo aquilo que causa. Ao afeto atribui que se pode denominar de pequeno *a*, denominação ao objeto causa de desejo, sendo que *a* é o efeito que faz surgir a causa, efeito do discurso. Lacan considera

⁵² SCHENEIDER, Monique. **Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud**. Tradução de Mônica M. Seineman. São Paulo: Escuta, 1993, p.33.

⁵³ JAKOBSON apud SCHNEIDER, 1993, p.33.

⁵⁴ LACAN, Jacques. (1969-70) **O seminário, livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.136.

posteriormente que *a* é feminizante, que o homem desaparece na análise em função de *a* e em sua relação transferencial ao analista que aí ocupa seu lugar, posição “inérita” e “paradoxal”.⁵⁵

Retomando conceitos e os reintroduzindo em seus ensinamentos, paulatinamente, ao distanciar-se do estruturalismo não desconsidera suas construções deste período, surge um novo lugar ao afeto, sem abandono do sujeito simbólico. No entanto, o sujeito da fala passa a sujeito de gozo, sua noção de sujeito se transforma de “falasser”, vinculado ao “aparelho de linguagem” ao “aparelho de gozo”, mas sem nunca ignorar que “o dizer não tem valor pelo dito e sim pela posição discursiva.”⁵⁶

Pela compreensão destas posições discursivas, desdobra-se uma técnica implicada em uma ética indissociável da prática analítica. André, em *O que quer uma mulher?*, resgata a condição do discurso psicanalítico vinculado à ética do bem dizer, pois a “Ética do bem dizer é estar presente como sujeito no discurso.”⁵⁷ E, assim, questões afetivas, estruturais, discursivas e linguísticas se enlaçam no leito psicanalítico, para advir um sujeito.

Tal questão nos faz lembrar o que, precipitadamente, Freud fez com Dora, ao questioná-la sobre a responsabilidade que possuía no enredo que denunciava,⁵⁸ e, assim, ao “falasser” humano, sujeito de gozo, sobretudo feminino, passou-se a não mais deixar de interrogá-lo e nem mesmo ignorar-lhe a posição subjetiva que ocupa em seus laços sociais e afetivos, dos quais se queixa, sofre, ou tenta não conhecer. Esta implicação subjetiva, a partir das interrogações de Freud, das relações dos sujeitos com sua posição subjetiva, com seus discursos, jamais poderá deixar de ser impetrada em

⁵⁵ Ibid., p.144-149.

⁵⁶ CALDAS, Heloísa. *Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007, p.99.

⁵⁷ ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.251.

⁵⁸ QUINET, Antonio. *As 4 + 1 condições da análise*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

vários contextos. Algo tentador, ainda em nossos tempos, àqueles a quem interessa uma não implicação com o que lhes causa.

II. A LINGUAGEM HISTÉRICA EM FREUD E O DISCURSO HISTÉRICO EM LACAN

A construção de uma teoria e uma técnica cujas bases encontram-se na compreensão de uma discursividade das manifestações inconscientes dos pacientes, somente foi possível pelo encontro de Freud com a feminilidade. Uma história de avanços e retrocessos e, sobretudo, uma relação conflituosa de Freud com suas descobertas.

Birman, em *Gramáticas do erotismo*, ao referir-se à condição da mulher nos tempos freudianos, considera que o nervosismo feminino era de ordem histérica e que, sendo mulher, estaria fadada a acometer-se de um episódio, em algum momento da vida. A versão de Hipócrates sobre a histeria enquanto o deslocamento do útero ainda perdurava; fazendo herdeiros que mantinham a visão biológico-hereditária para as patologias psíquicas. As pacientes, no entanto, desorientavam os médicos que se norteavam pela relevância anátomo-clínica. Ao frustrar a aliança médica com os conhecimentos da época, eram jogadas ao limbo da simulação, mentira e maldição. O autor considera que Freud desconstrói a leitura anátomo-clínica e nervosa da histeria e transfere a dramaturgia histérica para o erótico-passional. Através de uma investigação arqueológica – a arqueologia dos sentidos – estabelece a gramática e a semântica do sintoma histérico.

Ao obstinado e ousado pesquisador, Birman atribui um reconhecimento da “positividade das virtudes morais” e da “fortaleza ética” feminina para suportar com grandeza as perturbações e para falar com liberdade e fluência. Afinal, eram convidadas a falar a este homem que as faz migrar “do mundo dos demônios, dos nervosos e dos

degenerados para o campo do erotismo e do inconsciente.”¹ Freud não se furta a escutar este saber erotizado apesar de manifestas resistências e objeções de seus contemporâneos, médicos ou não.

A subversão ao modelo diagnóstico e terapêutico vigente altera parâmetros culturais e sociais nos quais se inseria a sintomatologia histérica feminina. A histeria pôde constituir não só uma revolta, mas uma força revolucionária, e a ela deve-se muito das conquistas femininas, pois a mulher ao afirmar-se na sua diferença, incomoda a ordem estabelecida.² Qual ordem estabelecida vê-se abalada? A ordem científica, a ordem médica? Enlaçadas, ambas, a uma ordem cultural, social e política, todas inabaláveis?

Laplanche define a histeria como uma modalidade de neurose em que se apresentam quadros clínicos variados, considerando que as manifestações mais comuns são a histeria de conversão e a histeria de angústia. Ao discorrer sobre as questões que esses quadros trouxeram à medicina, o autor argumenta que Freud rompe, realmente, com as anteriores hipóteses etiológicas e considera a histeria uma “doença por representação”.

Ao descrever a histeria de angústia, cuja principal marca é a fobia, Freud faz uma diferenciação, destacando que a libido que o recalque desligou do material patogênico não é, nesse caso, convertida, mas liberada sob a forma de angústia. A formação dos sintomas fóbicos tem sua origem num trabalho psíquico para ligar psiquicamente a angústia que ficou livre a uma representação fóbica.³

Quanto à histeria de conversão, temos:

¹ BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Sujeito e História), 2001, p.84-164.

² MANNONI, Maud. **Elas não sabem o que dizem**: Virgínia Woolf, as mulheres e a psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.95.

³ LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertand. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.211-212.

O termo “conversão” é para Freud correlativo de uma concepção econômica; a libido desligada da representação recalçada é transformada em energia de inervação. Mas o que especifica os sintomas de conversão é a sua significação simbólica: eles exprimem, pelo corpo, representações recalçadas.⁴

Observa-se que, nas duas modalidades de histeria, o que aparece é uma representação. Para Lacan, são significantes cujos significados abaixo da barreira de repressão estão desconhecidos. Essas típicas formas de “linguagens” ou discursos histéricos evidenciam uma dinâmica psíquica, cujos simbolismos aparecem como traços predominantes. Contemporaneamente, apesar da modificação da sintomatologia histórica, podemos ver claramente as “conversivas” invadindo inúmeros espaços clínicos, médicos ou não, ambientes cujos enigmas da constituição dos quadros ainda estão presentes.

Lacan enfatiza o processo de que falamos com o próprio corpo, sem o saber, sendo que o que fala sem saber é o que me faz eu. Existimos enquanto corpos falantes, ocupando-nos de construir uma ideia do mundo para nós mesmos, e esta construção está em estreita relação com a realidade do inconsciente. “O real, eu diria, é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente.”⁵

Voltemos a essa linguagem por “representação” ou por “substituição”, visto que essas se remetem a formações do inconsciente enquanto formações substitutivas de representações recalçadas e que imploram, insistem e encontram, sim, invariavelmente, uma forma de se expressar.

Freud faz uma distinção entre representações-coisa e representações-palavra.⁶ As primeiras referem-se ao sistema inconsciente, e o sistema consciente

⁴ Ibid., p.103.

⁵ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20.** Mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.150-178.

⁶ No verbete *Representação de coisa, Representação de palavra* Laplanche esclarece as constantes construções de Freud para compreender como uma se transforma em outra e seus vínculos com os registros visuais e acústicos respectivamente.

engloba representações-palavra e representações-coisa. As origens dos conceitos dessas representações estão esboçadas nos estudos sobre as afasias.⁷

No entanto, em *O inconsciente*, sua reelaboração ressitua a diferença entre os processos, as ideias conscientes e inconscientes de forma extremamente lúcida, valorando o lugar da palavra, das representações nos processos psíquicos, assim como nos lembrando do lugar destas na neurose de transferência.

As duas não são como pensávamos, diferentes registros do mesmo conteúdo situados em locais psíquicos diferentes. Tampouco são diferentes estados funcionais de investimentos de carga aplicados ao mesmo local. Uma representação [*Vorstellung*] consciente abrange a representação-de-coisa [*Sachvorstellung*] acrescida da representação-de-palavra [*Wortvorstellung*] correspondente, ao passo que a representação [*Vorstellung*] inconsciente é somente a representação de coisa [*Sachvorstellung*]. O sistema *Ics* contém os investimentos de carga referentes à coisa [*Sache*] que faz parte do objeto; na verdade, estes são os primeiros e verdadeiros investimentos de carga no objeto. Quanto ao sistema *Pcs*, este surge quando essa representação-de-coisa, ao ser vinculada às representações-de-palavra que lhe correspondem, recebe uma camada de sobreinvestimento de carga [*Überbesetzung*]. Assim, podemos supor que são os tais sobreinvestimentos de carga [*Überbesetzung*] o fator que leva a uma organização psíquica mais elevada e possibilita a substituição do processo primário pelo processo secundário dominante no *Pcs*. Agora, também podemos expressar de forma precisa o que nas neuroses de transferência é negado [*verweigert*] pelo recalque: ao rejeitar uma idéia ou representação, ele está recusando-se a aceitar a tradução da representação em palavras, pois essas palavras devem continuar associadas ao objeto. É a representação não revestida de palavras ou o ato psíquico que não esteja sobreinvestido que permanecerá como material recalcado no *Ics*.⁸

Portanto, Freud nos descreve a emergência de uma dinâmica linguística, ou semiológica na vida psíquica dos sujeitos. No caso de Freud, aquilo que está banido da consciência, ou seja, recalcado, não deixa mesmo assim de fazer-se representar. Sabemos que a função da representação remete-se à função de representar a pulsão, enquanto um limite entre o psíquico e o somático. Verificamos que, nas duas principais modalidades de histeria, o corpo em cena traz o recalcado, representado, que fica marcadamente presente.

⁷ LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.450.

⁸ FREUD, Sigmund. (1915). **O inconsciente**. In: _____ Escritos sobre a psicologia do inconsciente. (1915-1920). v. II. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p.49.

Aos 35 anos, Freud acabava de mudar-se para Bergasse 19, onde publica *Sobre as afasias* (1891). É uma obra crítica que coloca em questão a neurologia localizacionista. Nela impugnou a noção estanque das localizações cerebrais e refere-se ao aparelho psíquico como “aparelho de linguagem”. As considerações sobre o discurso afásico, então, prenunciam o discurso histórico. Ao descrever as perturbações neurológicas cujo universo é o território do córtex cerebral, estava antevendo uma discussão futura, hoje reconhecida por seus estudiosos:

[...] discurso afásico, com seus efeitos de sujeito, é concebido como ilações de mau funcionamento do aparelho, como distúrbios necessitando ser corrigidos ou atenuados. No entanto aquilo que nesse aparelho aparece como falha será precisamente o que terá as mais importantes conseqüências para o futuro teórico do aparelho de linguagem. O “discurso afásico” não alcançou o estatuto de “discurso histórico”, ainda que sua antecipação seja hoje em dia evidente.⁹

No capítulo *O aparelho da linguagem*, Rodrigué referencia Ernest Jones, que opina ser a noção de “conversão” derivada de investigação, realizada sete anos antes sobre a natureza das paralisias históricas. Na histeria, a perturbação reside na esfera psicofísica, em que o corpo e a mente encontram-se em conexão.¹⁰

Dos processos psíquicos que caracterizam a histeria, os processos identificatórios que lhes ocorrem, também marcam significativamente seus discursos. Podemos entender, por um determinado viés, que os sintomas históricos são sintomas por identificação. Freud, ao explanar sobre o sonho da *Bela Açougueira*, pergunta-se sobre a significação da identificação histórica.

Já Freitas ressalta que a linguagem histórica cruza-se, sobrepõe-se com a linguagem da identificação. E, remetendo-se a Freud, pontua que:

A identificação é um fator altamente importante no mecanismo dos sintomas históricos. Ela permite aos pacientes expressarem, em seus sintomas, não somente suas próprias experiências, como também as de um grande número

⁹ RODRIGUÉ, Emilio. **Sigmund Freud** – O século da psicanálise: 1895-1995. São Paulo: Escuta, 1995, p.264.

¹⁰ *Ibid.*, p.265-266.

de pessoas; ela lhes permite, por assim dizer, sofrer em nome de toda uma multidão de pessoas e desempenhar todos os papéis numa mesma peça.¹¹

O conceito de identificação, em especial de identificação histórica, foi objeto de preocupação de Freud e, posteriormente, de Lacan, que desenvolve os conceitos de identificações simbólicas, imaginárias e fantasísticas.

Em Freud, o conceito refere-se a uma modificação que ocorre no espaço psíquico de um sujeito. Processo inconsciente em que o eu transforma-se em um aspecto do sujeito. Em Lacan, um processo identificatório está para designar o que ocorre no surgimento de um novo sujeito.¹²

Novamente, Freitas considera que Freud, ao relatar o caso Dora, estava mostrando a especificidade da histeria, no que se refere às suas múltiplas identificações e as consequências psíquicas destas. Dora fazia uma identificação com os ganhos de fuga para a doença e, ao comportar-se como uma esposa ciumenta, identificava-se com a mãe. A tosse remetia-a também ao pai, o catarro provinha de uma patologia materna, o fascínio pela senhora K., e, assim, percebe-se, que o jogo identificatório é uma constante no quadro histórico.

Dora denuncia toda a trama da quadriga, acusa e se faz de vítima onde é, entretanto, cúmplice. Ignora suas próprias motivações ao apresentar os sintomas, que nada mais são que identificações, que apontam para um total desconhecimento de si mesma.¹³

Freud, em sua primeira etapa de construção do conceito de identificação, a trata como um desejo recalcado de “agir como”, de “ser como alguém”, processos descritos à Fliess em carta de 17 de dezembro de 1896. Posteriormente, insiste em diferenciar a identificação histórica e a imitação histórica. A identificação histórica trata-

¹¹ FREUD apud FREITAS, Luiz Alberto de. **As identificações na obra de Freud**. Biblioteca de psicanálise. Sociedade de Psicanálise Iraci Doyle, 2000, p.36.

¹² NASIO, Juan David. **Lições sobre os 7 conceitos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p.101.

¹³ FREITAS, Luiz Alberto de. **As identificações na obra de Freud**. Biblioteca de psicanálise. Sociedade de Psicanálise Iraci Doyle, 2000, p.49.

se de “deduções inconscientes”, exprimindo um “como se”, uma comunhão que persiste no inconsciente.

Em 1925, em *A dissolução do complexo de Édipo*, estabelece a diferenciação entre investimento de objeto e identificação. Observa que o complexo de Édipo oferece ao sujeito duas formas de satisfação libidinal: a ativa e a passiva. Na primeira, a pretensão é colocar-se no lugar do pai, na segunda ocupar o lugar da mãe, sendo que, ao perceber que ocupar estas posições não é sem consequências quanto à castração, estes investimentos são substituídos por identificações, quando bem-sucedidas, identificações superegoicas.

Lacan edifica à identificação um lugar em sua teoria, primeiramente enquanto uma posição imaginária, vinculada ao estágio do espelho. Depois a situa nos três tempos do Édipo: primeiramente a identificação com o que se presume do desejo materno, depois a descoberta da lei do pai e, posteriormente, a simbolização desta lei que dá um destino ao desejo materno, para serem possíveis identificações posteriores para a constituição do sujeito.

Na década de 60, Lacan define a identificação como o *um*, esteio da diferença, diferente do *um* como marca do único. “[...] Lacan situa o fundamento da identificação inaugural, a do sujeito distinto do eu, no traço unário, essência do significante, que é o nome próprio.” Integra à teoria do significante outros dois tipos de identificação freudiana: a identificação primária, vinculada ao pai simbólico, e a identificação histórica, associada ao vetor do desejo do desejo do Outro, evocado pelo “Que queres?”, marca da dependência incontornável do sujeito ao simbólico.¹⁴

Dor nos encaminha à correlação da identificação histórica à castração. Enfatiza que o objeto do desejo edipiano é o falo, e o sujeito histórico sente-se

¹⁴ ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel, **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.363-365.

injustamente privado dele, advindo consequências identificatórias que levam-no a procurar um “modelo” em quem responde às suas questões quanto à feminilidade. Esta solução, uma estratégia neurótica, não contribui à condição de aceitar não ter o falo, para, então, se permitir meios à sua posse. “Com efeito, aceitar não *tê-lo* é potencialmente poder identificar-se com aquela que não o tem, mas que o deseja junto àquele que é suposto tê-lo.”¹⁵ Para Quinet, o discurso histérico é uma resposta ao mal-estar na civilização, assim, o “sujeito sustenta-se num faz-de-conta fálico”.¹⁶

Portanto o histérico reveste-se de objeto desvalorizado e incompleto para marcar o contrário, isto é, o que gostaria de ser: o falo, completo e ideal. Por essa razão, coloca-se a serviço de uma identificação fálica. O autor acrescenta que o histérico sempre se coloca em situações em que um narcisismo fálico possa ser encenado. Assim, todos esses investimentos são artimanhas para evitar o encontro com o inevitável: a castração.

Este “narcisismo fálico” se exprimirá favoravelmente sob uma forma espetacular e imoderada: o *dado a ver*, isto é, *posto em cena*. Trata-se sobretudo, para o histérico, neste *pitiatismo*, de se oferecer ao olhar do Outro como encarnação do objeto ideal de seu desejo. Para fazer isso, o sujeito aí se identificará tanto por seu *corpo* como por sua *palavra*. O essencial sendo aparecer como um “objeto brilhante” que fascina o Outro.¹⁷

Lacan fez do falo, a partir de 1956, o próprio significante do desejo, inicialmente como falo imaginário, depois como o falo da mãe, antes de constituir a ideia de falo simbólico. Ao revisitar “a teoria freudiana dos estádios, da sexualidade feminina e da diferença sexual, mostra que o Complexo de Édipo e castração, consistem em uma dialética “hamletiana” do ser: ser ou não ser o falo, tê-lo ou não o ter”.¹⁸

¹⁵ DOR, Joel. **Estruturas clínicas psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Taurus, 1991, p.70.

¹⁶ QUINET, Antonio. (Org.). **Jacques Lacan: a psicanálise e suas conexões**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.186.

¹⁷ DOR, Joel. **Estruturas clínicas psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Taurus, 1991, p.73.

¹⁸ ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel, **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.221.

A teoria freudiana sobre a castração provém da compreensão acerca da organização sexual infantil e toda a fantasmática atinente a esse processo, que está descrita na organização do complexo de castração e complexo de Édipo. Nasio, em *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*, ao discorrer sobre castração, sistematiza tais ocorrências, a partir de Freud. Vamos nos ater ao complexo de castração na menina.

Figura 1. Complexo de castração na menina.

Esquema do complexo de castração na Menina
Ódio pré-edipiano
Primeiro tempo Universalidade do pênis (clitóris) (Ausência de ameaças verbais)
Segundo tempo Visualmente comparado ao pênis, o clitóris é “inferior”
Terceiro tempo A mãe é castrada “Fui castrada como ela”, pensa a menina Emergência da inveja do pênis Ressurgimento do ódio
Tempo final Separação da mãe Desejo voltado para o pai e para outros homens Fim do complexo de castração e Nascimento do complexo de Édipo

Fonte: Nasio (1995)¹⁹.

Ao final de todo o percurso da organização fálica, resta ao feminino o Édipo. Nasio acentua que “o complexo de Édipo é o futuro ‘normal’ da mulher” e, para tanto, remete-se a Freud. “Seu desejo, no fundo insaciável de possuir um pênis, pode encontrar satisfação quando ela consegue complementar seu amor pelo órgão com o amor pelo homem que é portador deste.”²⁰

Em *Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos*, James Strachey, ao introduzir o referido artigo, considera nele estar contida uma reavaliação completa de Freud sobre o desenvolvimento psicológico das mulheres,

¹⁹ NASIO, Juan David. **Lições sobre os 7 conceitos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p.22.

²⁰ FREUD apud NASIO, 1995, p.27.

assim como demonstra neste, todos os princípios dos trabalhos posteriores sobre o assunto.²¹

Na introdução, são lembrados que, desde a *Interpretação dos sonhos* (1900), assim como em *Lições introdutórias* (1916-1917) e *Psicologia de grupo* (1921), Freud considera os processos do Édipo análogos entre meninos e meninas. No entanto, no artigo *Sobre a organização genital infantil* (1923), o autor reconhece que está realizando uma descrição do que ocorre com os meninos, pois desconhece o que ocorre na menina.

Somente em *O ego e o id* (1923), Freud começa a reconhecer uma diferenciação e encaminha-se para produções que as contemplam: *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), *Sexualidade feminina* (1931), *Novas lições introdutórias* (1933), e capítulo VII do póstumo *Esboço de psicanálise* (1940). Todas essas produções, não significa que, em trabalhos anteriores, Freud não havia percebido peculiaridades nos dois sexos.

Entretanto, percebe-se que em *O ego e o id* (1923), uma hipótese diferencial para os dois gêneros é aventada: de que significativas diferenças entre seus complexos de castração e de Édipo implicam a ulterior construção de seus superegos.²² Freud observa que a menina, ao perceber a diferença anatômica, “cai vítima da inveja do pênis”, mas “faz seu juízo e toma sua decisão. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo.”²³

O autor percebe alguns possíveis impeditivos a este percurso: o complexo de masculinidade, ou uma rejeição da castração, geradora de uma recusa enrijecida, e que, se permanecendo na vida adulta, poderá ser prenunciadora de uma psicose.

²¹ FREUD, Sigmund. (1925). **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.273.

²² Ibid., p.274-276.

²³ Ibid., p.281.

Consequências à inveja do pênis poderão desenvolver-se, tais como: o ciúme, o desenvolvimento da fantasia “uma criança é espancada”²⁴, o afrouxamento da relação afetiva da menina com seu objeto materno e o abandono da masturbação clitoridiana, estes, facilitadores, então, do desenvolvimento da feminilidade.

Com estes facilitadores, o pai transforma-se em objeto de amor e a mãe, de ciúme. Aparece o desejo de um filho, no entanto consequências extremamente importantes sobre a subjetividade feminina podem, então, advir.

“Nas meninas está faltando o motivo para a demolição do complexo de Édipo. A castração já teve seu efeito, que consistiu em forçar a criança à situação do complexo de Édipo. Assim, esse complexo foge ao destino que encontra nos meninos: ele pode ser plenamente abandonado ou lidado mediante a repressão, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres. Não posso fugir à noção (embora hesite em lhe dar expressão) de que, para as mulheres, o nível daquilo que é eticamente normal, é diferente do que ele é nos homens. Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens. Os traços de caráter que críticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres – que demonstram menos senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade – todos eles seriam amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego que acima inferimos. Não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões pelas negações dos feministas, que estão ansiosos por nos forçar a encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor; mas, naturalmente, concordaremos de boa vontade que a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto.”²⁵

Note-se que Freud não abdica de sua posição quanto às diferenças sexuais, seguro de suas constatações, mas, ao mesmo tempo, reconhecendo a incerteza²⁶ quanto a uma possível pureza da masculinidade e feminilidade, sem entronizar uma posição ou outra, muito pelo contrário, sugerindo um aquém ao ideal.

²⁴ Ver nesta obra que Freud considera ser esta fantasia uma “reliquia” do período fálico nas meninas.

²⁵ FREUD, Sigmund. (1925). **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.286.

²⁶ Freud sugere que outros autores interroguem seus pressupostos. Cita Abraham (1921), Horney (1923) e Helene Deutsch (1925) como autores que tocam em seus achados, sem coincidir com suas posições.

Autores atentos ao chamado freudiano para as interrogações à sua obra ampliam suas constatações sobre as consequências decorrentes das múltiplas identificações do Édipo feminino, sobre a subjetividade destas. No aspecto fomentador de patologias atinentes à mulher, constatadas por Freud, é premente que “Ela se empenha em “pôr em ordem” suas imagos parentais”, mesmo porque ali ocorre a cisão entre o querer e o desejar vinculados às figuras materna e paterna, que geram o imobilismo, a inibição, a patologia.²⁷

Freud foi duramente criticado quanto a seus postulados sobre os destinos do feminino, o masoquismo atinente ao feminino, sua fragilidade superegoica e limitações nos processos sublimatórios. No entanto, este contribui no desvelar do mal-estar atinente a estas qualificações, sem omiti-las, inclusive às mulheres, sem ignorá-las, em absoluto.

Lacan, também crítico, pergunta em *O avesso da psicanálise*, se tudo o que Freud pode fazer pelas histéricas foi o *penisneid* e ainda “por que substitui o saber que recolheu de todas essas bocas luminosas: Ana, Emmie, Dora, por esse mito, o complexo de Édipo?” Avança considerando que, em *A bela açougueira* e em Dora, em suas relações com outras mulheres, elas sequer percebem que abandonam suas reivindicações penianas, ficando felizes ao deixar o objeto para uma outra. Pondera que há outras soluções, embora considera esta a mais escandalosa, demonstrando a “assunção do sujeito, feminino ou não, do gozo de ser privado”. Neste momento, Lacan considera que o discurso da histérica deveria ter sido melhor guia do que o complexo de Édipo.²⁸

²⁷ ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud e a mulher**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.8.

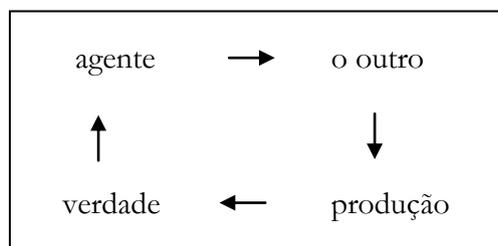
²⁸ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.70-94.

Lacan redefine a linguagem histórica freudiana a partir de novos parâmetros e a descreve como discurso histórico. Ao postular quatro modalidades discursivas, Lacan dá esteio para a compreensão da organização da subjetividade, nas modalidades históricas ou não, assim como postula uma lógica de construção de saberes e relações dos sujeitos, vigentes na cultura, permanecendo em seu propósito: o reconhecimento do todo social que há no indivíduo, e também o seu contrário.

Os seres falantes, ao endereçarem seus discursos ao outro, os organizam como forma de organização do próprio desejo, sendo que o discurso não se manifesta no sujeito, mas sim na linguagem. Um sujeito não produz um discurso a seu próprio comando; ao contrário, o discurso conduz o sujeito. Tampouco, um sujeito está fixado a uma modalidade discursiva: transita por estas sem percebê-lo. Os discursos habitam o sujeito, apesar dele, e ele não os escolhe. Os discursos não estabelecem uma hierarquia entre si, não representam a saúde ou a patologia, ou alguma entidade clínica. Nenhum deles possui o caráter de verdadeiro, embora produzam efeitos de meia-verdade.²⁹

Os quatro discursos possíveis, descritos em 1969, são cadeias significantes que se definem por sua alocação, em rotação e em lugares diferentes desta cadeia. Trata-se de quatro pontos fixos e quatro significantes que giram nestes pontos, sendo que a rotação irá singularizar cada um dos discursos.

Figura 1 - Representação dos lugares fixos do algoritmo.³⁰



²⁹ LANDER, Rómulo. Con Lacan y después de Lacan. In: XXIII CONGRESO LATINOAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 2000. *Anais*. Gramado, RS, 2000, p.45.

³⁰ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.161.

Relativo aos elementos deste esboço, convém elucidar, mesmo que simplifiadamente, alguns elementos. O agente é o lugar da aparência, lugar onde o sujeito sustenta a palavra que dirige ao outro. A verdade é o lugar do saber inconsciente, sempre meia verdade a ser revelada pela produção do outro. O outro é o lugar de quem sempre se espera algo ou de quem produzirá um efeito sobre o sujeito. A produção é o lugar onde aparece o que o sujeito crê que produziu o outro, sob efeito de sua palavra. Entre a produção e a verdade há uma disjunção, uma relação de impotência.³¹

Figura 2 - Representação das modalidades discursivas.

Discurso do Mestre	Discurso Universitário
$\frac{S_1 \rightarrow S_2}{\$ \neq a}$	$\frac{S_2 \rightarrow a}{S_1 \neq \$}$
Discurso da Histeria	Discurso Analista
$\frac{\$ \rightarrow S_1}{a \neq S_2}$	$\frac{a \rightarrow \$}{S_2 \neq S_1}$

Quanto aos significantes que giram no algoritmo, S_1 representa o significante amo, mestre, representa o sujeito que fala; S_2 é o significante que representa o saber; $\$$, o sujeito do inconsciente; a , pequeno a , objeto causa do desejo, *plus* de gozo.³²

No seminário 17, em que Lacan postula os quatro discursos, inicialmente desenvolve considerações sobre a constituição do sujeito, que emerge da relação de um significante ao outro, o que se desenrola no campo denominado A, campo do grande outro. Nesta bateria de significantes, constitui-se uma rede que denomina rede de saber.

³¹ Ibid., p.27

³² LANDER, Rómulo. Con Lacan y después de Lacan. In: XXIII CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 2000. *Anais*. Gramado, RS, 2000, p.45-48.

No campo do saber em que se constitui o sujeito, enfatiza que “não há nada em comum entre o sujeito do conhecimento e o sujeito do significante”.³³

Neste trajeto, há o que denomina perda, um objeto perdido que o autor denomina *a*, para Lacan, uma herança do discurso freudiano sobre o sentido da repetição no ser falante, repetição que praticamente é sinônimo de gozo. Considera que o saber com caráter de repetição foi o que Freud ousou enfrentar: o gozo.³⁴

As modalidades discursivas lacanianas (do mestre, universitário, histérico e analítico) nos demonstram a complexidade dos elementos aí envolvidos. Fink³⁵ descreve que Lacan inicia sua exposição pelo discurso do mestre, por tratar-se daquele que detém a “função alienadora do significante ao qual estamos todos assujeitados”, por ser um discurso primário filogeneticamente e ontogeneticamente, ou seja, a matriz fundamental do vir-a-ser do sujeito através da alienação.

No discurso do mestre, a posição fundamental é a do significante mestre (S_1) que se dirige ao escravo, ao outro (S_2). O escravo trabalha duro para o mestre, mas encarna algo do saber produtivo. O mestre não tem interesse pelo saber, importa é que seu poder seja mantido ou aumente. Nesta relação, aparece um excedente de produção, a mais-valia (objeto *a*), que sendo apropriado pelo capitalista ou o mestre, proporciona um “mais-gozar”. Fundamental que o mestre não demonstre sua fraqueza: a condição de ser da linguagem, marcado pela castração simbólica que o faz sujeito dividido entre consciente e inconsciente. Estas condições são verdades dissimuladas.³⁶

O discurso do mestre é marcado por uma vontade de domínio, trata-se de um discurso unívoco, onde há uma suposta unidade entre o significante (S_1) e o sujeito barrado $\$$. É o discurso da legislação e das leis, instala uma palavra idêntica a ele

³³ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.45.

³⁴ Ibid., p.11-13.

³⁵ FINK, Bruce. **O sujeito laciano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

³⁶ Ibid., p.161.

mesmo. O senhor aparece separado de sua verdade subjetiva e desconhecendo o seu desejo.³⁷

Lacan considera que o discurso do mestre, do senhor, em essência se apoia no (S₁), significante da lei, e é este que quer dominar. No entanto, o campo do escravo está em (S₂), campo do saber, o escravo é o suporte do saber, relembrando que, na antiguidade, o escravo possuía uma inscrição na família, justamente, por deter um *savoir-faire*. Mesmo porque “um verdadeiro senhor não deseja saber absolutamente nada – ele deseja que as coisas andem.”³⁸ Considera que o avesso do discurso analítico é o discurso do mestre, por uma série de razões, dentre elas, a razão de que o discurso analítico deveria abster-se de qualquer desejo de domínio e pelo fato de que, “[...] Em seu ponto fundamental, o discurso do mestre exclui a fantasia. E é isto exatamente o que faz dele, em seu fundamento, totalmente cego.”³⁹

No discurso universitário, o saber sistemático ocupa a posição dominante, opera também como uma “verdade cega”, e tudo tem sua razão. Há uma relação histórica entre o discurso do mestre e o universitário, visto que este oculta o significante do mestre. Enquanto o agente do discurso da universidade é o sujeito *sapiente*, o sujeito do inconsciente é produzido, mas excluído. Inicialmente, Lacan associa o discurso da universidade ao discurso da ciência e, depois, dissocia a verdadeira obra científica deste, associando-a ao discurso da histórica em *Ciência e Verdade*, que expõe a atividade científica genuína e sua correspondência com o discurso da histórica.

O discurso universitário mantém uma racionalidade que intenta esgotar os campos, um esforço enciclopédico e que “trabalhando a serviço do significante mestre,

³⁷ LANDER, Rómulo. Con Lacan y después de Lacan. In: XXIII CONGRESO LATINOAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 2000. *Anais*. Gramado, RS, 2000, p.47.

³⁸ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.19-21.

³⁹ *Ibid.*, p.101.

mais ou menos, qualquer tipo de argumentação servirá, contanto que ela assuma o disfarce da razão e da racionalidade”.⁴⁰

O sujeito universitário mostra a ilusão de possuir o saber e está sustentado pelo significante mestre, que, no lugar da verdade, obriga-o a um imperativo: “Saber mais!” e a uma impostura: ser um amo que não é. No nível superior das barras, nível manifesto, está uma relação mística entre o saber (S_2) e o objeto de desejo (a), o mito da pedagogia. No latente, abaixo, aparece o sujeito em disjunção com o saber. Acredita saber, sem dar-se conta que o saber unívoco não é mais que uma ilusão.⁴¹

O discurso universitário é onde o discurso da ciência se alicerça: Lacan não deixa de interrogar esta modalidade discursiva na cultura.

“[...] Quem pode, em nossa época, sonhar sequer por um instante em deter o movimento de articulação do discurso da ciência em nome do que quer que possa acontecer? [...] Quem pode pensar sequer por um instante que se poderia deter aquilo que, do jogo de signos, de inversão de conteúdos a mudança de lugares combinatórios, provoca a tentativa teórica de pôr-se à prova do real da maneira que, revelando o impossível, faz dele brotar uma nova potência? É impossível deixar de obedecer ao mandamento que está aí, no lugar do que é a verdade da ciência – *Vai, continua. Não pára. Continua a saber sempre mais.* [...] No campo dessas ciências que ousam intitular a si mesmas de ciências humanas, vemos claramente que o mandamento *Continua a saber*, faz um pouco de reboliço. [...] - para fazer a verdade brotar, pois é este o sentido do trabalho. Aquele que está neste lugar, no discurso do mestre, é o escravo, e no discurso da ciência é o *a* estudante.”⁴²

Alerta sobre um possível mal-entendido que poderia advir de que sua sugestão seria um possível frear à ciência. Não é esta sua proposição, mas não alimenta a ideia de progresso, considerando que o surgimento da verdade, em seu aparecimento resolutivo, pode ser, às vezes, feliz e em outros casos, desastroso. “Não se vê por que a verdade

⁴⁰ FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.163.

⁴¹ LANDER, Rómulo. Con Lacan y después de Lacan. In: XXIII CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 2000. **Anais**. Gramado, RS, 2000, p.48.

⁴² LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.99.

seria sempre forçosamente benéfica. Só com o diabo no corpo é que se pode imaginar semelhante coisa, quando tudo demonstra o contrário.”⁴³

Desestabilizando a lógica dominante, no discurso da histérica o sujeito dividido ocupa a posição dominante e se dirige ao outro para interrogá-lo. A histérica dirige-se ao mestre para que produza um saber. “A histérica mantém a primazia da divisão subjetiva, a contradição entre o consciente e o inconsciente e, portanto, a natureza conflitante ou autocontraditória do desejo em si”.⁴⁴ O agente é efetivamente o sujeito barrado, apresenta-se ao outro como sintoma, tendo sempre uma queixa ou um pedido dirigido a este outro. Dirige-se a um significante mestre (S_1), de quem espera um saber (S_2) que desvende a chave de sua felicidade. Põe-se nas mãos do amo, porque o confunde com seu (S_1) e fica condenado a ser objeto de desejo do outro. Chama pela ajuda, somente para recusá-la, pois lhe é inacessível seu saber, seu desejo, que ficarão em estado latente. A existência de um amo sobre quem reinar obtura alcançar o saber que busca⁴⁵, sendo que o saber produzido a partir desta posição traz em si um gozo, um saber extremamente erotizado, muito maior que em outras modalidades.

Com estas características, o discurso histórico impetra um movimento questionador aos mestres, à ciência, aos companheiros, a qualquer um, representando uma força inigualável, pois como os bons cientistas não partem para explicar tudo, mas exacerbam contradições e paradoxos aos seus limites.

Do ponto de vista histórico, as históricas representam uma verdadeira força motriz por trás da elaboração médica, psiquiátrica e psicanalítica das teorias relativas à histeria. As históricas levaram Freud a desenvolver a teoria e a prática psicanalítica, ao mesmo tempo provando a ele, em seu consultório, a inadequabilidade de seu saber e *know-how*.⁴⁶

⁴³ Ibid., 1985, p.99.

⁴⁴ FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.163.

⁴⁵ LANDER, Rómulo. Con Lacan y después de Lacan. In: XXIII CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 2000. **Anais**. Gramado, RS, 2000, p.47.

⁴⁶ FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.165.

O discurso histérico, industrioso faz surgir um homem com desejo de saber, que, lançado ao surgimento ao acaso dos significantes marca o fundamento da análise, do jogo analítico, evidenciando a única razão que motiva a função do saber, sua dialética com o gozo, a repetição.⁴⁷ Daí a lógica de histericizar o discurso, para que uma análise se torne possível, pois ao aproximar as interrogações à ordem do desejo, ao interrogar o que quer, a histérica abala os significantes mestres, fazendo-os cair.⁴⁸

Em *Mais ainda*, Lacan revela que no campo da lingüística estavam autores como Jakobson, que poderia admirar e homenagear e mesmo que entenda que, em sua posição tudo que é relativo à linguagem pertence à lingüística, distingue que a psicanálise não trata do que os linguistas se ocupam. Lacan define que o que faz é linguística.⁴⁹ Sua defesa de que o inconsciente é estruturado como linguagem não pertence ao campo da lingüística. Esta distinção se faz necessária, visto que Lacan, inclusive, solicita a presença do linguista Jean-Claude Milner para realizar uma explicitação a respeito, por ocasião do estabelecimento do seminário *Mais ainda*.

Do discurso do analista, cabe ao objeto *a* ser seu agente, enquanto causa do desejo que interroga ao outro, ao sujeito e sua divisão, impelindo o sujeito a trabalhar na construção de novos significantes e expelindo o significante mestre. Há uma recusa, uma renúncia a toda vontade de domínio, a todo propósito de legislar. É um discurso, no qual a produção está representada pelos significantes fundamentais do sujeito (S_1), o sujeito vai ao encontro destes pelos quais se viu capturado. Quando o analista ocupa o lugar do agente, o faz como aparência, semblante de objeto *a*. Deste lugar interroga ao outro, interrogação que culmina na produção de (S_1), significante com o qual o sujeito pode resolver a relação com sua verdade perdida (S_2). O (S_2) é colocado no lugar da

⁴⁷ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17.** O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.31-33.

⁴⁸ *Ibid.*, 1985, p.122.

⁴⁹ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20.** Mais, Ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.136.

verdade, um saber mítico, diferente do saber do amo, que é de domínio. É um saber efeito de verdade, que será o fundamento da livre associação.⁵⁰

Os discursos se definem justo pelo que desejam dominar. No discurso do analista o domínio seria de *a*, objeto *a*. A premissa de que o discurso do analista deveria estar do lado oposto da vontade de dominar não é algo simples de sustentar, “mesmo porque não é difícil escorregar no discurso da dominação, da mestria.”⁵¹

Enquanto peculiaridades deste discurso, no seminário 20, Lacan refere-se a “*la bêtise*” (estupidez, ou “besteira”), [...] um pedaço de não-senso produzido pelo processo analítico em si.” O saber aqui produzido é o saber inconsciente, um saber que precisa ser subjetivado.

O analista aponta para o fato de que o analisando não é o mestre de seu próprio discurso, instalando-o como dividido entre sujeito falante consciente e algum outro (sujeito) falante ao mesmo tempo, através do mesmo portavoz, como agente de um discurso onde os S1 produzidos durante a análise são interrogados e forçados a revelar seus vínculos com S2 (como no discurso da histórica). Está claro que a força motriz do processo é o objeto *a* _ o analista como pura capacidade desejante.⁵²

A relação que esta modalidade discursiva estabelece com o pequeno objeto *a*, Lacan a remete às suas origens freudianas, enquanto o objeto perdido na constituição do sujeito do saber, que marca a condição da repetição no ser falante, repetição denominada gozo.

A repetição, o que é? Leiamos o texto de Freud, e vamos ver o que ele articula. É o gozo, termo designado em sentido próprio, que necessita a repetição. [...] o que nos interessa como repetição, e se inscreve em uma dialética do gozo, é propriamente aquilo que se dirige contra a vida. É no nível da repetição que Freud se vê de algum modo obrigado, pela própria estrutura do discurso, a articular o instinto de morte. [...] É na repetição que se produz algo que é defeito, fracasso, e na própria repetição há desperdício de gozo, em Freud se origina daí a noção de objeto perdido; e que este articula-se ao traço unário, a própria origem do significante, que ao analista interessa saber.⁵³

⁵⁰ LANDER, Rómulo. Con Lacan y después de Lacan. In: XXIII CONGRESO LATINOAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 2000. *Anais*. Gramado, RS, 2000, p.48.

⁵¹ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.66.

⁵² FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.166-167.

⁵³ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.43-44.

Sua ênfase recai em *a*, pois retoma a ideia de que *a* é afeto, afeto que faz surgir a causa, afeto efeito de discurso, observando que cada um de nós é determinado como objeto *a*, este que, em última instância, possui um efeito feminizante em homens e mulheres. E, em sua radicalidade afirma que o homem desaparece na análise.⁵⁴

A grande multiplicidade com que se apresenta o objeto *a* na obra de Lacan desperta a possibilidade de compreendê-lo ao longo da obra como um conceito que se aprimora ao longo do desenvolvimento de seus trabalhos. No seminário 11, Lacan adentra ao campo da arte, em especial ao da pintura, para desenvolver o conceito de objeto *a* e o olhar. Este conceito, em textos posteriores, será vinculado à posição do analista como objeto no discurso analítico. Esta associação suscita a analogia sobre a presença do analista e a presença do objeto de arte. O que há nestas presenças a despertar o sujeito psíquico?

Samuels avalia que, na maioria das análises, os sujeitos colocam o analista em uma posição de reflexo e de reciprocidade, tomando-o como “puro espelho” ao qual demandam compreensão e conforto. Em uma posição oposta, o analista representaria “o ponto cego no campo de consciência e representações do eu”, algo como o espelho que pode refletir, mas não pode ver.⁵⁵

Em sua construção, observa o argumento de Lacan, o qual afirma que em todo quadro, o ponto cego é central, mesmo em uma condição que, aparentemente, esteja sob total domínio de um sujeito, condição que regula intencionalmente. Descreve uma cena em que um sujeito em um parque observa objetos que lhe são absolutamente familiares: as árvores, a fonte... Eis que num repente surge um rosto, um olhar que se volta ao sujeito e o encara. Passa a ser o objeto do olhar do Outro, alvo de desejos,

⁵⁴ Ibid., 1985, p.146-152.

⁵⁵ SAMUELS, Robert. A arte e a posição do analista. In: FELDSTEIN, Richard, FINK, Bruce e JAANUS, Maire. **Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.198-201.

juízos desconhecidos, e não é mais o “eu da consciência”, não mais aquele que vê o que quer ver, e passa a ser visto de um modo que sequer queira ser visto, ocorrendo uma abrupta inversão de perspectivas, um descentramento do campo de visão do sujeito.

O que liga essa presença do olhar e da reversão da consciência à arte é o argumento de Lacan de que, em muitas formas de pintura, pode-se encontrar a evidência do olhar e a subversão das leis da perspectiva e da representação. Em outras palavras, o objeto de arte pode nos mostrar o que não queremos ver, forçando seu olhar sobre nós.⁵⁶

A ilustração de capa no seminário 11 se dá com *Os embaixadores* de Hans Holbein, obra que em um primeiro plano mostra um objeto alongado, e só por um afastamento o observador pode perceber um crânio deformado, estendido. Esse crânio representa o “aniquilamento do sujeito da consciência”, pois esteve sempre ali... A presença do objeto *a* causa a divisão do sujeito ($a \rightarrow \$$), representada por esta parte da fórmula do discurso do analista. A presença do analista causa o *fading* do sujeito e a emergência do inconsciente. O objeto - o crânio -, está na condição de representação da “falta de falo no real”, da ameaça de castração e do encontro com *a*; é passível de causar a perda do significante da identificação e da sexualidade.⁵⁷

Fink situa o discurso psicanalítico como mais um discurso dentre tantos e que, portanto, tem efeitos na cultura, sem pretensões a uma *weltanschauung*, visão de mundo totalizada e totalizante, não o final, essencial discurso. Trata-se de uma teoria e prática poderosas e socialmente significativas, não um discurso dominante, mesmo porque considera ser o discurso do poder aquele que ocupa tal condição, seja o poder para alcançar algo ou o poder pelo poder. O autor não descarta que a psicanálise faça uso de um poder. “A psicanálise utiliza o poder da causa do desejo para provocar uma

⁵⁶ Ibid., p.200.

⁵⁷ Ibid., p.201.

reconfiguração do desejo do analisando. Como tal, o discurso analítico é estruturado de forma diferente do discurso do poder.”⁵⁸

O autor defende que o discurso psicanalítico auxilia na compreensão das outras modalidades de discurso de uma forma muito singular, alertando para a flexibilidade discursiva inerente às estruturas. Uma histérica não precisa, obrigatoriamente, estar sempre situada no discurso histórico, sua estrutura não se altera quando faz uso de um discurso analítico: o que se altera é a eficácia de seu discurso.

Ao situar-se no discurso do analista, o efeito dele sobre os outros corresponde ao efeito permitido por aquele discurso, e sofre dos obstáculos e falhas endêmicas daquele discurso. Um discurso específico facilita determinadas coisas e dificulta outras, permite que se vejam determinadas coisas enquanto impede que se vejam outras.⁵⁹

Os desenvolvimentos da noção de linguagem histórica em Freud e os discursos em Lacan, em especial o histórico, toam e destoam no que referem ao que há subjacente de uma posição subjetiva feminina e feminizante na cultura. Freud indica claramente o “ideal caminho” para a saída da posição patologizada e patologizante, um caminho pessoal e socialmente desejável.

Lacan é sutil, não indica, inclusive sugere que o discurso histórico sempre estará dado, mas é possível transitar em outras modalidades cujos efeitos no sujeito e cultura são visivelmente subversivos à ordem. Enlaçado ao discurso analítico, as possibilidades de resgate dos sujeitos de uma lógica que os afasta de si tornam-se mais prováveis.

Assim, nossos autores toam e entoam o quanto o “hiscurso”, o curso histórico da histeria e feminilidade, ocupou e ocupa um lugar subversivo em nossa cultura. Em seu alerta aos analistas, Lacan, e quem sabe poderia ser um alerta freudiano: solicita que não esqueçam aqueles que almejam um novo lugar discursivo, o

⁵⁸ FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano, entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.159.

⁵⁹ Ibid., p.160.

aprendizado com suas próprias pacientes, quanto ao discurso analítico, e ressalta: “[...] ...pois as palavras de vocês, se as querem subversivas, tomem cuidado para que elas não se grudem demais no caminho da verdade”.⁶⁰

⁶⁰ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.175.

III. O CONCEITO DE ESTRUTURAS CLÍNICAS

Com o advento da psicanálise, a compreensão da subjetividade humana passa por parâmetros inimagináveis para a ciência, tanto na época da produção freudiana quanto na contemporaneidade. Compreender a organização psíquica a partir de fatores inconscientes é, e foi para alguns contemporâneos de Freud, ou não, um desafio permeado por muitas lacunas e incertezas, mais do que pressupostos definitivos. Essa afronta freudiana ao narcisismo humano, desafiando os modos vigentes de pensamento, em contrapartida, gera autores ousados em suas articulações, que releem sua produção na tentativa de dar uma inteligibilidade contemporânea ao que a cultura resiste em assimilar.

Aqui nos interessa compreender o conceito de estrutura clínica, que se remete à organização psíquica dos sujeitos, numa relação direta com a castração, com a posição do sujeito em relação ao simbólico. Esta compreensão trata de um, dentre muitos vieses ou modalidades de entendimento, à singular relação do sujeito do inconsciente, consigo, os outros e suas próprias produções psíquicas.

Lander, em seu artigo *Con Lacan e después de Lacan*, argumenta que o estudo de elementos fenomenológicos e estruturais em psicanálise não são excludentes.¹ Considera que, a partir do fato clínico fenomenológico, a lógica das estruturas inconscientes pode ter lugar. Contudo, mais do que observar fenomenologicamente, Freud escuta seus pacientes histéricos e, com isso, descobre a existência de motivações inconscientes a sustentar seus sintomas (só) aparentemente incompreensíveis. Lander ressalta que, com suas tópicas do aparelho psíquico, Freud propõe teorias estruturais

¹ LANDER, Rómulo. Con Lacan y después de Lacan. In: XXIII CONGRESO LATINOAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 2000. *Anais*. Gramado, RS, 2000, p.13.

para explicar o funcionamento psíquico não observável.² Hassan enfatiza que, na compreensão da estrutura, “[...] se tenta partir da questão principal, a *castração* como verdade do sujeito, como o mais essencial de si e definir as modalidades de que ele (o sujeito) se vale para entender aquela (a castração).”³

A histeria enquanto estrutura clínica, no âmbito da neurose, revela de maneira privilegiada sua forma de organização. Scotti considera que as estruturas clínicas, tanto a neurose histérica e a neurose obsesiva, assim como a perversão são formas de evitar a castração. “Pode-se dizer que se há falo é porque há castração e vice-versa, verdadeiro par dialético e pedra-de-toque da teoria psicanalítica.”⁴

A organização com relação à castração não é algo que esteja distante do cotidiano, em sujeitos que portem graves patologias. É também a problemática do homem comum, que convive com uma organização psíquica que ele mesmo desconhece. Que convive com enigmas que a vida lhe impõe e a morte que o espreita.

Afinal, de que castração se trata de evitar? A castração do ser do sujeito diante do significante. Castração imposta pela própria linguagem, pelo fato de ser um sujeito falante, que foi introduzido pela função materna neste universo, e a partir daí inscreve-se um gozo, na criança e no outro materno. Tal ordem de satisfações jamais será suprida, e inaugura-se a condição de sujeito do desejo, demandante, que ocorrerá através de significantes. A impossibilidade de ter acesso a um gozo para sempre perdido se instala. E a vida fantasmática de um sujeito passa a ocupar lugar fundamental à sua organização psíquica inconsciente.

Embora perdido, não significa que não seja procurado pela criança e pela mãe, que, embora igualmente castrada, é alçada pela criança à condição de

² Ibid., p.13.

³ HASSAN, Sara Elena. As estruturas clínicas. In: RAPPAPORT, Clara Regina. **Psicanálise**: introdução à práxis – Freud e Lacan. São Paulo: EPU, 1992, p.65.

⁴ SCOTTI, Sérgio. **A estrutura da histeria em Madame Bovary**. São Paulo: Casa do psicólogo: EDUSP, 2003, p.48.

grande Outro, portadora do gozo perdido. [...] Por estar perdido e ser inalcançável, do que se goza a partir de então é de uma lembrança, de uma ficção, da qual só resta o desejo insaciável, resto de gozo: resto que arrasta. Arrasta atrás de si uma multidão de substitutos, dentre os quais o falo ocupa posição privilegiada.⁵

A elucidação da estrutura torna-se necessária ao psicanalista, na medida em que o norteará na escuta do sujeito quanto à organização de seu desejo, às suas relações objetais e às suas leis, assim como à própria posição do analista diante de seu analisando, ou seja, a direção do tratamento. Lacan dá indicadores de sua construção do conceito de estrutura, no desenvolvimento do conceito identificação; sendo que não embrenhar-se na compreensão da estrutura será restringir-se a histórias clínicas ou histórias de vida sobre as quais o analista interveio. A partir deste entendimento, Hassan opta por uma modalidade de recorte que Lacan toma a partir do que em cada estrutura “é o único que importa”, e desenvolve questionamentos que ilustram as relações fantasiadas que as estruturas desenvolvem:

[...] o neurótico, como também o perverso, do mesmo modo que o psicótico não são mais que faces da estrutura normal. [...] O neurótico é o normal, pois, para ele, o Outro é o único que importa, o perverso é o normal, enquanto, para ele, o falo é o único que importa. Para o psicótico, o corpo próprio é o único que importa.⁶

Nessa concepção, questiona como a estrutura poderia “acolher” como sendo “normal” o que é considerado flagrantemente anormal: as neuroses, as perversões e as psicoses (a “patologia”). Considera, assim, que o conceito de estrutura rompe com ideias sobre o que é o normal, pois ninguém fica fora dos efeitos da linguagem, e a estrutura é um efeito de linguagem. Definido o sujeito como uma estrutura, efeito de linguagem, cabe definir o que especificamente resulta desse fato. Para Lacan, o “tesouro dos significantes”, o grande Outro, representante da cultura, marca a posição subjetiva do sujeito, enquanto estrutura.

⁵ Ibid., 2003, p.49.

⁶ LACAN apud HASSAN, 1992, p. 65.

Tomando-se a leitura das estruturas a partir da relação do sujeito com o objeto outro, preocupação presente na obra lacaniana, vê-se:

Na neurose, o neurótico tem uma interlocução, fantasiando com o desejo do Outro. ‘O Outro, o que quer de mim?’

Na perversão, ‘Não posso deixar de me colocar como instrumento, não do desejo, mas (de certo tipo) de gozo’. Na psicose, ‘Sou o objeto/desejo do Outro, que goza’.⁷

Hassan considera que Lacan, ao longo de sua obra, formalizou a compreensão de estrutura e pontua alguns aspectos, tais como, o fato de a estrutura estar inserida na experiência, no real e presa no vivente. Habita a linguagem, que é anterior a ele, sob o aspecto cultural. Mesmo entendendo a estrutura como efeito de linguagem, aí não se esgota. Os lugares do acontecer psíquico (imaginário, real e simbólico) entrelaçam-se para dar vida à dinâmica psíquica estrutural: “[...] estrutura é do lado **real**. Podemos concebê-lo como uma margem ou limite, que não pode nunca apreender-se totalmente pela linguagem.”⁸

Uma estrutura, continente de marcas simbólicas, é organizada a partir de um evento significativo que Freud irá denominar complexo de castração, cujas peculiaridades iremos desenvolver adiante. A respeito das “linguagens” ou “discursos” das estruturas, consideramos pertinente observar o diferencial que Freud oferece-nos sobre as neuroses histéricas e obsessivas. Ao definir o dialeto obsessivo, concede-nos chaves de compreensão da linguagem histérica.

A linguagem de uma neurose obsessiva, ou seja, os meios pelos quais ela expressa seus pensamentos secretos, presume-se ser apenas um dialeto da linguagem da histeria; é, porém, um dialeto no qual teríamos de poder orientar-nos a seu respeito com mais facilidade, de vez que se refere com mais proximidade às formas de expressão adotadas pelo nosso pensamento consciente do que a linguagem da histeria. Sobretudo, não implica o salto de um processo mental a uma inervação somática - conversão histérica - que, jamais, nos pode ser totalmente compreensível.⁹

⁷ HASSAN, Sara Elena. As estruturas clínicas. In: RAPPAPORT, C.R. **Psicanálise**: introdução à práxis – Freud e Lacan. São Paulo: EPU, 1992, p. 69.

⁸ Ibid., p.91.

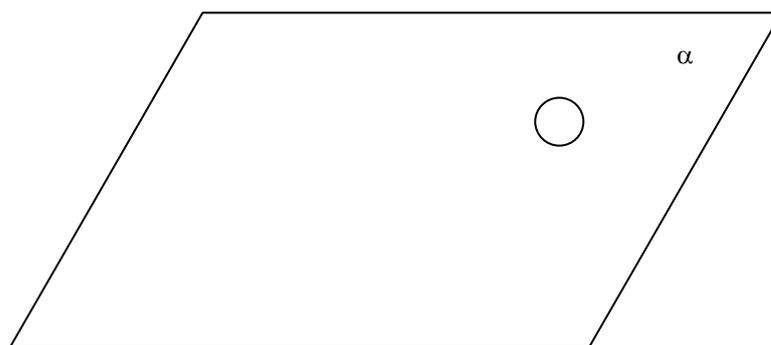
⁹ FREUD, Sigmund. (1909). **Notas sobre um caso de neurose obsessiva**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. . v. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.140.

A questão das estruturas neuróticas enquanto discursos aí estão postas por Freud, pois utiliza o termo linguagem ou dialeto, onde Lacan denomina discurso.

Quinet argumenta que dos quatro discursos elaborados por Lacan, o discurso histórico é o único articulado a uma estrutura clínica, pois ao contrário do discurso do obsessivo pautado na intrasubjetividade, o histórico é intersubjetivo. Não há ataque histórico que não se dirija a um alguém, ao qual se destina o sintoma.¹⁰ Freud considera, sobre a histeria: “essas doenças são obra da intenção! Em geral, esses estados patológicos se destinam a uma determinada pessoa, de modo que desaparecem quando ela se afasta.”¹¹

Seguiremos para o ponto crucial da organização da dinâmica psíquica: a castração, organizador fundamental da histeria, estreitamente vinculado à organização edípica. Hassan constrói uma representação para mostrar-nos que o destino de uma estrutura é lidar com a falta, o buraco, portanto a castração, sem poder enxergá-la, o que remonta ao destino de Édipo: vagar cegamente.

Figura 3.



No plano alfa α aparece um buraco, mas apenas para um observador externo ao plano. Para alguém colocado na superfície do plano seria impossível ver o

¹⁰ QUINET, Antonio. (Org.). **Jacques Lacan: a psicanálise e suas conexões**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.184.

¹¹ FREUD, Sigmund. (1905). **Fragments da análise de um caso de histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.51.

buraco redondo. Deveria tocar a borda e percorrê-la. Não poderia tocá-la toda de vez: um buraco não se pode apreender completamente.¹²

A castração é uma experiência psíquica vivida por meninos e meninas, de diferentes formas, e fundamentais à identidade sexual, assim como para a instauração psíquica das funções normativas e interditoras. Lembremos sua conceituação absolutamente literal: “Complexo centrado na fantasia de castração, que proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis) coloca para a criança. Essa diferença é atribuída à amputação do pênis na menina.”¹³

Mezan avalia a correlação no sistema lacaniano dos processos da castração, complexo de Édipo e linguagem, apesar de suas restrições aos amplos poderes atribuídos à linguagem, nesta abordagem.

Poderíamos tomar em consideração o sistema lacaniano, no qual os componentes transindividuais da psique são compreendidos como marca do acesso à ordem simbólica, isto é, à linguagem e aos interditos que ela veicula. O complexo de Édipo e o complexo de castração, nesta perspectiva, são universais e necessários não porque atualizam os traços mnésicos do crime originário, transmitidos filogeneticamente, mas porque são inseparáveis da aquisição da linguagem.¹⁴

Massota lembra-nos que nascer homem ou mulher não acarreta “vantagem” alguma ou privilégio nesta diferenciação anatômica, visto que ambos estão referidos ao falo. Recorre a Freud, que pontua a existência de uma única pulsão, de natureza masculina para ambos, a este recorre também à elaboração da fase fálica, etapa do desenvolvimento em que a sexualidade se organizará em torno de uma falta. Esta falta se refere à falta do falo e a falta do objeto da pulsão que não é determinado. Instaura-se

¹² HASSAN, Sara Elena. As estruturas clínicas. In: RAPPAPORT, Clara Regina. **Psicanálise: introdução à práxis – Freud e Lacan**. São Paulo: EPU, 1992, p.92.

¹³ LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.73.

¹⁴ MEZAN, Renato. **Freud pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1997, p.559.

uma condição de desconhecimento, que a curiosidade sexual infantil irá percorrer, sem poder ou mesmo querer chegar ao intento de esclarecê-la.¹⁵

[...] o sujeito não quer saber nada, (recusa original através da qual o inconsciente se mostra). É a própria estrutura da pulsão que não o conduz a um Saber desse objeto, já que por definição é o que ela tem de mais instável: o objeto. E ainda mais, ou simultaneamente, o sujeito nada quer saber do que o Falo articula ou introduz: que existe “corte” no real, fissuras, orifícios, feridas, ou seja, a castração.¹⁶

Quinet, em *As 4 + 1 condições da análise*, ao discorrer sobre a função das entrevistas preliminares em um processo analítico, considera que a função do diagnóstico estrutural é necessária, pelo menos enquanto hipótese, pois acaba resultando em diferenças essenciais na condução da análise. Para esse autor, elucidar a castração é um dos elementos que merece especial atenção.

É a partir do simbólico, portanto, que se pode fazer o diagnóstico diferencial estrutural por meio dos três modos de negação do Édipo – negação da castração do Outro – correspondentes às três estruturas clínicas. Um tipo de negação nega o elemento, mas o conserva, manifestando-se de dois modos: no recalque (*Verdrängung*) do neurótico, nega conservando o elemento no inconsciente, e o desmentido (*Verleugnung*) do perverso, o nega conservando-o no fetiche. A forclusão (*Verwerfung*) do psicótico é um modo de negação que não deixa traço ou vestígio algum: ela não conserva, arrasa. Os dois modos de negação que conservam implicam a admissão do Édipo no simbólico, o que não acontece na forclusão.¹⁷

O seguinte quadro facilita-nos a compreensão do que ora foi descrito:

Estrutura clínica	Forma de negação	Local de retorno	Fenômeno
Neurose	Recalque (<i>Verdrängung</i>)	Simbólico	Sintoma
Perversão	Desmentido (<i>Verleugnung</i>)	Simbólico	Fetiche
Psicose	Forclusão (<i>Verwerfung</i>)	Real	Alucinação

Fonte: Quinet (1993).¹⁸

¹⁵ MASOTTA, Oscar. *O comprovante da falta*. São Paulo: Papyrus, 1987, p.36-38.

¹⁶ *Ibid.*, 1987, p. 38.

¹⁷ QUINET, Antonio. *As 4 + 1 condições da análise*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p.23.

¹⁸ *Ibid.*, p. 24.

Pelas produções simbólicas, como Freud havia “ensinado a escutar, decifrar[...]”, podem-se ter indicadores estruturais, manifestos nos planos sintomáticos, fetichistas ou alucinatorios. No entanto, a prevalência do simbólico evidencia-se, como já prevalecia em Freud, inclusive quando se refere a seu método terapêutico, ainda no momento de herança de Breuer, como semiológico.¹⁹

Para Lacan, o texto do conto de Poe contém uma ilustração da própria base da teoria freudiana. Em três linhas, Lacan enuncia o todo de sua análise: “a saber, que é a ordem simbólica que, para o sujeito, é constituinte, demonstrando para vocês, em uma história, a determinação maior que o sujeito recebe do trajeto de um significante.” Segundo Masotta, não é necessário traduzir: trata-se dos efeitos de determinação que vêm da estrutura, do sujeito sobre o qual recairão esses efeitos e do significante, isto é, daquele que por seu trajeto, tornará possíveis tais efeitos. No conto, o significante é a carta. De fato: se na história há alguma vítima, não poderá permanecer em posição de exterioridade à estrutura que constitui seus males. Dito um pouco mais elucidativamente: o sujeito não é exterior ao discurso que o constitui. [...] Em resumo, o sujeito, enquanto parte “ativa” no interior de cada cena está “passivamente” ligado ao registro simbólico ou, o que é o mesmo, a ordem da estrutura.²⁰

Após ampla exposição sobre a origem do conceito de estrutura, Masotta acrescenta que:

[...] não se poderia dizer – a definição seria incompleta – que a estrutura constitui o sujeito. Dir-se-ia, ao contrário, que o sujeito é a estrutura (campo articulado da estruturação estruturante) que o constitui como tal. Ou melhor, para parafrasear Miller, diríamos que, para o sujeito, a **exterioridade da estrutura lhe é central, enquanto sua distância lhe é interior**. A diferença entre esta frase e a de Miller é mínima e reside no fato de que este último disse a palavra “discursos” onde nós dissemos “estrutura”: se é que o sujeito fala (e sabe-se que o sujeito aqui em questão é o sujeito que fala, como lembra Lacan) é porque se situa no lugar – diz Miller – de onde o discurso foi proferido: a ‘outra cena onde se situa o sujeito eclipsado, de onde fala, e a

¹⁹ FREUD, Sigmund. (1910). **Cinco lições de psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.32.

²⁰ MASOTTA, Oscar. **Introdução à leitura de Lacan**. São Paulo: Papirus, 1998, p.25-26.

causa do que fala. A exterioridade do discurso é central, esta distância interior'.²¹

Prossegue considerando que, para essa superposição, o código é a condição da mensagem, assim como o Outro é a condição do sujeito. Porém, o Outro lacaniano não é quem detém o código: *é* o código, já que não se distingue da articulação maior que estruturou o sujeito. O sujeito lacaniano, o “sujeito que fala”, só fala à condição de ser falado, não emite mensagem e, segundo fórmula de Lacan, recebe do receptor a mensagem em forma invertida.²²

Convém lembrarmos que alguns mesmos equívocos produzidos pelo conceito de inconsciente podem ocorrer com o conceito de estrutura. Scotti, ao apresentar a “estrutura histórica em Madame Bovary”, considera que:

Quando dizemos que ela, a estrutura, subjaz, queremos dizer fundamentalmente que ela *sustenta* o drama e, não necessariamente, que ela esteja por detrás ou, por baixo ou, ainda, que ela seja mais profunda. Tais figuras espaciais, freqüentemente evocadas para se referir ao inconsciente, dão a impressão de que o trabalho de análise, tal qual uma escavação imaginária do psiquismo, revelará um significado oculto que estando lá desde o início dará sentido a todo o resto.²³

Compreender que o inconsciente é atual e está na superfície é tão essencial quanto compreender que no discurso a estrutura é atual e está na superfície. Elementos esses que Lacan nos auxilia a aprofundar quando postula sobre os quatro discursos, sobretudo o discurso histórico.

Essa estrutura, por excelência, da qual Freud se ocupou primordialmente e que já a considerava uma linguagem, linguagem intersubjetiva, linguagem que demanda laço, um laço social inibido, deslocado em sua intencionalidade, mas que na forma de transferência surpreendeu e instigou o “primeiro” interlocutor, revela-nos, inclusive na superfície do corpo, o irrevelável.

²¹ Ibid., 1998, p. 38-39.

²² Ibid., 1998, p. 39.

²³ SCOTTI, Sérgio. **A estrutura da histeria em Madame Bovary**. São Paulo: Casa do psicólogo: EDUSP, 2003, p. 37.

Continuam as estruturas surpreendendo e instigando todos aqueles que compreenderam a necessidade e a possibilidade de colocarem-se em uma posição subjetiva a qual permita que o discurso se desloque, deslocando-se o sujeito de onde se instalou subjetivamente, ou seja, pulsionalmente.

IV. FEMINILIDADE: A LINGUAGEM DA CASTRAÇÃO?

Assoun, em *Freud e a mulher*, introduz um polêmico par sintomático: Freud e o feminino, e considera que o embate com a feminilidade o faz migrar, então, para a arqueologia do tornar-se mulher.¹ Por essa razão, Freud é aquele que remete ao feminino um discurso que lhe é de direito, em uma cultura extremamente fálica e reconhece que, sem o querer feminino, a psicanálise estaria morta.²

Esta cultura impossibilitada de abordar o feminino, condenou-a a um número de lugares comuns, e Freud, não conformado com a mulher como “enigma”, segue determinado na busca do “segredo” da mulher. O autor considera que ambas descobriram-se reciprocamente: a análise e a mulher, em tempos que à mulher, estava destinada, unicamente, uma naturalização ou uma mistificação.

Marca que o questionamento sobre ‘*o que queres?*’ abre um vasto campo de interrogações. Sobretudo para seu intento, foi necessário que Freud questionasse a própria experiência, os poetas, a ciência e a própria análise, e que seu objeto, necessariamente, obrigava a psicanálise a tomar novos rumos teóricos e técnicos.³

Neste conjunto de interrogações também sobre a feminilidade foi e é necessário ocupar-se do lugar da castração na constituição psíquica feminina e suas consequências no tornar-se mulher. Já identificamos a castração no processo de constituição das estruturas e, com Freud, lançaram-se as bases desta compreensão. Necessário se faz, falar da organização fálica, em sua abdicação ou assunção, ou, não especificamente, esta polaridade em relação à feminilidade.

Não pretendendo instituir a feminilidade enquanto um além da estrutura,

¹ ASSOUN, Paul-Laurent. 1948. **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.5.

² Ibid., p. 11-13.

³ Ibid., p. 19-25.

pois, nas três grandes linhas estruturais: neurose, psicose ou perversão, a feminilidade alcança suas formas de manifestação. Assoun sugere que há um “estilo” que imprime a feminilidade às estruturas que “compartilha” com o homem, e sugere que é na clínica, *in concreto*, que devemos encontrá-lo.

[...] às três estruturas mestras do inconsciente a fórmula da feminilidade neurótica deve ser buscada em termos de um sujeito – *uma* mulher – que não quer o que deseja. Simetricamente, a perversão se caracteriza por um querer o que ela não consegue desejar. Por fim, a psicose refletiria um querer desejar, que sempre reexperimenta mais uma vez a carência do desejo. Três imagens de um mesmo encontro malogrado, no seio de um mesmo sujeito, entre seu querer e seu desejo, que nos permite esboçar uma espécie de tragédia do “capricho” em três atos.⁴

Para o autor, a castração é o motor do tornar-se mulher, mas que esta se encontra em estrita relação com a desfusão com a mãe.⁵ À mãe, “o grande amor” na vida de uma menina, haverá que organizar um destino, pois se presa à esta, estará condenada a um amor sem desejo. Assim, a menina põe-se em esforços a organizar as imagos parentais, mas incansavelmente pergunta-se a quem amar. Através do olhar do pai, é lhe dada uma imagem de mulher, e com o uso daquele, aprenderá a navegar em águas revoltas. E, assim, o tornar-se mulher vai inscrever-se numa transformação corporal cuja falicização do corpo pode revelar um autoinvestimento. Este percurso revela que a ausência do falo pode tornar-se uma via-crúcis de dores ou extravagâncias, no entanto, esta pode realizar a pretensão fálica de forma tão eficaz como aquele que “tem algo a perder”.⁶

Identificar o que pretendia Freud em suas construções sobre as diferenças sexuais permite para alguns identificar o lugar que ele destina ao feminino. Em André, vê-se a seguinte consideração sobre sua percepção das considerações freudianas:

[...] duas abordagens de Freud a feminilidade: 1- a vertente do real – ou seja, do não reconhecível, do mutismo e da morte, aonde vai se inscrever a

⁴ ASSOUN, Paul-Laurent. 1948. **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.112.

⁵ Ibid., p.141.

⁶ Ibid., p.6-20.

repulsa. 2- a vertente da castração – ou seja, a do primado do falo – aonde vai se realizar o fenômeno do horror.⁷

Havíamos pontuado que a castração nos remete à função interditora e normativa, fato fundamental, pois onde há castração, há falo, portanto um sujeito do desejo. A organização psíquica dá-se por essa via. Masotta considera que a noção de complexo de castração, em Freud, serve para que se perceba a função da falta na constituição do desejo no sujeito, sendo que o reprimido se refere à castração, pois “o reprimido é um juízo de impossibilidades cujo motor é o falo enquanto símbolo da castração.”⁸

Em setembro de 1900, Freud recomenda a Fliess a leitura de Conrad Rieger, que dedica um livro à castração e, em *A Interpretação dos Sonhos*, trata da castração que Cronos impetra a seu pai Urano. Em 1908, dedicando-se às teorias sexuais infantis, Freud observa que, na elaboração das crianças, estas inicialmente atribuem um pênis a todos os seres e, com o pequeno Hans (Herbert Graf), introduz clinicamente o conceito de castração. Somente em 1923, com *A organização genital infantil*, introduz o complexo de castração no conjunto da teoria sobre o desenvolvimento sexual. “Freud denominou complexo de castração ao sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando constata a diferença anatômica entre os sexos”.⁹

Freud se referiu a atitudes de analistas, os quais, após décadas de trabalho consideram e argumentam que não se depararam com o complexo de castração enquanto “virtuosismo na arte de passar por cima e equivocar-se.”¹⁰

⁷ ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.62.

⁸ MASOTTA, Oscar. **Introdução à leitura de Lacan.** São Paulo: Papirus, 1998, p.76.

⁹ ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.105.

¹⁰ FREUD, Sigmund. (1925). **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.282.

Green, no capítulo *A lógica fálica de Jacques Lacan*, de sua obra *Complexo de castração*, enfatiza os méritos de Lacan ao restituir à comunidade analítica o sentido que Freud atribuía ao papel do pai, o complexo de Édipo e à castração, em tempos em que estes estavam eclipsados por interesses para com as relações pré-fálicas, pré-edípicas e as primeiras relações mãe-bebê. Restaura os conceitos freudianos, dando-lhes interpretações menos limitadas, literais e mais metafóricas. Ao propor a distinção entre frustração, privação e castração, Lacan auxilia no entendimento do complexo de castração feminino, em seu alto grau de privação, pois frustração é falta à promessa, privação é real e castração é da ordem do que poderia vir a faltar.¹¹ O que, em certa medida, permite reconsiderar em que bases ocorre o complexo de castração feminino.

O autor enfatiza outra distinção importante que Lacan resgata em Freud: é a distinção pênis, falo. Pênis é o órgão anatômico real, falo é uma função simbólica e também imaginária. Falo seria o significante do gozo, significante também da autoridade. Do gozo do Pai e sua Lei.

Green, ao discorrer sobre o estudo de Laplanche sobre a circuncisão, coloca-a na categoria do ritual de castração simbólica peniana, que reafirma a interdição do incesto. Pontua que esta se vê em inúmeros processos atuados na cultura, voluntária ou involuntariamente, e considera que a castração também significa uma forma de feminização.¹²

A castração no feminino pode ser concebida como a forma com que a menina ingressa no Édipo.¹³ Esse é o destino que poderá sustentá-la em uma posição sexual madura, a partir da concepção freudiana. Em função desse destino, gostaríamos de resgatar que Laplanche e Pontalis apontam ser o complexo de castração,

¹¹ GREEN, André. **O complexo de castração**. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p.91.

¹² Ibid., p.92-93.

¹³ *A face narcisista da sexualidade edípica* traz considerações sobre a morte da díade narcísica, necessária para que nasça Édipo, e múltiplos desdobramentos deste percurso em Zimmerman, 1999.

invariavelmente, encontrado na situação analítica. No entanto, perguntam-se por que no feminino ocorre o sentir-se castrado do que não tem.¹⁴ Ao processo de castração ou privação que se dá no real, à mulher cabe dar um destino sem incorrer em uma destituição subjetiva, possibilitando-lhe a condição de sujeito.

Assoun conceitua a psicanálise como a “ciência do que falta no homem” e que o objeto da falta é mostrado no “querer feminino”. Ao desenvolver suas considerações sobre as diferenças entre o querer e o desejo, pontua que o que falta no desejo da mulher é o seu querer.¹⁵

O autor rememora o fato de que Freud no encontro com Dora configura um dilema: Por que ela não queria a sua verdade? Nesse ponto instaura-se uma crise fundamental do encontro com a feminilidade. O que resta em Freud é o rancor pelo dispêndio de uma expressão inútil de sua generosidade. Freud foi conduzido por Dora à mulher real, o real do sintoma.¹⁶ Ele não deixa de reconhecer sua peculiar transferência com as mulheres, possível geradora de sua dificuldade de compreensão sobre o querer feminino, expresso literalmente à Marie Bonaparte.¹⁷

Gera-se o fundamento da teoria da sedução, pois era o que não parava de funcionar na relação de Freud com as mulheres. A demanda da sedução feminina se pôs em ação e se fez reproduzir no tratamento. Neste enredo, revela-se a ligação assustadora entre a sedução e a morte, e desta forma o amor transferencial desperta o analista de um sono dogmático. No entanto, Assoun demonstra como estava Freud envolvido no empreendimento de instaurar as bases para que pacientes mulheres pudessem advir como sujeitos do desejo, mais que objetos de um processo, mesmo ainda que não

¹⁴ LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.74.

¹⁵ ASSOUN, Paul-Laurent. 1948. **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.21-23.

¹⁶ Ibid., p.72-75.

¹⁷ FREUD, Sigmund. (1925). **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.274.

reconhecida uma identificação secreta e contraditória da verdade analítica com a própria mulher, lugar de sedução e morte.¹⁸

Dora era a consciência da corrupção; seu sintoma, uma identificação com a infelicidade; sua erotização estragava o cenário e denunciava o que não estava funcionando e que não se podia esconder.¹⁹

Em *Elas não sabem o que dizem*, Maud Mannoni considera que, em Freud, o que se vê, é vergonha e horror, o que causa a castração feminina.²⁰ A autora segue assinalando que os homens precisam encontrar outra cena para projetar horror e fascinação. Pontua que a mulher e o louco produzem fantasias de rejeição, mas na literalidade “o negro é o medo que o branco tem de si próprio”, o que, na sua percepção produz um comportamento nos homens para com a mulher, de vê-las castradoras.²¹

A sexualidade feminina, enigmática para Freud, mas desafiadora, permanece ainda hoje obscura, pois seus caminhos são complexos, o desejo humano é complexo.

Freud, em seu texto *Sexualidade feminina*, pontua que há percursos diferenciados entre meninos e meninas e suas consequências na idade adulta. Destaca, portanto que o primeiro objeto de amor para ambos – a mãe – no menino, é simplesmente substituído; e na menina, deve ser abandonado para, então, elege um objeto amoroso do sexo oposto. Isso porque algo da fixação libidinal infantil feminina precisa reorganizar-se, distante da condição narcísica, especular ali favorecida.

Freud chega a atribuir as origens da patologia feminina a essa relação com a mãe.

¹⁸ ASSOUN, Paul-Laurent. 1948. **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.68-82.

¹⁹ Ibid., p.155.

²⁰ MANNONI, Maud. **Elas não sabem o que dizem**: Virgínia Woolf, as mulheres e a psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 56.

²¹ Ibid., p.103-108.

[...] acha-se a suspeita de que essa fase de ligação com a mãe está especialmente relacionada à etiologia da histeria, que não é de surpreender quando refletimos que tanto a fase quanto a neurose são caracteristicamente femininas, e, ademais, que nessa dependência da mãe encontramos o germe da paranóia posterior nas mulheres, pois esse germe parece ser o surpreendente, embora regular, temor de ser morta (devorada?) pela mãe.²²

À mãe, enquanto aquela que faz a menina herdar uma condição faltante, castrada, é destinada uma série de afetos amorosos e hostis. Essa percepção, ainda segundo Freud, é fundamental para que ela passe da posição ativa, edipiana, homossexual, para a posição passiva, posição heterossexual. O que se dá nesta relação fundamental entre mãe e menina, por mais significativa que seja a posição que Lacan restitua a posição paterna nos destinos da feminilidade, é necessário dar a ver seus contornos. Sob a condição de que não vê-la, será a condição própria da denegação.

A Mãe seria, como Mãe total originária, objeto da *Sehnsucht* [saudades] fundamental da mulher. O desejo, baseado na relação com o falo, é necessariamente introduzido como uma alternativa à mãe. Mas – e aí é que está o X do problema –, não há meio de querer esse desejo como algo que esgote a própria forma do querer primitivo. Entendemos que a castração desempenha o papel motor do conflito e elemento encobridor: motor porque é a castração que decide sobre a passagem decisiva - A Ilíada que estabelece o destino do tornar-se mulher -, mas elemento encobridor, apenas, porque o desafio parece estar em outro lugar: é como se a castração entrasse em curto-circuito com a angústia de desfusão com a mãe. [...] A mulher estaria exatamente na confluência de uma *dupla falta* – a da Mãe e a falta fálica –, de modo que uma serviria de metáfora da outra. De modo que devemos situar a mulher – como sujeito dividido – no centro da “costura” dessa (dupla) falta.²³

Assoun declara que esta situação de dupla falta instaura uma condição de “inocência” no feminino, gerando consequências em suas relações com a lei, a perversão e a cultura em si. Inocência que lhe permite enredar-se nas malhas de Don Juan, aquele que a toma em sedução, uma a uma, e “conhece” os segredos femininos. Neste, persiste o traço do querer que nenhum desejo satisfaz, e em seu movimento, transforma em erotismo, em sedução, o horror que suscita a castração. Don Juan,

²² FREUD, S. (1931). **Sexualidade feminina**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.234-235.

²³ ASSOUN, Paul-Laurent. 1948. **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.140-141.

eternizando a denegação da castração materna, põe as bases de “sua pretensão de um saber absoluto sobre a mulher.”²⁴

Ainda assim, nesse processo, a organização fálica, a organização em torno do falo, denegando-o ou não, é a que predomina. Recordemos Freud,²⁵ que descreve a sexualidade feminina em duas etapas: sendo a primeira masculina, na qual o clitóris é fálico; e a segunda, feminina, em que o clitóris cede à vagina e o objeto sexual passa a ser heterossexual.

A mãe, fiel depositária de afetos amorosos e hostis, marca sua presença enquanto objeto de identificação para a menina, um viés de investimento libidinal. Evidente, então, que a identificação à figura materna arrasta efeitos significativos à vida emocional da mulher, persistentes e determinantes. No entanto, outro viés de identificação poderá instaurar-se. Lacan considera que a menina pode identificar-se com o pai e localizar-se na posição histórica que, como sabemos, é uma posição fálica, acarretando a construção de sintomatologias na ordem da histeria de angústia ou fóbica, como já descrevemos.²⁶

A histeria, sendo uma doença por “representação”, está remetida a questões em que o sujeito se coloca sobre o seu ser, sobre sua identidade sexual, sobre o que é ser uma mulher. Conhecemos sistematicamente as três saídas do complexo de castração na menina, o que interferirá nos destinos de sua feminilidade. A primeira saída será recusar-se à rivalidade com o menino, não produzindo a inveja do falo. A segunda será a negação da castração, com esperanças de um dia ter o falo. A terceira será admitir a castração, surgindo o desejo de substituir o falo.²⁷

²⁴ Ibid., p.142.

²⁵ FREUD, Sigmund. (1931). **Sexualidade feminina**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.233-235.

²⁶ LACAN apud VALDIVIA, Olívia B. Psicanálise e feminilidade. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, ano 17, v.3, p. 20-27.1997.

²⁷ NASIO, Juan David. **Lições sobre os 7 conceitos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p.11-30.

Segundo Freire, a cultura ainda coloca a mulher como limitada e insuficiente, com um ideal frágil e sempre em busca do “faltante” para aliviar-se das angústias.²⁸

Somente a vida sexual dos homens tornou-se acessível à pesquisa. A das mulheres, devido em parte ao efeito inibidor das condições civilizadas e em parte à sua discrição convencional e insinceridade, ainda se encontra mergulhada em impenetrável obscuridade.²⁹

Tal posição subjetiva e, portanto social, instaura riscos delicados e graves de denegação de si. [...] a mulher tão comumente se apresenta como um problema para si mesma, em sua demanda primitiva – em vez de ter, como o homem, problemas por causa de alguma coisa. Assim, ela estaria numa situação de ameaça, de “desmentido” [*désavem*] de si mesma, o que é atestado, justamente, pela cisão entre o querer e o desejo.³⁰

A organização histórico-narcisista, denominação possível a essa posição subjetiva, gera outras consequências que, com propriedade, Birman descreve como a construção de uma pobreza subjetiva simbólica e uma massificação dos sujeitos, omitindo-se sua singularidade. Uma vez que esses se ocupam unicamente dos cuidados para com sua imagem, normalmente idealizada. A histeria, conforme pontuamos, está numa especial identificação fálica, o que a predispõe a uma série de idealismos também fálicos como, por exemplo, os idealismos corporais, visto que o corpo em cena é uma tônica dessa estrutura. E vê-se que os limites do corpo são muito menores do que os limites da fantasia histórica.³¹

Freud demonstra como Dora “ocupa-se” psiquicamente das figuras femininas em seu entorno. A Sr^a K, a governanta, a mãe, as primas, enfim, todas de uma

²⁸ FREIRE, L. A histeria e a beleza: uma expressão cultural no contexto da atualidade. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, ano 22, n.3, p. 70-77, 2002.

²⁹ FREUD apud MATA, S.R.B. Retornar-se mulher. **Caderno de psicologia da UFMG**. Belo Horizonte, v.5, n.1, p. 51, dez. 1995.

³⁰ ASSOUN, Paul-Laurent. 1948. **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.143.

³¹ BIRMAN apud FREIRE, 2002, p.70-77

forma ou outra, objetos de identificação ou figuras rivais. Em alguns momentos, rivais e modelos simultaneamente.³²

Nesse historial clínico, as acusações de Dora quanto ao pai, que obtinha ganhos com sua doença, em si, repetem-se, quando se produzem nela a “doença fétida” da mãe, as “dores de estômago” da prima, a “doença dos nervos” da Sr^a K, para citarmos alguns exemplos. Poderemos perguntar-nos se a própria doença, nesses casos, seria o exercício de um falicismo. E temos que:

Na estrutura histórica o corpo de outra mulher é, portanto, o suporte de sua identificação imaginária na tentativa de suprir a falta de um reconhecimento simbólico (do pai). Há uma busca incessante em seu semelhante do traço feminino que lhe falta.³³

As mulheres que desfilam em torno de Dora são mulheres que, além de adoentadas, possuíam outros atributos, interesses e signos que a cultura lhes colocava. Freud remete-se às joias com que Dora fora presenteada, pois se assemelhavam às da Sr^a K, à descrição da joia da mãe em forma de pérola... Aí estão postos adereços, outra modalidade de substituição fálica a desfilar no drama desta jovem, ao perguntar-se sobre a feminilidade. O lugar, quem sabe (im)possível, para “uma” resposta.

O falo como ilusório, como aquele objeto imaginário que cria a ilusão de que nada falta à sensação de plenitude, perfeição, apresenta-se em múltiplas fases. A vulnerabilidade histórico-narcisista produz uma mulher em posição subjetiva fálica, uma “mulher” fantasisticamente provida de falo. Essa imagem pode tomar duas formas, conforme a mulher é representada como portadora de um falo externo ou de atributo fálico, ou como tendo conservado dentro de si mesma o falo masculino.³⁴

³² FREUD, Sigmund. (1905). **Fragmentos de um caso de histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.46.

³³ VALDIVIA, Olívia. Psicanálise e feminilidade. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, ano 17, v. 3, p. 20-27, 1997. p.26.

³⁴ LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.165

Dos desencantamentos e sofrimentos provenientes da organização feminina, em um falicismo impossível de sustentar, nada é mais repetitivo e sistemático do que se deparar com o que já se reconhece no próprio sujeito, mas que também o repulsa. Birman considera que, no referencial freudiano, a feminilidade caracteriza-se pela falta de referência ao falo, o que confronta o sujeito com a finitude e a incompletude. Ao contrário do homem que possui parentesco com o divino, postulado desde a antiguidade, o feminino é a marca da imperfeição e a incompletude, o que revela algo de traumatizante, até mesmo, a falta de proteção divina.³⁵

O parentesco do feminino não é, realmente, com o divino. Em seus primórdios, o feminino está enlaçado ao diabólico, à sedução diabólica.

Não é difícil perceber que a sedução, ao se opor à força, retraça a representação habitual da divisão dos sexos: do lado da mulher, a aparência enganadora; do lado do homem, a verdade sem disfarces. É assim que, na *Odisséia*, as figuras femininas são as sedutoras: Circe, Calipso, as sereias, etc. No *Górgias*, Platão opõe a ginástica modeladora da beleza à maquiagem que esconde o rosto feminino: “prática malfazeja e mentirosa, vulgar e baixa, um engano por meio do arranjo, das vestimentas, de modo a obter uma beleza emprestada, enquanto não se preocupa em absoluto com a beleza adequada, que é o efeito da ginástica”. Da mesma forma o assanhamento dos inquisidores contra o Diabo possuidor de feiticeiras é uma racionalização: o verdadeiro alvo do questionamento é a mulher, concebida como princípio do Mal, responsável pela queda do Homem – e mal que contamina, pois a elas (bruxas) se atribuem todas as transformações que ameaçam a rigidez da ordem social: epidemias, revoltas, banditismo, heresias etc. A finalidade das torturas é obter a renegação da sexualidade, princípio do amor desordenado que subverte as hierarquias: e a *concupiscentia* é privilégio da fêmea, razão pela qual o Belzebu, que não é homossexual, jamais seduz um homem. Verdiglione cita a etimologia eclesiástica de *Foemina: Fe Minus*, menos confiança, selando na história da linguagem a aliança entre mentira e feminino. O diabo não é mais do que um *fantasma da alteridade*, uma construção destinada a explicar o erotismo pela possessão de um *outro*, que só pode ser punido nos efeitos de suas ações, e nunca no seu próprio corpo. A Era das Luzes dispensará o recurso ao Maligno e, como mostra Monique Schneider, atribuirá diretamente à mulher o poder de simulação e de sedução, sem necessitar do recurso ao Demônio sedutor. A histórica, com seu corpo teatral e espetacular, tomará o lugar da feiticeira: tanto pelo caráter pretensamente imaginário dos seus sofrimentos, quanto pela maneira pela qual Charcot a reintroduzirá no circuito científico, com suas demonstrações na Salpêtrière.³⁶

³⁵ BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo: feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Sujeito e História), 2001, p. 238.

³⁶ MEZAN, Renato. **Freud pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1997, p.183-184.

Voltemos ao nosso foco: a castração no universo feminino. Lacan, em seu Seminário *Mais Ainda*, aquele em que pressupostos fundamentais sobre o feminino são anunciados, não poupa os psicanalistas e cristãos. “Como os psicanalistas, os cristãos têm horror ao que foi lhes revelado.”³⁷ No entanto, para a condição feminina, observa uma relação peculiar ao divino. Lacan marca que, por sua condição de “almorosa”, por sua relação ao Outro, por sua relação ao inominável, a mulher tem mais relação com Deus. Consideração um tanto quanto assustadora e surpreendente em relação à história da relação dos sujeitos psíquicos com a divindade e a forma como este laço se estabeleceu.

E ousa ainda mais em suas considerações:

O fim do nosso ensino, no que ele persegue o que se pode dizer e enunciar do discurso analítico é dissociar o *a* e o *A*, reduzindo o primeiro ao que é do imaginário, e o outro, ao que é do simbólico. Que o simbólico seja o suporte do que foi feito Deus, está fora de dúvida. Que o imaginário se baseia no reflexo do semelhante ao semelhante, é o que é certo.³⁸

Para Birman, que insiste na ideia que a perfeição, a divindade e o falicismo estão do lado masculino, a psicanálise somente poderia ter nascido daquela sobre a qual foram lançadas a imperfeição e finitude humanas. E, no entanto, há quem diga que de uma relação ao Deus mais sublime, menos nomeável, desvela-se, então, a feminilidade.³⁹

Freud traz a causalidade histórica, que para Birman não se trata mais da naturalização ou mistificação, para o reconhecimento das diferenças. Os seres poderiam ser aperfeiçoados pela própria ação humana, pela ciência e tecnologia. Esta é uma produção da história, visto que a própria hierarquia do gênero humano, sob sua consideração, está em função das possibilidades evolutivas.⁴⁰

³⁷ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20.** Mais, Ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.156.

³⁸ *Ibid.*, p.111.

³⁹ ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.121.

⁴⁰ BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo:** a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Sujeito e História), 2001, p. 113-116.

O autor pontua que a construção fálica é a busca desenfreada e desesperada pela perfeição, e que, não sem tempo, há que se jogarem “novos dados na roleta do destino da psicanálise” e abrir-se a possibilidade de repensar o erotismo humano fora do registro fálico.⁴¹

Em torno desta temática, André, ao retomar a posição lacaniana, pontua que aquilo que tem a ver com a sexualidade provém do falo e que a diferença provém da posição subjetiva pela qual se assujeita à lei fálica. E, quanto ao gozo feminino, passa a questionar: “Que gozo Outro é esse?... Será que estamos todos insatisfeitos com o gozo fálico?”⁴²

Neri, avançando em uma consideração de Assoun sobre os destinos de Anna O., os destinos da feminilidade, interroga a lógica fálico-edípica.

Queremos sublinhar que a histeria na figura de Anna O. desvela na cena inaugural da psicanálise a civilização mino-micênica, que vem, nos dizeres de Assoun, desregrar a gramática fálico-edípica. [...] A psicanálise, essa jovem ciência que, formulando o descentramento do sujeito da consciência, vem expor aos homens toda sua fragilidade, parece recuar diante do desamparo que ela própria enuncia, e não pode acolher essa condição de desamparo constituinte do sujeito que se situa para além da referência fálica. [...] Anna O. em face da confrontação com o desamparo, não enlouquece nem morre. Após errar como enigma do continente negro, na escuridão dos hospitais psiquiátricos, onde se vicia em morfina, luta para recobrar a saúde. Anna O. se torna, em 1890, a primeira assistente social da Alemanha, e sob esse título, ela se ocupa de crianças em orfanato, indo várias vezes à Rússia, à Polônia e à Romênia para ajudar crianças cujos pais morreram nos *pogroms*. Em 1904, ela funda a Liga das Mulheres Judias, realizando estudos sociológicos sobre a condição das mulheres judias e criminosos judeus. Em um de seus artigos, reunidos e publicados recentemente pela *Éditions des Femmes*, Anna O. constata o pouco que foi realizado em relação ao projeto no qual ela colocou toda sua esperança: mudar as mentalidades no campo da ética social. Em 1954, numa série consagrada aos benfeitores da humanidade, a república da Alemanha edita um selo estampado com a efígie de Bertha Pappenheim. Destino histórico, dirão muitos, a começar por Freud: segundo a lógica fálica, marcada pela inveja do pênis, ela estaria reivindicando o falo; para outros, segundo a mesma lógica fálica, ela estaria revelando o desejo da histórica, que é o de sustentar o desejo do pai. [...] Podemos pensar que a confrontação com o desamparo inaugura para Anna O. a possibilidade de inscrição de um processo sublimatório, converter a doença histórica em um destino histórico criativo. Ela não vai buscar amparo no casamento nem na maternidade, destino clássico das mulheres de seu tempo. É no desamparo que ela vai situar sua vida, junto com as crianças, os judeus, as mulheres, inscrever e escrever sua história, como promotora de uma cultura para além da cultura fálica, em sua tentativa “de mudar a ética social dominante”. Como

⁴¹ Ibid., p. 244.

⁴² ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 223.

assinala C. Bertin, com a subida de Hitler, ela se pronuncia por permanecer na Alemanha, recusando a emigração, como se ela não temesse se confrontar com o desamparo...⁴³

Assim, as questões relativas à feminilidade não cessam de impor a necessidade de pensar a organização do desejo em nossa cultura e as bases do desejo no seio da própria psicanálise. Os destinos do desejo no âmbito patológico e no âmbito da cura.

Em Roudinesco, são elencados os fatos históricos e políticos que giram em torno de Anna O., um dos “mitos fundadores” da psicanálise, um mito do destino da feminilidade. Resgata-se o possível relato fantasioso do historiador Ernest Jones, sobre sua gravidez psicológica, seu doloroso processo de medicalização e dependência, internações, sua “cura” pela via sublimatória, sua veemente recusa a recomendações de tratamentos analíticos, assim como a necessidade política de Freud e Breuer, em publicarem um caso bem-sucedido pelo método catártico que antecede ao relato de outros pesquisadores⁴⁴, caso este que representa o fundamento e a necessidade de revisão constante das construções psicanalíticas.

Com os questionamentos advindos de Freud sobre a histeria e sua retomada enigmática sobre o desejo feminino, é inevitável que, contemporaneamente, inclusive, façamos um ajuste de ângulo, pois no feminino, no desejo humano, existe uma eminente possibilidade: “[...] O que queres assume uma dimensão social e coletiva.”⁴⁵

Neri, em *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*, discute o que há de singular na posição feminina e constituição de laços sociais. “A singularidade da revolução feminina é a de ser a única revolução no século XX que se

⁴³ NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Sujeito e História), 2005, p.123-126.

⁴⁴ ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.568-572.

⁴⁵ SOLLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 215.

opera não no sentido de uma tomada do poder, mas como micropolítica que transforma radicalmente os laços sociais.”⁴⁶

A autora enfatiza que a obra de Freud demonstra uma plasticidade da pulsão e da feminilidade, o que permite pensar a sexualidade além do determinismo anatômico ou determinismo universal fálico, “enunciando uma subjetivação que se opera na mobilidade pulsional, enquanto permanente tentativa de inscrição da estesia pulsional em devires criativos, éticos e estéticos.”⁴⁷

Nos contextos em que a psicanálise se mostrou uma prática clínica e social, pode-se melhor compreender os liames dos discursos em que a escuta desenvolvida por Freud, a uma demanda proveniente de suas históricas, relativa aos laços a que estavam destinadas e aos quais resistiam; pode-se retomar os contornos que hoje conhecemos quanto ao desenvolvimento teórico e clínico sobre a feminilidade em psicanálise. Percurso de percalços, sim, mas de expressivos novos enlaces à condição humana, de suas mazelas e seu alívio.

A psicanálise permite a pesquisadores, teóricos, clínicos e os próprios sujeitos interrogarem sobre um mais além da posição feminina na cultura, algo não muito habitual a quem esteve destinada prioritariamente aos espaços privados, circunscrita em toda limitação mística e naturalística, inscrita em uma posição de restrição aos bens acessíveis na cultura.

Algo da feminilidade permanece, absolutamente, fora do alcance da palavra, fora do falicismo, fora do acesso aos bens culturais. Todavia, com o recurso “do significante em sua função criadora – o falo e a castração não mais se colocam como

⁴⁶ NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Sujeito e História), 2005, p.270.

⁴⁷ Ibid.,p.273

obstáculo à feminilidade, mas, ao contrário, como as indicações para toda a feminilidade possível.”⁴⁸

⁴⁸ ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.28-59.

V. CINEMA, PSICANÁLISE E FEMINILIDADE

Realizaremos um percurso a partir deste momento, que será intermediado por obras cinematográficas, as quais nos auxiliarão na compreensão dos tópicos que abordamos ao longo do desenvolvimento teórico. Com estas obras, percorreremos as construções que se referem à constituição e destinos da feminilidade, sua articulação com a constituição da subjetividade humana, a partir da interlocução com alguns aspectos da teoria psicanalítica de orientação freudiana e lacaniana.

Na primeira obra em análise, *A moça com brinco de pérola*, faremos os seguintes recortes de análise:

- 1º. Das origens do desejo feminino... Entre a cruz e a espada...
- 2º. Mulher e castração, mulher e falo
- 3º. Trabalho ativo para o fim passivo

Na segunda obra eleita, *As horas*, estaremos contemplando outros vértices que nos permitem adentrar às questões da feminilidade em seus laços com a teoria psicanalítica. Percorreremos, então:

- 1º. Sustentações (im)possíveis das identificações femininas
- 2º. Estruturas clínicas e estruturas discursivas
- 3º. O espreitar da vida e o espreitar da morte

Antes, faz-se necessário realizar uma breve passagem por questões vinculadas à arte cinematográfica e à entrada da figura feminina neste âmbito, assim como sua contemporaneidade ao desenvolvimento dos primeiros conceitos psicanalíticos. Realizaremos uma passagem por pressupostos da pesquisa em psicanálise, sobretudo o argumento que permite colocar em cena, obras de ficção, para realizar o intento psicanalítico no desenvolvimento de seu arcabouço, enquanto teoria e prática.

A sempre presente impossibilidade de generalizações quanto ao ser feminino e a impossibilidade de uma palavra última sobre tal, geram um universo de produções artístico-culturais dispostas a construir um lugar, mesmo que frágil, à representação imaginária e simbólica da feminilidade. A ciência, arte, filosofia, teologia ou outras modalidades de saber, historicamente disponibilizam-se para tal.

Freud, o grande mentor de uma nova abordagem do humano, depara-se com a própria especificidade desta, tendo que especializar seu intento.

Ele confrontou suas idéias com as experiências de seus pacientes e, mais tarde, com a literatura psicanalítica; passou anos elaborando, refinando, revendo suas generalizações. Seus famosos casos clínicos refletem vivamente seu compromisso simultâneo com a individualidade e a generalidade; cada uma delas retrata um paciente irreprodutível que, ao mesmo tempo, pertence a uma categoria de casos.¹

A arte cinematográfica também ilustra a generalidade e a singularidade² humana em suas vastas produções. A sétima arte é considerada um domínio cultural privilegiado para refletir sobre o sujeito, pois o apelo que a obra produz convida a refletir sobre o que Lacan denominou de “efeito de sujeito, fulguração e báscula capaz de pôr-nos radicalmente em questão.”³ Põe em questão os sujeitos e a própria cultura. As produções artísticas podem auxiliar a nos perguntarmos quais os possíveis lugares da representação do feminino, sintomático ou não, na clínica psicanalítica e alguns de seus lugares na representação simbólica e imaginária cultural.

A arte cinematográfica para Metz não se trata de uma arte de contato tal como a gastronomia ou a perfumaria, por exemplo, mas uma arte de distância, por esta razão, os processos secundários⁴ são permanentemente solicitados, mais que os

¹ GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 98.

² A visão da especificidade e generalidade à constituição do valor de *exemplar* em pesquisas psicanalíticas pode ser encontrada em Renato Mezan, no tópico: A natureza da pesquisa em psicanálise de Interfaces da psicanálise, São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 430.

³ RIVERA, Tania. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.10.

⁴ Em *A subjetividade e as imagens alheias: resignificação*, Jean-Claude Bernardet argumenta que o filme é como o processo secundário e laborativo do sonho, onde confluem real e ficcional, sonho e realidade. Ver: BARTUCCI, Giovanna (Org.) **Psicanálise, cinema e estéticas de subjetivação**. p.57 e ss.

processos primários, inconscientes. Uma arte que hoje ocupa um lugar na cultura, o que determina a sua acessibilidade, pois sua produção ocorre tanto sob parâmetros industriais como artesanais.⁵

O cinema está vinculado à ideia de pôr em movimento: sua etimologia grega, *kinein*, expressa esta propriedade, sendo que o desenvolvimento da tecnologia cinematográfica foi permitido com a descoberta de que o olho humano retém a imagem por frações de segundos. Cientistas se empenharam, então, a demonstrar esta condição. Em 1891, Thomas Edison patenteia o *Kinetoscope* e, na Europa, em 1895, Louis e Auguste Lumière realizam uma combinação de um impressor, câmera e projetor, o denominando cinematógrafo. Os irmãos Lumière passam a produzir filmes curtos, filmam situações cotidianas, de portas de fábricas, e uma imagem histórica é sempre evocada: a do trem entrando em uma estação, causando pânico, com a sensação de atropelamento de todos.

Estes desenvolvimentos são heranças do mais importante invento de manipulação de imagens: a câmara escura. A ideia é olhar por um orifício, para dentro de um compartimento onde se podem observar imagens invertidas de objetos externos. Seus princípios foram investigados sistematicamente por Leonardo da Vinci, nascido em 1453. Leonardo trabalhou em um pequeno quarto, não iluminado, cujos raios de luz externa entravam por um orifício da espessura de um lápis, sendo que projetava na parede uma imagem proveniente do exterior, com todas as cores, mas fracas e imprecisas. Com a adaptação de uma lente para focalizar e um espelho para inversão da imagem, a câmara escura mostrou-se um artefato útil aos problemas de perspectiva e cor na pintura de paisagens. Utilizada também para a observação de eclipses, protegia os olhos dos cientistas observadores. O artefato cai nas mãos de mágicos e charlatões que

⁵ METZ, Christian. História/Discurso (Nota sobre dois voyeurismos). In: **A experiência do cinema: antologia**. Xavier, Ismail (Org.) Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 1983, p.431.

exploram a ingenuidade das populações, e isto gerou acusações a experimentadores, cientistas e artistas, de que seus trabalhos estivessem vinculados à feitiçaria ou magia.⁶

Retomemos alguns aspectos dos desenvolvimentos posteriores. Em 1896, o francês Georges Méliès, inspirado nos Lumière, passa a explorar o potencial narrativo da nova tecnologia e, em 1899, filmou *Cinderela* em 20 cenas. Esta pode ser considerada a entrada do feminino no cinema. A partir daí, surgiram em torno de 345 versões de *Cinderela*. Antes, adjetivos morais e psicológicos a caracterizavam, mas em 1949, com Walt Disney, ela se torna loura, com traços delicados, pequena e branca.⁷

Em torno de 1903, com *O grande assalto do trem*, caracteriza-se o cinema como arte popular e indústria. O rentável negócio^{8 9} gera disputas judiciais entre Thomas Edison e produtores independentes, que para fugir aos litígios migram para a Califórnia e, então, surgem Hollywood e os grandes estúdios. Na década de 20, consolidam-se a indústria cinematográfica e os grandes gêneros: *western*, policial, musical e comédia, todos pertencentes a um sistema de fabricação de estrelas, senão, um sistema de fabricação de mitos, que, muito em breve passa a ser sustentada por uma indústria paralela de mídia impressa, a qual explora a vida pessoal de atores e atrizes.

O sistema de estrelismo permite a realização de um processo de semelhanças e diferenças entre o astro, a atriz e o espectador, visto que o glamoroso personifica o comum e vice versa.¹⁰

⁶ DEFLEUR, Melvin Lawrence. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.80-81.

⁷ TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **A mulher vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.8-9

⁸ O rentável negócio se sustenta por uma especificidade: diferentemente de outras modalidades do sistema de comunicação de massa, o ingresso pago, e não anúncios ou o subsídio oficial, são sua principal fonte de apoio financeiro. Ver em DeFleuer a extensão das consequências de tal condição.

⁹ Em História/Discurso (Notas sobre dois voyeurismos) Christian Metz avalia a condição “comercial e ideológica” dos espectadores por pagarem por seus lugares como uma condição de *vontade* própria, portanto “uma questão de desejo, logo de posição simbólica.” p.403-404.

¹⁰ MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: Xavier, Ismail (Org.) **A experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilmes, 1983.

Para Kehl constitui-se a produção de egos ideais desfilando nas telas, passarelas, calçadas, “calçadas da fama”! Em *Sobre ética e psicanálise* desenvolve o argumento de que a fama vem a ser o substituto da cidadania na cultura do narcisismo e da imagem.¹¹

Em 1927, algo espetacular ocorre, o cinema começa a falar e a voz¹² interfere na constituição dos mitos que já não podem somente contar com a imagem. “Para que a imagem não ocupe tudo, é preciso ceder lugar cada vez maior à palavra, pois é ela que sempre dá a dimensão limitada e incompleta do ser humano.”¹³

Seguem-se anos em que as formas de abordar a feminilidade e masculinidade transformam-se paulatinamente: nos anos 60, fica impossível não abordar as relações de gênero; formas de sexualidade proibidas são apresentadas para homens e mulheres; a mulher aparece em posição ativa de sedução, apesar de alguns finais trágicos aos “transgressores.” Nos anos 70, há um enaltecimento dos valores convencionais, evita-se a sexualidade e estima-se o sexo conjugal. Nos anos 80, surge uma masculinidade dura, representada pelos “exterminadores”, “rambos” e outros “duros de matar”, heróis sobre-humanos, revelando uma hipermasculinidade, mas já se apresentam os primórdios, que se consolidam nos anos 90: de uma abordagem menos estereotipada e múltipla à masculinidade e feminilidade.^{14 15}

¹¹ KEHL, Maria Rita Bicalho. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 25.

¹² Ver a necessidade da presença dos elementos sonoros, mesmo na era do cinema mudo, e suas vinculações ao “prazer da audição”, eroticidade e pulsionalidade da voz remetidos a uma “nostalgia por uma coesão imaginária, por uma “encantação genuína” de corpos em *A voz no cinema: a articulação de corpo e espaço* de Doane, Mary Ann. In: Xavier, Ismail (Org.) **A experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilmes, 1983.

¹³ TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **A mulher vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.10-14.

¹⁴ *Ibid.*, p.14.

¹⁵ Laura Mulvey, em *Prazer visual e cinema narrativo*, pontua que a cinematografia mostra em sua história a dificuldade em exhibir uma mulher sexualizada, madura, e, como não-mãe. A imagem da mulher é tomada como um objeto ao olhar fixo e curioso dos desejos de voyeurs obsessivos por um outro objetificado. A mulher não tem importância, sua imagem está vinculada a um prazer usual, e mesmo um erotismo homossexual faria o enredo avançar. Sua fetichização também está a serviço do ocultamento da castração, no entanto pondera que há um declínio nesta forma de usar a imagem da mulher. Ver p.435-453.

Iniciemos agora uma compreensão dos interesses mútuos que existem entre psicanálise e cinema, interesse que não foi evidenciado pelo fundador da psicanálise, apesar da contemporaneidade de seus primórdios. Coincidem no ano de 1895, a publicação de *Estudos sobre a histeria* e as apresentações públicas dos irmãos Lumière, em Paris.

Existe um curioso, e, quem sabe, justo desinteresse de Freud pela arte cinematográfica e claras objeções a ela, mesmo com suas analogias entre aparelho psíquico e aparelho óptico. Quando, em 1909, vai aos Estados Unidos para a conferência na Universidade Clark, assiste ao cinema pela primeira vez em Nova York. Sua falta de entusiasmo contrasta com a exaltação de Ferenczi. Naquele período, na cidade, as massas operárias se comprimiam, disputando espaços para assistir às últimas produções, ao preço de um níquel. Jones considera que Freud, de “austero gosto” e “amante dos clássicos” não cederia ao que possivelmente assistira: poucas tomadas, sem elaboração, algo descrito pelo biógrafo como “desenfreadas correrias”.¹⁶

Em 1924, Freud recusa-se a receber um grande produtor hollywoodiano, Samuel Goldwin, que solicitava sua colaboração para a produção de uma obra cinematográfica sobre célebres histórias de amor. Para o psicanalista Hanns Sachs, a recusa de Freud teve mais impacto em Nova York do que a *Interpretação dos Sonhos*. Seis meses depois, é a insistência de Karl Abraham¹⁷ que se revela: ele defende a realização de um filme de “popularização da psicanálise” e Freud argumenta que seria impossível uma apresentação minimamente séria de seus pressupostos por esta via. Rivera considera que, neste contexto, outra cena não se deixaria mostrar, “como poderia materializar-se num filme mudo a *talking cure*?”¹⁸

¹⁶ RIVERA, Tania. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.11-12.

¹⁷ Na ocasião, Karl Abraham, ocupava a posição de presidente da Associação Internacional de Psicanálise.

¹⁸ *Ibid.*, p.23-24.

Esta condição não invalida pertinentes analogias entre as duas obras que se desenvolveram sob o mesmo período histórico. A primeira grande associação está vinculada a ideia do aparelho psíquico e do aparelho óptico, a segunda e mais expressiva vinculação, se dá em relação aos sonhos, produção inconsciente por excelência, sobre a qual está edificada a psicanálise.

Com os desenvolvimentos tecnológicos iniciais, que foram os princípios de projeções de sombras, a percepção de movimento associado à neurofisiologia da visão e o desenvolvimento da fotografia, instauram-se as bases ao desenvolvimento desta arte.

Em 1900, Freud associa o aparelho psíquico a um aparelho fotográfico ou um microscópio.

[...] ele visava correlacionar os diferentes “estágios” pelos quais passa a imagem nesses instrumentos com os distintos modos de configuração das representações nas diferentes instâncias psíquicas. Mas também aponta a complexa e privilegiada consideração do visual no campo do inconsciente, como visto na noção de Outra Cena. Se o aparelho psíquico funciona como um microscópio, não se trata de saída de uma cena a se registrar, mas da retirada de um elemento discreto do campo do olhar, para enquadramento e exame pelas lentes. [...] Se a psique é como uma câmera fotográfica, ela enquadra e recorta o campo do real, escrevendo com a luz (revelando) apenas um pedaço de tudo aquilo que deixa às sombras. Como nota Philippe Dubois, “uma foto sempre esconde outra.”^{19 20}

A vinculação entre cinema e sonhos²¹ está associada à potência expressiva de ambos. O sonho é uma sucessão de imagens organizadas por um fio narrativo, que, somente unindo-se à palavra, torna-se bem-delineado. No cinema, a sucessão de imagens passa pelos processos secundários para sua escolha e organização. No entanto, em ambos, estamos em um enredo que não dirigimos.

¹⁹ RIVERA, Tania. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.45.

²⁰ A autora desenvolve considerações que demonstram o quanto a fotografia revela o não visto tal qual a psicanálise revela o inconsciente pulsional, assim como a forma como o visual se enlaça ao domínio das pulsões que movem o sujeito.

²¹ Com Camila Pedral Sampaio em *O cinema e a potência do imaginário*, vê-se uma menção ao “cineasta-poeta”, aquele que dá um caráter subversivo e crítico à sua arte. Enfatiza que desejo de cinema é desejo de sonho e paixão realística. Sugerindo “sonho” e “cinema” como um antídoto ao enrijecimento e a ordem instituída do mundo, em função de sua potência de linguagem poética e visual. Ver em *Estéticas da subjetivação...* p.45-56.

Excêntrico (fora do centro), no sonho (e no cinema talvez) o sujeito não seria mais que o próprio trânsito de imagens. Assujeitado, ele é jogado em um espaço inqualificável e móvel, denso, onde não se distingue das imagens. Brincando, refaríamos a máxima de Descartes: “So(u)nho, logo existo.”²²

Os vértices acima apresentados de uma relação entre cinema e aparelho psíquico, assim como cinema e sonhos, não são os únicos vértices de pesquisas que se desenvolvem em torno da psicanálise e esta produção cultural, em especial. As possibilidades de recortes são inúmeras, tais como os processos imaginários e simbólicos de espectadores e produtores; aspectos voyeuristas envolvidos na arte cinematográfica; os aspectos pulsionais envolvendo a visão e a audição; as posições subjetivas dos espectadores imóveis e silenciosos; espectadores sonhadores e sonhados; as representações da masculinidade e feminilidade, posições ativas e passivas; os aspectos de clivagem e paranoicos envolvidos na arte escópica. Enfim, abre-se um campo inestimável e inigualável de interlocuções.

A nós interessa uma possibilidade que psicanálise e cinema possuem em comum: o de não permitir que o império do entendimento se instaure²³, mas sim abrir a possibilidade de novas significações, a partir de outro traço em comum: a condição de lidar com a verdade ou a realidade sob a condição de enigma, e a possibilidade de abertura para novas modalidades discursivas.

Estou no cinema. Assisto à projeção do filme. *Assisto*. Como a parteira que assiste a um parto e daí também à parturiente, eu estou no filme segundo a modalidade dupla (e, todavia única) do ser-testemunha e do ser-ajudante: olho, e ajudo. Olhando o filme, ajudo-o a nascer, ajudo-o a viver, posto que é em mim que ele viverá e para isso é que foi feito: para ser olhado, isto é, somente ser pelo olhar. O filme é exibicionista, como o romance clássico do século XIX, romance de intriga e personagens, esse que o cinema imita (semiologicamente), prolonga (historicamente), substitui (sociologicamente), já que atualmente a escritura enveredou por outras vias.²⁴

²² Ibid., p.31-33.

²³ CROMBERG, Renata Udler. Tornar-se autora. In: **Psicanálise, cinema e estéticas da subjetivação**. Bartucci, Giovana (Org.) Rio de Janeiro: Imago, 2000, p.153.

²⁴ METZ, Christian. História/Discurso (Nota sobre dois voyeurismos). In: **A experiência do cinema: antologia**. Xavier, Ismail (Org.) Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 1983, p.406.

Relativo ao campo ficcional trazido pela produção cinematográfica, à psicanálise interessa discutir a dimensão de caráter ficcional das formações do inconsciente, sejam elas vinculadas às atividades fantasmáticas, imaginárias, entre outras.

Metz nos relata que o regime de ficção também existe nos filmes de não ficção e que a compreende sob dois aspectos; a ficção por si mesma e os diferentes significantes capazes de sustentá-la, agenciá-la. Considera que toda construção ficcional é uma construção entre crença e descrença, no entanto o saber que se está diante de uma ficção, permite experimentá-la plenamente, sem a necessidade de testar sua veracidade.²⁵

Cessaroto põe em relevo a condição do sujeito psíquico descrito por Freud e a divisão do sujeito formalizada por Lacan em *As sementes da semiótica psicanalítica*, e nos interroga qual tipo de ciência daria acolhida a um “saber não sabido, absoluto porém incompleto”, sugerindo que a psicanálise merece a categoria de “ciência inexata” por ser humana, demasiado humana.”²⁶

Mezan nos auxilia a compreender que a especificidade psicanalítica está contemplada em sua peculiaridade metodológica:

[...] Daí provém a regra metodológica, segundo a qual, posto que a superfície legível dos enunciados teóricos contém inevitavelmente uma parcela de “elaborações secundárias e camuflagem do ego”, pensá-los psicanaliticamente implica tomá-los pelo avesso e procurar destacar deles “outras redes de significação”. A isso Laplanche denomina “desmantelamento” ou “aplainamento” (*mise à plat*) dos enunciados textuais.²⁷

Os elementos textuais desta pesquisa estão contidos nas narrativas dos filmes analisados *A moça com brinco de pérola* e *As horas*, que gerarão as condições

²⁵ Ibid., p.420-433.

²⁶ CESSAROTTO, Oscar. *As sementes da semiótica psicanalítica* apud Rosa (org.) **Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, EDUC, 2000, p.154-155.

²⁷ MEZAN, Renato. Que significa “pesquisa” em psicanálise? In: Mezan, Renato. **A sombra de Don Juan e outros ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.90.

necessárias ao desenvolvimento dos conceitos apresentados ao longo do desenvolvimento teórico.

A pergunta sobre a forma de escolha das obras pode ser interessante que se faça, e, em se tratando de pesquisa psicanalítica, não há como ignorar-se o elemento transferencial. O pesquisador em psicanálise se depara em uma condição especial:

Cada vez que nos pomos em ação para estudar um conjunto de significações humanas psicanaliticamente, gera-se um inconsciente relativo que tem, que comporta um saber transferencial do estudioso em relação ao objeto estudado. Quer dizer, é como se evocássemos uma transferência. O objeto nos fala [...].²⁸

Os objetos que nos falam, a textualidade de *A moça* e *As horas* será acompanhada, analisada, a partir de nortes desenvolvidos no marco teórico. Convém lembrarmos que pesquisa em psicanálise é incomparável à análise de pacientes. Um “caso” em pesquisa se faz de coisas, gente, história, livros, contos, filmes, e outros. Pesquisa em psicanálise “é aquela que recupera o sentido especificamente humano, o sentido psíquico de seu objeto.”²⁹

Algo imprescindível em psicanálise é reconhecê-la como uma ciência humana, a qual, neste setor de conhecimento gera consequências pelo fato de que sua investigação intenta “interpretar a polissemia das situações observadas.”³⁰

Hanns ao desenvolver algumas observações preliminares, que introduzem sua tradução às obras de Freud, nos lembra que este em sua “trama-semântico-conceitual” optava por determinados termos pela riqueza de sentidos e a riqueza semântica das palavras que assim, contribuía para a elucidação dos conceitos. Seus esforços são em restaurar os usos polissêmicos freudianos, pois este se declarou “avesso

²⁸ HERMANN, Fábio. Uma aventura: a tese psicanalítica. In: **Investigação e psicanálise**. SILVA, Maria Emília Lino da (Org.). Papirus: Campinas, 1993, p.138.

²⁹ Ibid., p.148.

³⁰ RESENDE apud VIOLANTE. Pesquisa em psicanálise. In: **Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise**. Pacheco, Raul Albino Filho. Coelho, Nelson, Júnior. Rosa, Miriam Debieux. (Orgs.) São Paulo: Casa do Psicólogo: EDUC, 2000, p. 115.

ao engessamento conceitual”.³¹ O estilo freudiano de suas elaborações é marca do legado de pesquisador para seus sucessores.

O percurso de uma investigação, que, por vezes, obsedantemente se tenta planejar, assiduamente organizar, assim não se dará... Loureiro nos descreve que, em pesquisa psicanalítica, passaremos por alguns “embaraços” diante da *rubrica* “metodologia de pesquisa”, demandada pelas instâncias universitárias e agências de fomento. Observa que o percurso de pesquisa será “irredutivelmente singular” e, mesmo Freud, principalmente em a *Interpretação dos Sonhos*, demonstra que esteve “fadado a descumprir os preceitos de ‘boas maneiras’ metodológicas, perpetuadas pelos manuais e cursos de metodologia científica.” Sugere que nos deixemos levar pelo objeto e, assim, flexibilizar “aos imperativos metódicos convencionais, tão fortemente disciplinares.”³²

No desenvolvimento de uma pesquisa psicanalítica, o elemento “surpresa” deve significativamente ser considerado, diante disso, lembremos observações de Figueiredo, ao discutir a ética da pesquisa acadêmica e clínica.

Por isso, a pesquisa científica acaba sempre, paradoxalmente, dependendo de acontecimentos e movimentos que escapam à *posição teórica* e à sua racionalidade. Os avanços científicos acabam dependendo de fatores de acaso, surpresa, susto, decepção, frustração, etc. Em outras palavras, mesmo que a atividade científica exija razão e planejamento, estas dimensões por si sós não garantem aquela autonomia e exterioridade do objeto necessárias para dar à ciência sua razão de ser como desejo e procura do conhecimento. O pesquisador que age assentado apenas na posição teórica dirige-se somente ao que já conhece ou pressente, em busca de confirmações. A autonomia e a exterioridade do objeto precisam, portanto, ser reencontradas pela via do que escapa à procura racional, pela via dos afetos aparentados à surpresa e ao espanto, à frustração e à decepção. Só por esta trilha não pavimentada e cheia de acidentes a pesquisa progride e exige remanejamentos teóricos profundos e significativos que, por sua vez, abalam a segurança narcísica do pesquisador e lhe impõem momentos dolorosos e desestruturantes. Há, nestes casos, tanto uma perda de si como sujeito soberano da razão e da vontade, como uma perda de objetos que se supunha estivessem sob o controle da teoria. Quem não está psiquicamente apto a experimentar e a suportar a perda e a frustração não pode ser um bom pesquisador, embora possa ser um fiel e

³¹ FREUD, Sigmund. **Observações preliminares**. In.: Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1915-1920). v. II. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p.10.

³² LOUREIRO, Inês. Sobre algumas disposições metodológicas de inspiração freudiana. In: **Pesquisa em psicopatologia fundamental**. QUEIROZ, Edilene Freire de. SILVA, Antônio Ricardo Rodrigues da. (Orgs.) São Paulo: Escuta, 2002, p.146-149.

meticuloso funcionário burocrático do *establishment* acadêmico e científico.³³

A condição descrita coloca o pesquisador em psicanálise em uma posição subjetiva, que terá implicação significativa em sua produção, pelo abalo e realização narcísica. Mas lembremos o que Mezan nos rememora no tópico *O psicanalista e sua sombra*: a obra “é certo que traz ao pesquisador não apenas o prazer narcísico de se ver capaz de atingir um objetivo, mas principalmente a realização sublime de um desejo cujas raízes remontam ao universo infantil.”³⁴

³³ FIGUEIREDO, Luiz Cláudio. A ética da pesquisa acadêmica e a ética da clínica em psicanálise: o encontro possível na pesquisa psicanalítica. In: **Psicopatologia fundamental**. São Paulo: Escuta, 2002, p. 131-132.

³⁴ MEZAN, Renato. Que significa “pesquisa” em psicanálise? In.: _____ **A sombra de Don Juan e outros ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.118.

VI. ANÁLISE DAS OBRAS

1 - A Moça com Brinco de Pérola

A - Sinopse

O filme narra o encontro de uma jovem serviçal com um artista plástico, nos idos de 1665, em uma cidade do interior da Holanda. O período é marcado por grande desenvolvimento econômico, mas também por conflitos de ordem cultural e social, como por exemplo, a oposição entre cristianismo versus protestantismo, forte sectarismo entre ricos e pobres, patrões e empregados.

Após o adoecimento do pai, *Griet* é encaminhada para prestar serviços na residência de um reconhecido pintor, de família numerosa, cuja manutenção é proveniente de suas obras, frequentemente patrocinadas por um mecenas, que as encomenda regularmente. A garota leva junto a si uma pequena cerâmica, ilustrada por seu pai, que a presenteia com esta, antes de ela partir. A mãe a alerta para que não se envolva nos rituais cristãos dos patrões e preocupa-se com aspectos de alimentação da filha.

Griet presta serviços a esta família, cujas dificuldades de manutenção geram constantes pressões da esposa e sogra em torno das produções de *Vermeer*, que demonstra claramente, em alguns momentos, sua angústia, na paralisia do fluxo criativo.

Com seus traços de sensibilidade, *Griet* preocupa-se com as condições sobre as quais *Vermeer* trabalha e tenta não intervir em quaisquer aspectos da organização espacial do atelier, para não interferir sequer na luminosidade, por exemplo, pois a ela foram delegados os cuidados do espaço de trabalho do artista. O pintor paulatinamente

reconhece em *Griet* esta sensibilidade e, ainda, uma beleza digna de ser representada. A garota, também, cai nos encantos do mecenas, que deseja vê-la posar como modelo.

O encantamento produzido por *Griet* sobre o pintor leva *Vermeer* a envolvê-la, paulatinamente, na observação de aspectos técnicos das obras, na compra de artefatos, na elaboração das tintas, e a manutenção do ambiente propício à criação, o que a faz, em determinado momento, ousar intervir sobre a composição de um dos cenários.

Vermeer passa a “precisar” dela. Precisa de sua relação com a arte, precisa de sua sensibilidade, precisa da trama impetrada com o mecenas que o patrocina, o drama com sua própria esposa, aparentemente relegada e traída neste enredo. Precisa de *Griet* como objeto de inspiração.

Após um período de veladas negociações, *Griet* passa a modelo. Um intenso trabalho de montagem segue e gira em torno da escolha da perfeita composição das cores, do seu turbante, a ideal posição corporal, o brilho dos lábios e a perfuração para introdução do brinco, e um exaustivo conluio para retratá-la, inclusive, com uma das joias da esposa. A trama desfaz-se com a participação de uma das filhas de *Vermeer*. A pequena e perceptiva *Cornélia* acompanha, sorrateiramente, todos os passos do pai e da criada, objeto de sua atual criação. A garota, de longa data, já havia percebido o lugar que ocupava esta mulher aos olhos do pai e denuncia tal fato à mãe, que descobre, então, que havia um consentimento de sua própria mãe ao desenvolvimento de tal obra.

A esposa de *Vermeer*, em estado de desespero, pede para ver o quadro, e, ao fazê-lo, caracteriza-o como uma obra obscena e pergunta ao esposo por que não era objeto de seu trabalho. Questão para a qual não recebe resposta.

Griet, a mulher objeto de inspiração de *Vermeer*, é expulsa em função dos transtornos que causou. Segue, então, para a casa de *Peter*, jovem açougueiro, que a

convidara para que tivessem suas próprias vidas e a alertara para que não entrasse no mundo de *Vermeer*, o que efetivamente a moça não pôde deixar de fazer.

Após o término do quadro e afastamento da serviçal, mostra-se o mecenas contemplando o quadro *A moça com brinco de pérola*, a qual pode ter em obra, apesar de seu efetivo assédio à criada, ilustrado no enredo.

O filme é concluído com um presente enviado à *Griet*, não se sabe por quem. Os brincos que havia utilizado para deixar-se retratar chegam as suas mãos, lhe pertencem agora.

B - Interlocução com conceitos psicanalíticos

1 - Das origens do desejo feminino... Entre a cruz e a espada...

O espectador de *A moça com brinco de pérola* observa *Griet*, a personagem principal, enlaçada em inúmeras relações que nos fazem pensar sobre a origem de sua posição, ao partir da casa paterna, e seu posicionamento posterior, consentindo em participar do projeto de *Vermeer* em retratá-la.

Iniciemos com as falas do pai e mãe de *Griet* em sua partida, que demonstram preocupações e afetos muito peculiares.

O pai a chama e entrega um azulejo (cerâmica) por ele pintado:

_ *Lembra? Você me observou pintando...*

A mãe, mais incisiva, lhe entrega uma quantidade de mantimentos, para o caso de a filha estranhar a alimentação, lamenta-se pelo que passa a família, e declara:

_ *Fique distante de suas orações católicas. Ou se for obrigada a estar com eles quando orarem... Feche seus ouvidos.*

Estas falas, diante das quais a moça permanece muda, podem nos auxiliar na reflexão a respeito do que se trata no feminino, da presença das demandas maternas e

paternas, veladas ou não, e a forma de inscrição perpetrada por estas demandas em uma posição subjetiva, que situam um sujeito, em relação ao percurso de seus desejos.

Assoun considera que as formas pelas quais a feminilidade se fenomenaliza, partindo das considerações freudianas, estão em relação à divisão constitutiva entre o querer e o desejo. A mulher, dentre estas duas linhas inconscientes concorrentes, está cindida entre o Querer-ligação-materna-demanda e o Desejo-referência-paterna-falo.¹ É dentre estes dois eixos que ela constitui suas identificações, e só há feminilidade possível na medida em que, no embate conflitivo dentre os dois, não haja um amordaçamento do sujeito psíquico.

O debate sobre a mãe está em relação às suas funções estruturantes. Desta provêm os primeiros ditos, ditos que sentenciam, que decretam. A mãe é a primeira representante dos poderes do verbo, algo como “ser nomeado para” pela mãe. Impossível, então, ignorar as fantasias que suscitam...²

Em Assoun, verifica-se que um dos desafios à mulher na constituição da feminilidade será o libertar-se dos atrativos da mãe onipotente, não submergindo à torrente materna, visto que a relação mãe-filha é uma relação fadada à decepção, a qual, muito comumente, dá margem a uma postura hostil. O autor descreve que não é incomum no universo feminino o “abrir mão de... para não ferir a mãe”. Ou, o “salvar o pai e a mãe por dever a vida a eles.”³

No intento de “manejar o irresolúvel entre o desejo e o querer”, talvez lhe reste unicamente o sintoma, que é a representação do “curto circuito entre o registro do querer e do desejo.”⁴

¹ ASSOUN, Paul-Laurent. 1948. **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 111.

² SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.88-97.

³ ASSOUN, Paul-Laurent (1948). **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.99-133.

⁴ Ibid., p.116.

O autor observa que na histeria há um “texto”⁵ de uma fala inaudita e desorganizada, fala vazia.

Essa fala vazia, que sobrevive à ordem dos parentescos e constrói a lei do seu querer sobre a miséria do seu desejo – justamente a que é tão bem expressada no texto – não será ela a que a histeria experimenta e atira no rosto de seu parceiro, o detentor do Texto? Transgressão inocente, que Freud teve todas as dificuldades de referir a uma lógica da transgressão, por mais que houvesse nela um toque de culpa.⁶

A personagem que é desenvolvida no enredo mostra-se permanentemente imersa em embates conflitivos. Entre o pai e a mãe, entre *Vermeer* e a esposa, ou *Vermeer* e o mecenas, entre *Thins* e a filha, entre *Cornélia* e o pai da menina. É imersa também em sua própria posição interna e as constantes demandas de outros, tais como *Pieter* ou a própria colega *Tanneke*. Todos reveladores de posições subjetivas, posições discursivas, posições simbólicas e imaginárias diante do desejo.

Afinal, é somente uma criada. O que se espera de uma criada? A obra demonstra como *Griet* elabora sua postura desejante no desenvolver da trama. A determinação à ocupação de um lugar, enquanto sujeito e objeto de inspiração, é dada por *Griet*, no avançar de suas relações na residência dos *Vermeer*, na medida de sua paulatina aceitação e ao ritmo de sua capacidade em que se permite dar expressão.

Kehl, remetendo-se à condição do sujeito desejante, observa que:

Este sujeito, cuja fala corresponde à necessidade de expressar algo que ainda não está escrito no universo constituído da língua, é o sujeito da teoria lacaniana – o sujeito do desejo, em busca de um significante que o realize. Pois o desejo, sabemos desde a *Interpretação dos Sonhos* de Freud, realiza-se ao encontrar expressão.⁷

A autora observa que o significante que designa o desejo para o sujeito, a partir da teoria lacaniana, é o que corresponde, no inconsciente, ao significante fálico,

⁵ Ver em Laura Mulvey, *Prazer visual e cinema narrativo* as questões: do lugar da enunciação como masculino, a mulher como portadora de significado e não produtora e o enfrentamento do inconsciente estruturado como linguagem que se formou sob a égide do patriarcalismo e falocentrismo. p. 435 e ss.

⁶ ASSOUN, Paul-Laurent. 1948. **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 178.

⁷ KEHL, Maria Rita. **Os deslocamentos do feminino** – a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Tese apresentada ao Departamento de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997, p.24.

significante do desejo materno, recalcado, que não está acessível ao sujeito, não existe “pronto”, mas que poderá constituir-se pelos processos de deslocamentos e condensações que produzem as metáforas e metonímias, entre as quais o desejo traça seu percurso singular. Pondera sobre as construções ditas lacanianas, pois, “[...] a concepção é rigorosamente freudiana: a verdade (do sujeito) se manifesta onde “isto” sofre [...]. Percebe-se, então, que o sujeito vem à luz quando fala, mas não *qualquer* palavra, nem de *qualquer* lugar. [...] o sujeito “advém” quando se atreve a fazer uso de um falo (no sentido daquilo que vem suprir uma falta): o *falo da fala*.⁸

Vejamos alguns “atrevimentos” de nossa personagem.

Quando de sua primeira visita ao mercado de carnes:

_Esta carne não está fresca. A patroa não vai gostar.

_Pieter!

_Traga a carne lá de trás.

_Está melhor.

Por ocasião do envio do convite ao mecenas para festejar o nascimento de *Franciscus* e a intencionalidade, não expressa inicialmente, de se realizar uma encomenda de uma nova obra de *Vermeer*, *Griet* é encarregada desta entrega a *Van Ruijven*, e, nesta ocasião, trai-se pelo olhar.⁹

_Você tem olhos muito grandes (largos). Como eles te chamam?

_Griet.

_Griet?

_Griet.

Em outra ocasião, uma pequena ousadia, já reveladora de sua relação com a arte, ao interrogar a jovem patroa sobre os cuidados com o atelier:

_Sim? É sobre o estúdio, senhora.

⁸ Ibid., p.24-25.

⁹No capítulo *A esquize do olho e do olhar*, Lacan desenvolve considerações sobre o olhar em sua contingência simbólica, sua relação com o que se delinea no horizonte de nossas experiências: a falta constitutiva da angústia de castração. Ver em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, livro 11, p.69-74.

_Devo limpar as janelas?
 _Não precisa me perguntar sobre tais assuntos.
 _É que... pode alterar a luz.
 _É claro. Lave-as.

Em seu rearranjo do cenário em que *Vermeer* trabalhava, quem sabe, uma grande ousadia:

_ Por que moveu a cadeira?
 _ Ela parecia presa.

Griet, paulatina e sutilmente vai construindo e ocupando um lugar no cenário que é a casa dos *Vermeer*. De pequenas ousadias, pequenos atrevimentos ao máximo atrevimento passivo: ser retratada, ser pintada, com sua colaboração ativa para este fim. Sua condição de menina à mulher, objeto erótico, objeto escópico de desejo do outro vai perfilando-se no encaminhar do enredo. A marca de seu próprio desejo refaz-se aí? Para a necessária construção de um sentido, às questões: “O que o Outro quer de mim?”, “O que sou para o Outro?”¹⁰, o percurso, por vezes coloca uma série de alternativas, mas somente algumas farão parte da instauração da estilística de um sujeito. *Griet* supõe indícios da inauguração de uma estilística a si e a interferência na de um outro.

Caso ousemos perguntar-nos de que relação se trata a da garota com o que se mostra como seus objetos de interesse, invariavelmente estaríamos adentrando uma questão sobre a posição estrutural. Assoun defende que a feminilidade imprime um estilo às estruturas clínicas: na feminilidade neurótica, vê-se um sujeito que *não quer o que deseja*; na feminilidade perversa, vê-se *um querer o que ela não consegue desejar*, e na psicose, apresenta-se um *querer desejar* que sempre fracassa, reexperimentando a

¹⁰ Ibid., p.26.

carência do desejo.¹¹ Em todas as modalidades estruturais encontram-se fracassos na conciliação do sujeito, entre seu querer e seu desejo.

Voltemos à nossa personagem, ao nos interrogarmos sobre seu fracasso ou sucesso na conciliação da conflitiva entre o querer e o desejo. Vejamos o diálogo revelador entre *Pieter* e *Griet*, em que se desnuda o impensável... O impensável, que um outro poderia reconhecer, um lugar que ela própria relutava em reconhecer-se.

_Não há fumaça sem fogo, dizem.

_É isso que você pensa?

_Não.

_Você é só uma criada, o que pode fazer?

_Tenho que voltar.

_Não vá embora, me escute. Apenas lembre-se de quem você é. Não fique presa no mundo dele.

_Eu sou apenas uma criada, mas nunca cederia ao Mestre Van Ruijven.

_Não estava falando do Van Ruijven.

Por ocasião da apresentação da última obra de *Vermeer* e a comemoração do nascimento de seu filho, *Franciscus*, negocia-se no jantar a temática para a inicialização de um novo quadro. Negociação sob condições hostis, pois o mecenas sugere a vinda de um pintor que havia estudado com Rembrandt e que lhe prestaria serviços. E, sob esta insinuação que constrange a todos, negocia a presença de *Griet* em uma obra:

_ [...] E se vou passar entediadas horas pousando, quero algo em que eu possa descansar os olhos. Acho que ela deve estar no quadro. Uma cena de taverna! Será uma mudança para você. A Griet poderia vir e me servir. Olhe para ela, homem. Que dificuldade há em pintar uma moça bonita? Posso tê-la?

Vê-se aqui constituir um aspecto da posição objetual feminina, cuja racionalidade pode ser apreendida se recorrermos a um norte de compreensão da teoria pulsional, em se tratando dos aspectos da atividade e passividade pulsionais.

¹¹ ASSOUN, Paul-Laurent (1948). **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.112.

Kehl, em referência a Joel Birman de *Por uma estilística da existência*, ao descrever o que se pode esperar em uma análise, considera que:

Verdade que o neurótico é um narrador, de sua “novela familiar” eternamente repetida, cheia de certezas que justificam e dão sentido ao sintoma. Na narrativa neurótica, o sujeito mais *é falado* – pelo Outro, pelos pais, pela estrutura em que se encontra – do que fala. Esta narrativa deve dar lugar, ao longo de uma análise, a um outro enredo [...].¹²

Enredo em que ocorre uma modificação das práticas languageiras e não modificação da estrutura de linguagem que o sujeito habita. E, ao invés de sermos inteiramente alienados a ela, poderemos “escrever” sozinhos, em relação a um primeiro leitor-interlocutor, o analista.”¹³

Na relação entre a jovem *Griet e Vermeer*, entoam-se rudimentos de uma relação em que “estilísticas” das existências se fazem. Estilística no sentido de construir um estilo próprio, inconfundível. E, assim, algo de um processo sublimatório poderia vir a configurar-se. Mas, afinal, quem em relação a quem ocupa uma “posição analítica”? Houve a possibilidade de emergência de um discurso outro que não o discurso do mestre ou o discurso histérico nesta relação? O que permitiu conciliar a conflitiva dos sujeitos do desejo, ou sujeitos de gozo, na constituição de um ato sublimatório? Ato que, por excelência, dará um destino, quiçá salutar ao recalçado.

Lembremos, ao rever a metapsicologia freudiana, o que Garcia-Roza interroga sobre a sublimação. “Seria a sublimação o território onde o individual e o coletivo se harmonizariam, ponto de dissolução do conflito entre o pulsional e o cultural, já que ambas as exigências seriam atendidas?”¹⁴

¹² KEHL, Maria Rita. **Os deslocamentos do feminino** – a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Tese apresentada ao Departamento de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997, p.28.

¹³ Ibid., p.28

¹⁴ GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. In.: Introdução à metapsicologia freudiana. Vol 3, 5ª.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p.140.

Poderíamos quem sabe pensar, então, que a sublimação pode representar um lugar possível à conciliação que um sujeito “permite-se”, entre seu querer e seu desejo? Em nossas personagens, *Griet* e *Vermeer*, há uma constante presença de um sofrimento inquisitor. A marcante ambivalência sobre a imperativa necessidade de realizar-se a obra e os impeditivos superegoicos que circundam.

A situação emaranha-se, porque se trata da emergência da sexualidade de uma jovem, cujo destino de criada antevê a forma de realização de sua eroticidade, à época. A questão da sexualidade feminina está posta sob o vértice do significante e o vértice do gozo.

Vejamos a consideração de André, sobre esta construção em Lacan.

A articulação dessas teses e de seus embasamentos supõe que as situemos no contexto do desenvolvimento geral do Seminário *Mais, Ainda*. Este apresenta como que uma elaboração que religa dois termos opostos *a priori*: o *significante* e seu efeito de significado, por um lado (daí a função fálica), e o *gozo*, por outro lado. É na intersecção desses dois campos que vem se colocar a questão da feminilidade, precisamente na medida em que ela revela onde esses dois campos se recobrem ou se disjuntam. Esses termos, significante e gozo, não são, em 1972, novidades no discurso de Lacan: já têm toda uma história. Importa, assim, para melhor demarcar, situá-los em certos textos anteriores a *Mais, Ainda*, especialmente nos dois textos fundamentais que são “A significação do falo” e “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”.¹⁵

Está, então, a sublimação em relação ao que é possível de realizar-se, em relação ao gozo? Em especial ao gozo não-todo fálico, assim denominado na teoria lacaniana, no qual se situa a posição feminina?

No enredo, observamos em quanto da posição sacrificial e, paradoxalmente, deleitosa estão imersos nossos personagens. Em especial, *Griet*, na posição da criada, que foi figura tão significativa na construção da compreensão da histeria em Freud. Assoun observa que Freud descreve particulares figuras femininas ligadas à histeria: a moça sacrificada, representada por Anna O., e a jovem revoltada, Dora, e uma outra figura.

¹⁵ André, Serge. **O que quer uma mulher?** Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.211.

Resta uma última figura da infelicidade burguesa: a criada. Trata-se do elo fraco da cadeia, daquela que tem que suportar as investidas do patrão e administrar as sobras de um mundo que só reconhece a sexualidade dentro de seus próprios limites. Freud deparou repetidamente com esse personagem no sistema de intrigas que a histérica lhe revelava. Sabemos do importante papel identificatório desempenhado pela empregada seduzida e abandonada pelo Sr. K. na identificação de Dora: ela era, na verdade, o lado avesso de infelicidade real, o duplê da histérica.¹⁶

Retomemos um dos primeiros comentários de *Van Reijven*.

_ Ah, está aí, Griet. Venha aqui. O que andou fazendo hoje? Senti sua falta. Ambos sentimos. Ouvi dizer que tem ajudado muito o seu mestre, bela Griet. Todas aquelas moagens e misturas, não é? Mestre e criada. É uma melodia que todos conhecemos. E podem praticar juntos, agora que fizemos nosso trato, não é, Jan? Não vai se esquecer, vai? Ótimo.

Em um característico momento de fúria, *Van Reijven* surge, impondo à *Griet* que ocupe seu lugar de criada, objeto de seu desejo. E o faz a partir do exercício de um gozo todo fálico, que fica particularmente autorizado diante da castração emanada do outro. Diferente do fazer parceria com a castração do outro... Posição que *Vermeer* melhor exercia.

_ Agora, garota... me conte como vão indo lá em cima. Ele já encontrou a sua composição? Você o move? Você o inspira? Conte-me. O pincel do mestre desvendou os segredos do seu coração? Madura como uma ameixa... ainda não colhida. Com o que ele anda brincando? Ele fez um trato comigo. Ele está te pintando às minhas custas.

_ Não!

_ Já esperei o bastante. Que grande tolo ele é. Não lute!

_ Não!

_ Griet? Griet! Griet?

_ Nem uma palavra. Senão perderá o seu lugar. Ele não olhará para você novamente.

_ Griet!

Em nossa personagem, verificam-se momentos em que *Griet* coloca-se em dúvidas sobre a posição desejante de deixar-se e deixá-lo representar, mesmo porque aí está o desejo do mecenas que a assedia, a moral vigente em uma família cristã, as

¹⁶ *Ibid.*, p.156.

observações cuidadosas de sua mãe, a possibilidade de descoberta da esposa de *Vermeer* e o laço que a une à arte. A partir da solicitação de *Vermeer*, que passa veladamente a solicitar-lhe a ocupação de outro lugar, ao qual *Griet* tenta declinar, a conflitiva da garota mostra-se evidente.

O vislumbrar de Freud da realidade de um desejo insatisfeito, ou um desejo não reconhecido, assim como a concorrência entre o querer e o desejo se dá, sobretudo, no sonho da *Bela Açougueira*, sendo, aí, algo do mistério feminino revelado: qual o estatuto, então, do sujeito que preserva seu desejo insatisfeito?¹⁷

Assim, propõe que, dentre as inconscientes estratégias femininas, está a recusa do desejo do Outro (o homem), para depois atingi-lo e marcar sua falta a ser amada.¹⁸ O amor enquanto uma constante nos conflitos femininos traz em si “o drama singular das mulheres de estar presas a Eros” e a ambivalência de que “é através da mulher que o homem participa de Eros.”¹⁹

_Você pode misturar as cores.

_Misturar as cores?

_Senhor, não tenho tempo.

_Arranje tempo.

Quando da necessidade de utilizar o adereço...

_Use estes. Ótimo. Veja, Griet. Um ponto de luz na sombra do pescoço, guiando o olho.

_Jan!

_Senhor. Não me peça isto.

_É necessário. A composição não está equilibrada.

_Já o vi a pintar sem ninguém lá!

_Quer que eu imagine como o brinco ficaria?

_Minhas orelhas não são furadas. Ela vai descobrir...

_Isso tem que ser feito, Griet.

¹⁷ ASSOUN, Paul-Laurent (1948). **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 114.

¹⁸ *Ibid.*, p. 115.

¹⁹ *Ibid.*, p.169.

2 - Mulher e castração, mulher e falo

O enredo demonstra um contexto cultural demasiadamente fálico, atingindo significativamente a família *Vermeer*, visto que o horror à falência, às dificuldades financeiras, à ameaça permanente do não patrocínio do influente mecenas e o aumento da prole são realidades e fantasmas que pairam e aterrorizam os membros da família e os próprios serviçais.

A ostentação de um falicismo está ornando os ambientes, os adereços femininos, as cerimônias. À *Griet* foi dado conhecer que “algumas criadas” podem ascender a este universo, a este falicismo. Vejamos como o mecenas enaltece as características da obra de *Vermeer*, assim como o contexto velado em que se dá sua realização.

_Seu mestre é um grande pintor, Griet. O melhor em Delft. Ele me pintou, talvez será meu epitáfio. Olhe este vestido... Quase se pode tocar o cetim. E o vinho... cintilando através da taça. Você pode se imaginar em tal requinte, Griet? Ela adorou, sabe? Rendas e cetim, pressionados contra os pequenos seios. A seda, pesada sobre suas coxas... Os cavalheiros observando... Meu Deus, ela estava feliz.

Cenário não sempre velado sobre a eroticidade que permeia as relações.

Vejamos os comentários de *Tanekee* à jovem *Griet*:

_Ela pensou que era alguém. Toda vestida como uma dama. Verde como a grama... Quanta imaturidade, imagine você... Ela tinha trabalhado lá apenas alguns meses até que Van Ruijven a trouxe para ser pintada. Colocou-a naquele fino vestido vermelho, pôs vinho para ela e forçou (goela abaixo), como se estivesse forçando um ganso. Aquele vestido não ficou servindo por muito tempo. Ela estava carregando dele, um filho bastardo, antes que a pintura estivesse seca.

Desenvolveremos este tópico no intuito de circularmos sobre considerações em torno da posição feminina diante da castração e, conseqüentemente, diante do falo.

Focaremos a condição de *Griet* em sua posição de destituição e falicismo, ilustrada no enredo.

Em sua condição de criada, parece inimaginável poder deixar-se retratar, pois sabia o destino daquela que lhe antecedeu. Torna-se mais tranquila nesta posição, ao ver declarado o desejo de *Vermeer*, as condições em que ocorreria e, sobretudo, o consentimento de *Thins*, a matrona, sogra do pintor.

Assoun considera que uma menina, embora submetida aos rigores do “complexo de castração”, pode abordá-lo “sem complexo”! Não observa que haja exclusivamente, na “cena primária escópica”, ao reconhecer a diferença, unicamente sentimentos de dor e mutilação. O falo pode ser identificado à coisa “a ser possuída”, claro que poderá tomar a forma de “*via crucis*” e extravagâncias, mas não a impede de acabar realizando a pretensão fálica de forma tão eficaz, como quem “tem algo a perder.”²⁰

É fundamental compreender a forma como a mulher (não no sentido universal) se relaciona com a castração: como algo ligado ao seu próprio ser. Há que se considerar a possibilidade inconsciente de a mulher aderir a essa desapropriação, não somente para encontrar nela a oportunidade do prazer, mas que possa sua identificação passar por aí, não necessariamente como uma mulher castrada, pejorativamente falando. O fato de se relacionar com a castração não está em interdependência com a realidade de *ser castrada* da mulher.²¹

O autor considera que a condição de castração feminina pode ter algo em comum à perversão, na medida em que a função denegação pode ocorrer-lhe em algumas circunstâncias, denegação de si, o que acarreta ver-se a mulher como um

²⁰ ASSOUN, Paul-Laurent. 1948. **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.20.

²¹ *Ibid.*, p.139-140.

problema, e não tendo problemas com os quais seja necessário lidar. Sua tendência é efetivamente tomar a si própria como um problema.²²

O que nos interessa com relação à personagem é que, a partir da condição de castração, migra para uma posição em que detém o falo diante do outro, ou torna-se o falo para o outro. Afinal, qual posição ocupa, ser ou deter o falo?

Esta é uma atribuição à Lacan, o qual considera que Freud se ateve ao ter o falo, estendendo, então, tal problemática ao ser.

Algo de sua posição é percebido pela pequena *Cornélia*, o lugar privilegiado que esta mulher vem a ocupar no desejo do outro, e, quem sabe, em seu próprio. Um brilho especial e encantador, denunciado pelos olhares que recaem sobre ela, que à menina, em algumas situações, resta somente tentar anular, destituir, seja na cena em que suja os lençóis cuidadosamente lavados por *Griet* ou na simulação de um roubo para poder acusá-la e incriminá-la de algo ilícito. Este sentimento de ilicitude perpassa várias personagens sob diferentes formas.

Neste momento, destacaremos a condição de *Griet* que, paulatinamente, ingressa em uma condição desveladora de seu mundo infantil, de seus amores infantis. Retomemos ao filme que recorta sua relação com o pai: aquele para o qual ela não somente olhava, mas observava quando pintava, provavelmente com curiosos olhares infantis.

Em Freud, vê-se que o desejo feminino está remetido à castração, à inveja e a restituição fálica advinda de ter um filho, substituto perfeito do falo. André recorda-nos que ao feminino não lhe falta um falo, lhe falta um signo que não encontra no Outro para constituir sua feminilidade, mas que, através do “olhar do pai”, pode a menina constituir-se como mulher e ascender à feminilidade.²³

²² Ibid., p.140-142.

²³ ANDRÉ, Serge. **O quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.113.

O autor considera que Freud, ao interpretar Dora sobre o desejo de ter um filho, “isso só pode tapeá-la. Pois, este anseio por uma criança nunca é senão um *ersatz*, destinado a tapear a lacuna indizível da feminilidade. Dora, em suma, esperava que Freud lhe dissesse o que é ser uma mulher. Este responde: ser mãe.”²⁴

Soler pondera que a consideração freudiana de que o filho seria o substituto fálico ao ser feminino foi rejeitada por Lacan. No entanto, cabe pensar a proposição freudiana de que a única evolução libidinal positiva ao feminino seria transformar-se em mãe de seu filho e de seu esposo. Visto que, aí está posta a problemática do falicismo do ter e não do ser, mas que, no entanto é difícil senão impossível absolutizar a posição freudiana.²⁵

A falta fálica, que é a sua única referência, fornece apenas metade do fenômeno. A outra metade são os objetos que respondem a ela como substitutos. Estes são uma função dos laços sociais e dos arranjos que eles programam entre os sexos, e que, por sua vez, são datados. [...] A definição histórica dos mais-de-gozar acessíveis às mulheres, ou, mais precisamente, a reduzida série dos objetos compatíveis com os semblantes da mulher, devia ter algo a ver com o bloqueio libidinal percebido por Freud. Ele apresenta não apenas uma mulher totalmente inserida na problemática fálica, mas, além disso, prisioneira de uma situação da sociedade em que não havia salvação fora do casamento, e que a condenava, portanto, salvo algumas exceções, a só realizar seu falicismo como mãe. Assim, não se trata tanto de questionar os fenômenos percebidos por Freud, mas de perceber o que eles devem, a despeito da universalização da castração, às ofertas do discurso de sua época. [...] Em “A televisão”, Lacan observa que os novos contornos da sexualidade produzem fantasias inéditas.²⁶

A curiosidade infantil de *Griet* em torno do enredo na qual se encontrava, perpassa pelas questões da feminilidade: as sucessivas gestações e partos de sua patroa; os comentários da criada amiga sobre o desejo sexual dos homens, seu patrão, o mecenas; seu relacionamento com *Peter* e sua relação curiosa com as cores, as substâncias, o atelier, os quadros, com a arte.

Então, sobretudo aquele que a transforma em signo, é a quem devota suas atenções, *Vermeer*. O reconhecer-se mulher se dá, sobretudo, por este olhar, esta relação

²⁴ Ibid., p. 154.

²⁵ SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.130-131.

²⁶ Ibid., p. 132.

que permite, como afirma Soler, “Formar par com a castração do parceiro”²⁷ e permeada por um amor ao saber, produz uma singular posição, mesmo porque: “O amor ao saber pode fazer com que se “separe da manada.”²⁸

Vê-se a possibilidade de uma menina-mulher avançar as estereotípias femininas e constituir-se em uma posição bastante singular.

_ Bem... Nada está com a cor certa...

_ Esta é a cor-base. Ela dá o tom... a sombra na luz. E quando está seca... dou o acabamento com azul, mas...de leve, para que o preto apareça através dele. Olhe, Griet. Olhe para as nuvens. De que cor elas são? Brancas?

_ Não... não são brancas. Amarelas... Azuis... e cinzentas. Há cores nas nuvens.

_ Agora você entende.

Posição bastante singular, também, é aquela em que a mulher torna-se objeto fetiche. Em Assoun, verificamos uma associação da relação do homem ao fetichismo, visto que, para este, a mulher é alvo de uma fetichização crônica.

*Ela é o lugar que deve servir de palco, até mesmo em seu próprio corpo, para a angústia de castração do homem. [...] Nessas condições, ela é o lugar aos *Verleunung*, dessa renegação mediante a qual a percepção da falta persiste, embora simultaneamente suspensa.²⁹*

O autor considera que, através da mulher, o homem vive sua própria *Spaltung*, divisão em que se “racha” para tolerar o caráter insuportável da castração. Resultando em uma imagem da mulher mesclada de rejeição e idealização, já relatada em Freud³⁰ de 1927, quando da prática dos chineses em mutilar os pés femininos, para depois venerá-los. Nesta mescla de ternura e hostilidade, revela-se a renegação e

²⁷ Ibid., p. 218.

²⁸ Ibid., p. 214.

²⁹ ASSOUN, Paul-Laurent (1948). **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 135.

³⁰ Kehl observa que não é a mulher que manipula efeitos de beleza e sedução para produzir o fetiche, mas a natureza da operação psíquica do fetiche é que organiza o desejo. Questiona se Freud ao se referir aos mistérios da mulher ocupa a posição do observador analítico ou identificado ao fetichista, aquele que sabe, mas não quer saber. Ver Os deslocamentos... p.204 e ss.

reconhecimento da castração e também uma radical ambivalência do homem perante a mulher.³¹

Nossa personagem *Griet* é um protótipo de destituição, no entanto suas inscrições infantis, pouco demonstradas, se reeditam, e há que deparar-se com o olhar erotizador do outro sobre si, assim como ressituar-se diante das insígnias maternas, tão bem delineadas no enredo. Há que organizar-se com relação à castração. Voltemos ao fato que a castração no feminino é motor e encobridor do tornar-se mulher, visto que esta pode entrar em “curto circuito” com a angústia de desfusão com a mãe, estando esta, situada dentre duas faltas fundamentais: a do falo e da Mãe.³²

3 - Trabalho ativo para o fim passivo...

Uma das grandes polêmicas em torno da condição dos sujeitos e, sobretudo, o sujeito feminino, gira em torno das peculiaridades da vida pulsional. Ao feminino é atribuída uma posição pulsional passiva, ou finalidade passiva, na medida em que convém considerarmos que toda pulsão é ativa.

Massota relembra que “o sujeito, enquanto parte “ativa” no interior de cada cena está “passivamente” ligado ao registro do simbólico ou o que é o mesmo, à ordem da estrutura”³³. Lacan concebe o simbólico como estrutura e, neste, a “estrutura de significação preside e funda a estrutura do sujeito.”³⁴

O percurso de *Griet* chama a atenção por colocá-la em uma condição de aparente e total revelia ao desejo dos que a circundam, demonstrando uma condição passiva, cordata, servil aos imperativos do contexto. Em uma menção reveladora, Sra. *Thins* declara a respeito das atitudes do mecenas que:

³¹ ASSOUN, Paul-Laurent (1948). **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 135.

³² Ibid., p. 140-141.

³³ MASOTTA, Oscar. **Introdução à leitura de Lacan**. São Paulo: Papirus, 1998, p.26

³⁴ Ibid., 1998, p. 37.

_Você é uma mosca na teia dele. Todos somos.

O enredo, no entanto, demonstra momentos em que esta lógica não se aplica. Os momentos em que *Griet* manifesta sutilmente seu discordar ou, até mesmo, uma ambivalência com o que lhe ocorre. O que se pode interrogar é o quanto *Griet* consentiu com o transcorrer e desfecho das ações e participou delas, tal como a fatídica interrogação à Dora, perpetrada por Freud, que Quinet a reconstrói nestes termos: Qual a responsabilidade que possui no enredo que denuncia?³⁵

Em Assoun, vê-se a necessidade de pensarmos o quanto um sujeito pode “advir como sujeito do desejo mais que objeto de um processo.”³⁶ Tal lógica de funcionamento somente poderá ser parcialmente compreendida, partindo-se do conceito das forças de um “passado que age nas sombras”³⁷

Os laços que ocorrem no enredo podem ser compreendidos e associados com a expressão da vida pulsional dos sujeitos, não como meras reproduções no presente de laços afetivos e desejantes do passado, mas reatualizações fantasmáticas, nas quais os sujeitos estiveram implicados.

Difícil fazer elucubrações, mas são necessárias. A pulsão escópica em *Griet* e *Vermeer* evidencia-se em vários momentos do percurso, desenhando-se constantemente. Desde sua saída de casa, aos seus olhares admirados, “embasbacados” para as telas, o olhar à pequena cerâmica presenteada pelo pai, o quadro de uma imagem cristã que a olha, os grandes olhos identificados pelo mecenas, olhar as nuvens, a câmera escura e finalmente ser olhada... E a (não tão) surpreendente interjeição?

_Você me viu, olhou por dentro!

³⁵ QUINET, Antonio. **As 4 + 1 condições da análise**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

³⁶ ASSOUN, Paul-Laurent (1948). **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.68.

³⁷ MANNONI, Maud. **Elas não sabem o que dizem**: Virgínia Woolf, as mulheres e a psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.64.

A construção de *Griet* nos permite lembrar as possibilidades permitidas pelas elaborações significantes e tentar certa inteligibilidade ao que se mostra como pura irracionalidade pulsional.

Como não pensar na proposição de Spinoza indicando semelhante reviravolta da passividade afetiva à compreensão ativa e libertadora: “Toda afeição que é uma paixão, cessa de ser uma paixão quando dela temos uma idéia clara e distinta”. O acesso à linguagem e ao movimento das representações marcaria a emergência fora de uma existência amordaçada, mumificada pelo afeto.³⁸

A lógica dos destinos pulsionais não se perde ao se constituir em Freud a teoria da dualidade pulsional, segunda teoria das pulsões. A postulação dos destinos pulsionais é atinente à primeira construção. Seus destinos: a transformação em seu contrário, o redirecionamento contra a própria pessoa, o recalque e a sublimação não se decompõem com o novo olhar sobre a complexa dinâmica pulsional.

Em *Pulsões e destinos das pulsões*, Freud associa ao primeiro destino duas modalidades: no redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade e na inversão do conteúdo. Ao primeiro processo, os exemplos são da ordem do sadismo-masiquismo e vontade de olhar-exibição. No segundo, transformação em seu contrário, refere-se às metas: da meta ativa, torturar, ficar olhando, substitui-se pela passiva: ser torturado, ser olhado.³⁹

Com os dois novos grupos de pulsões, pulsões de vida e pulsões de morte, estas mantêm um traço em comum.

Visam a restabelecer um estado anterior no tempo. [...] Em suma, o novo conceito introduzido por Freud com a segunda teoria das pulsões foi o da *compulsão à repetição no tempo*. [...] A compulsão a repetir é uma pulsão primária e fundamental, a pulsão das pulsões, já não se trata de um princípio que orienta, mas de uma tendência que exige retomar, reencontrar aquilo que já aconteceu. [...] seria o desejo de retornar ao passado e rematar, sem entraves e sem desvios, a ação que se revelou impossível, como se as pulsões inconscientes nunca se resignassem a ficar condenadas ao recalçamento.”⁴⁰

³⁸ SCHENEIDER, Monique. **Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud**. Tradução de Mônica M. Seineman. São Paulo: Escuta, 1993, p.11.

³⁹ FREUD, Sigmund. (1915). **Pulsões e destinos das pulsões**. In: _____ Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p.152.

⁴⁰ NASIO, Juan David. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p.45.

Em nossas personagens, a pulsão escópica se dá em evidência pura, implicando a todos e os sentidos pessoais de cada um nesta dinâmica. Nos remetendo à sua propriedade fundamental de limite psico-corporal, imprimindo exigências de trabalho anímico aos sujeitos. *Vermeer* impôs-se trabalho, também *Griet* e o próprio mecenas, invadidos por seus imperativos pulsionais.⁴¹

Com Lacan, na retomada, em 1964, do texto de Freud de 1915, *As Pulsões e suas Vicissitudes*, a ênfase é dada ao caráter constante da pulsão, arritmico, ausente de lógica racional, distinto de concepções funcionais, associado à concepção de inconsciente como manifestação da falta, do não realizado. Sendo assim, seu objeto não pode ser associado a nenhum objeto concreto, e sim um objeto da ordem de um oco, de um vazio, designado abstratamente como o objeto (pequeno) *a*. A partir de concepções de objeto parcial, provenientes de Karl Abraham e dos kleinianos, Lacan introduz dois novos objetos pulsionais, além das fezes e do seio, a voz e o olhar, os denominando objetos do desejo.⁴²

A pulsão não tem objeto próprio (ou objeto natural), seu objeto será oferecido pela fantasia, o que implica a submissão da pulsão à articulação significativa, e é aí que vai ser possível a caracterização do sexual. Anteriormente a essa submissão, o sexual carece de significado. É em termos de significantes que o sexual vai se constituir como diferença.⁴³

Nossas personagens insinuam as fantasmáticas que as movem: *Griet* e sua divisão subjetiva, ambivalências constitutivas e os esforços para dela se deslocar. *Vermeer* e os imperativos familiares e de mercado, conflitando com os imperativos de criação e impulsionando-o. *Van Ruijven* e sua relação com as criadas, o criador das

⁴¹ Em Lacan, *Mais Ainda*, é explicitada a condição de um sujeito atingir seu parceiro à condição de ser a causa de seu desejo. Ser sujeito barrado em relação a *a*, não é outra coisa senão fantasia. p. 108 e ss.

⁴² ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.632.

⁴³ GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. In: **Introdução à metapsicologia freudiana**. 5.ed. v.3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000, p.140.

obras, e as “moscas de suas teias”... Todos enredados em suas singulares realidades psíquicas.⁴⁴ ...ou seja, suas próprias teias.

O par de opostos fundamentais à vida psíquica refere-se a metas pulsionais, objetivos pulsionais, que antecedem pares de opostos que futuramente integrarão a vida de um sujeito: os pares fálico-castrado, masculino-feminino. Laplanche enfatiza que, em uma polêmica com Adler, Freud marca, em *Pulsões e seus Destinos*, que a “definição de pulsão incluía ela ser ativa. “[...]cada pulsão é um fragmento de atividade; quando se fala de forma pouco rigorosa de pulsões passivas, o que afinal se quer dizer é pulsões de meta passiva””. Discorre que, de modo privilegiado, a passividade pode ser observada pelos psicanalistas em situações em que o sujeito quer ser maltratado (masoquismo) ou ser visto (exibicionismo), e que dois níveis devem ser observados: por um lado o comportamento manifesto e de outro a fantasia subjacente.⁴⁵

Ao nível das fantasias, pode-se mostrar como toda posição passiva é inseparável do seu oposto; é assim que, no masoquismo, o ego passivo retoma, fantasisticamente, o lugar [...] que está agora entregue ao outro sujeito. Neste sentido, poderíamos sempre reencontrar, ao nível da fantasia, a presença simultânea ou alternadamente dos dois termos: atividade e passividade. Todavia, tanto na natureza da satisfação procurada como na posição fantasística, esta complementaridade não deve disfarçar o que pode haver de irredutível na fixação em um papel sexual ativo ou passivo.⁴⁶

Nesta obra cinematográfica, há um texto outro, não tão visível, em que a questão da implicação de *Griet* não pode ser tomada simplesmente como “um ar de não ter nada a ver com o que lhe causa”, no entanto a possibilidade de descrever o que lhe causa ainda é incógnita.

Esta impossibilidade, talvez tenhamos que imputá-la à condição descrita por Lacan: “[...] a mulher não é toda, há sempre alguma coisa nela que escapa ao

⁴⁴ “Freud instituiu o conceito de realidade psíquica, cuja explicitação, sobretudo em *A Interpretação dos sonhos*, levou-o a fazer uma distinção entre a realidade material, realidade externa nunca atingível como tal, a realidade do que ele chamou de “pensamentos de transição e de ligação”, registro da psicologia, e a realidade psíquica propriamente dita, núcleo irredutível do psiquismo, registro dos desejos inconscientes dos quais a fantasia é “a expressão máxima e mais verdadeira”. Ver Roudinesco, p.224 e ss.

⁴⁵ LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertand. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.43

⁴⁶ *Ibid.*, p. 43.

discurso.”⁴⁷ Ou, ao explicitar as fórmulas da sexuação, revela que, pela condição de não-todo, o sujeito aí situado não permitirá nenhuma universalidade.⁴⁸

Ou, mais ainda, “[...] só há uma maneira de poder descrever *a* mulher sem ter que barrar o *a* – é no nível em que a mulher é a verdade. E é por isso que só podemos semi-dizê-la.”⁴⁹

2. As Horas

A - Sinopse

Em três épocas diferentes, vivem três mulheres que, ao longo de um dia, desenvolvem seus afazeres em torno de uma recepção, de uma festa. E, entremeada a estes propósitos de festejar a vida, espreita a morte às vidas de cada uma delas. Em 1923, vive *Virgínia Woolf*, ocupando-se de receber a irmã com seus sobrinhos, vindos de Londres para uma breve visita a *Richmond*, pequena cidade na qual *Virgínia* está residindo em função de seu estado de saúde. É o período em que a escritora está elaborando a obra *Mrs. Dalloway*, e enfrenta crises depressivas profundas, além de desorganizações psíquicas severas que, anteriormente, já a haviam levado a tentativas suicidas. O marido, *Leonard*, apesar de constante vigília, não consegue reverter o quadro da esposa que, efetivamente, se despede da vida, pela forma que ele tentara evitar.

A segunda personagem, *Laura Brown*, vive em *Los Angeles* em 1949, período de pós-guerra. É uma dona de casa grávida, com um filho pequeno, no dia descrito na obra cinematográfica decide preparar um bolo para festejar o aniversário do marido, *Dan*. O projeto lhe parece extremamente difícil e, apenas em uma segunda tentativa, aparentemente, a contenta. Enquanto trabalha com o filho na confecção do

⁴⁷ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20**. Mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.46.

⁴⁸ *Ibid.*, p.107.

⁴⁹ *Ibid.*, p.141.

bolo, recebe uma vizinha, *Kitty*, a qual tenta falar-lhe, controlada e friamente da suspeita de ter um tumor no útero, da necessidade de passar por exames hospitalares, solicita-lhe, então, alimentar o cachorro. Desenvolve-se uma cena afetuosa entre ambas, marcada por um beijo que desconcerta o aparente clima de não afetividade. Após estes fatos, *Laura* decide deixar o filho com a senhora *Latch* e a criança percebe algo estranho na saída da mãe, cuja intenção era isolar-se em um hotel e poder ler *Virgínia Woolf, Mrs. Dalloway*, e, quem sabe, não mais voltar.

Em 1992, conhecemos *Clarissa Vaughn*, uma editora de livros que mora em *Nova York*, com sua companheira *Sally*. Naquele dia, ocupa-se em preparar uma festa para seu amigo *Richard*, o qual receberá um importante prêmio literário. *Richard*, pela manhã recebe a visita de *Clarissa* para lembrá-lo da cerimônia e da festa que está preparando. Nesta ocasião, percebe-se o quanto está abatido em função da AIDS e arredio aos cuidados da amiga, a quem chama de *Mrs. Dalloway*. Relembra o amor de adolescentes e combinam o horário em que *Clarissa* virá buscá-lo. Ao final da tarde, quando *Clarissa* retorna, *Richard* surge muito mais arredio e transtornado, o que se evidencia também pelas condições de seu apartamento. Ao longo de uma conversa que ainda retoma memórias passadas e toca nas condições atuais de vida, *Richard* joga-se da janela sob o olhar de sua protetora, em uma ação surpresa.

Clarissa recebe naquela noite, somente uma visitante: a mãe de *Richard*, a qual relata, brevemente, o que ocorreu em sua vida: o abandono dos filhos, o destino do esposo, da filha e o seu próprio destino; isolou-se no Canadá, trabalhando como funcionária de uma biblioteca, na tentativa de continuar viva e não deixar-se marcar pelo ato do filho naquela tarde. Relata sua sensação de indignidade por sobreviver a toda a família, mas considera que entre a morte e a vida, optou pela vida.

B - Interlocuções com os conceitos psicanalíticos

1 - Sustentações (im)possíveis das identificações femininas

Em nossas três personagens femininas, *Virgínia, Laura e Clarissa*, fica evidente o esforço na sustentação de identificações que se mostram conflitivas a elas. Ao longo do enredo, vê-se que os esforços encontram insucessos e prevalecem posições subjetivas inimagináveis.

Soller observa que a partir das elaborações freudianas sobre o complexo de Édipo e as identificações daí decorrentes, ao pequeno sujeito perverso polimorfo é possível uma identificação com o ser homem ou ser mulher. Sugere que unificar a dispersão polimórfica das pulsões através de identificações não é sem sacrifícios e fiascos, pois se trata de um processo que visa fazer prevalecer o simbólico sobre o real.

Com o complexo de Édipo e as diferentes identificações por ele geradas, portanto, Freud dá consistência a um Outro do discurso. Um Outro que ata suas normas, seus modelos, suas obrigações e suas proibições à identidade anatômica. Um Outro, pois, que imporia uma solução padronizada para o complexo de castração – a solução heterossexual –, rejeitando qualquer outra para o campo do atípico ou do patológico. Um Outro, para dizê-lo com Lacan, que, ao erigir os semblantes apropriados para ordenar as relações entre os sexos, nos diz o que devemos fazer como homens ou como mulheres.⁵⁰

A autora considera que Freud percebeu a fragilidade de sua solução pela via das identificações edípicas, tanto que trabalha com as concepções de pulsão, identificação e escolha de objeto, atentando para o fato do retorno das pulsões recalçadas em suas manifestações sintomáticas, assim como no predomínio das pulsões de morte.⁵¹

Vejamos alguns diálogos e cenas em que nossas personagens explicitamente se deparam com interrogar suas identificações, posições subjetivas, portanto, a sexuação.

Em uma das cenas, as empregadas de *Virgínia* queixam-se dela:

⁵⁰ SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.137.

⁵¹ Ibid., 2005, p.137.

– *Com licença, Sra. Woolf. O Sr. Woolf disse que eu deveria vir e falar com a senhora.*

– *Quase terminando, Nelly. Me encontre na cozinha. Desço logo.*

– *A questão é que ela diz querer algo, e de repente não quer mais.*

– *Ela nunca quer, não é?*

– *Ela nunca quer nada. Principalmente quando é pedido a ela.*

– *É na certa um sinal.*

E, desta forma, mesmo sob a solicitação de que as empregadas consultem *Virgínia*, esta não consegue colaborar muito. Avaliza a escolha da cozinheira e concorda com ela, no entanto solicita que esta vá a Londres, algo despropositado aos afazeres da empregada. Ou seja, sai-se invariavelmente mal...

Ao receber a irmã, em meio à contestação de *Leonard* sobre o absurdo de que uma visita agendada para as 16.00h, chegue às 14h30min; em meio à realização de um funeral de um pássaro; perguntas de *Angélica* sobre a morte; em meio ao barulho das crianças, *Virgínia* devaneia.

– *No que está pensando? Ainda está conosco? Sua tia é uma mulher de sorte, Angélica, porque tem duas vidas. Ela tem a vida que está vivendo... e também a do livro que está escrevendo. Isso a torna uma mulher de sorte na verdade. No que estava pensando?*

– *Eu ia matar minha heroína. Mas mudei de ideia. Não consigo. Receio que terei que matar outra pessoa no lugar.*

Na sequência do diálogo, *Vanessa* anuncia que precisa despedir-se, terá um jantar em Londres que nem mesmo a irmã aguentaria. *Virgínia* se manifesta, oportuna e ansiosamente, perguntando à irmã o que percebe sobre sua sanidade.

– *E você volta para o quê? Hoje à noite?*

– *Ah, um jantar insuportável... que nem sequer você invejaria, Virgínia.*

– *Mas eu invejo. Diga alguma coisa, Nessa. Não achou que eu estou melhor?*

– *Sim, Virgínia, você parece melhor.*

– *Você acha... acha que algum dia consigo escapar?*

– *Um dia.*

Virgínia pergunta se um dia, quem sabe, poderá atender a contento às demandas do Outro, dos outros, que definem primorosamente as posições subjetivas que um sujeito deve ocupar, pois sua vida está marcada pelos fracassos nestas respostas. Nem mesmo a condição de escritora lhe permite uma posição mais satisfatória, apesar de que, em outra ficção, teria poderes sobre o destino e, quem sabe, a sanidade de suas personagens.

Passos vê a escritora como uma parturiente, que se aproxima com exaustão dos mistérios da vida e da morte.

Virgínia parecia extenuada por um parto, o qual, como mulher, não tivera, mas que processa na parição sofrida de cada personagem dos seus contos. Personagens que a vampirizam por dentro, com fantasmas antigos que se descolavam de si própria, sugavam sua alma, ganhavam autonomia e se materializavam por suas páginas infindáveis e que agora mantinham-na cativa e enleada nos seus próprios destinos. Enquanto durava a parturição de seus textos, a decisão que lhe cabia sobre o destino de cada um dos personagens, Virginia fremente, moribunda e delirante, não dormia, não comia: consumia-se. Em *Mrs. Dalloway*, Virginia não mais discerne entre sua vida e a do personagem Smith. Confabula com o marido impotente que alguém precisará morrer. Ele não pode compreender em que sentido a morte, que é perda, pode ser necessária. Ele pergunta: “Quem deverá morrer?!” Virginia, sem titubear, responde: “O poeta, o visionário...” O que um poeta e um visionário têm em comum? Ambos transcendem os limites da representação e da aparência. O poeta atrevido explode os limites da língua; o visionário indecorosamente enxerga o que está por baixo. Ambos emprestam às aparências sentidos inadvertidos, sentidos que pela imaginação criadora, engravidam a esterilidade da mesmice: ambos desafiam os cânones do consenso frouxo. São, por, isso, muito, muito perigosos! “Por que é preciso – pergunta-lhe ainda o marido – que alguém morra?” Virginia, engolfada medularmente na condição humana, responde: “Para que outros possam viver!...”⁵²

Voltemos às impossibilidades surpreendentes de sustentação de posições subjetivas em nossas outras duas mulheres, *Laura Brown* e *Clarissa Vaughn*, e seus desconfortos nas demandas do cotidiano, nas suas tentativas incansáveis de enaltecimento à vida.

No cenário perfeito em que é descrita a vida de *Laura Brown*, a qual, num período pós-guerra, constitui uma família com um bom padrão de consumo, um marido

⁵² PASSOS, Luiz Augusto; SATO, Michèle. As horas. In.: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Souza Miguel. **A mulher vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.213-214.

apaixonado que insiste em relatar ao filho o quanto sonhou com a felicidade que vive ao lado deles, parece incompreensível que tal mulher não consiga identificar-se e gratificar-se com estas realizações. Ao tentar confeccionar um bolo, tudo com o qual se depara é sua inaptidão, inaptidão a qualquer ato criativo, ato de significação, mesmo porque seu esposo parecia conter em si todos os sentidos de realização, ensurdecido e cego ao que lhe demonstrava a esposa. O pequeno Richard, com certeza mais atento, visionário, captava ao seu modo o que lhe transmitia a mãe.

À sua própria inadequação, um tanto quanto insuportável, agregam-se alguns comentários da amiga que põe em evidência sua inaptidão.

Ao insucesso na realização do bolo pergunta-se:

– Por que tudo está tão errado? Não deu certo. Merda! Não deu certo.

A amiga surpresa e consoladora expressa:

– Ah olhe... fez um bolo!

– Eu sei. Não deu certo. Achei que fosse dar. Achei que ficaria melhor que isso.

– Não entendo como pode achar tão difícil. Qualquer uma faz um bolo. Qualquer uma. É ridículo de fácil.

[...]

– Mas você tem outras qualidades. Dan te ama tanto que ele nem vai perceber. O que quer que faça, ele sempre dirá que está maravilhoso.

– Bom, é verdade.

Telles focaliza a atividade criativa como uma das temáticas abordadas em *As horas*: com *Laura*, ao fazer um bolo, com *Clarissa* ao preparar a festa, tal como Mrs. Dalloway, com *Virgínia*, administrando as serviçais, formas nas quais as mulheres podem expressar suas capacidades e criatividade, “escorraçadas” que são de atividades mais “importantes” num mundo regido pela lógica fálica.⁵³ Considera que, no ato de criação literária de Virgínia Woolf, Mann ou Cunningham, mostra-se uma penetrante

⁵³ TELLES, Sérgio. **O psicanalista vai ao cinema**: artigos e ensaios sobre psicanálise e cinema. São Paulo: Casa do Psicólogo; São Carlos, SP: EdUFSCar, 2004, p.174.

percepção do ofício de criar. “São escritores que, não satisfeitos com o ato de criar, tentam entender os mecanismos da produção, seus prazeres e suas dores.”⁵⁴

Em nossa personagem moderna, aparentemente mais distanciada de exigências identificatórias fixas e rígidas, o mundo também desaba. Em duas situações específicas, vê-se *Clarissa* avaliando o que lhe passa, e não mais se vê a postura de defensora árdua e incansável da saúde e vida de *Richard*.

Por ocasião da chegada de um dos convidados, que também se antecipa, e nem por isso tem-se uma barbárie, ou quem sabe, sim... *Clarissa* expressa uma fragilidade ímpar, uma exaustão sem igual e, junto a seu amigo *Louis* e sua filha *Júlia*, demonstra uma percepção de si e sinceridade incomuns à sua representação.

Louis Waters relata à *Clarissa* que voltou à casa de veraneio onde estiveram na adolescência; ela lhe atribui coragem por isso. Observa que, após sua vida amorosa com *Richard*, com quem constituiu um casal homossexual por dez anos, sentiu-se realmente livre após o rompimento. Questiona à *Clarissa* por que não fizeram mais que mudar os nomes na obra de *Richard*, afinal não deveria ser uma ficção? *Clarissa* justifica que são fantasias, fantasias de *Richard*. E, num repente, *Clarissa* desaba, desliza ao chão, chora... *Louis* se surpreende.

– Não sei o que está acontecendo. ...me desculpe. Tenho andado estranha ultimamente.

– Desculpa, fui muito rude.

– Pareço estar me desfazendo.

– Não devia ter vindo.

– Não, não é você. É como se estivesse tendo um pressentimento, entende? Provavelmente é ansiedade da festa.

[...]

– É que é demais. Você vir de San Francisco. E eu cuidando do *Richard* por anos. E nesse tempo todo eu fui firme. Sem problemas.

– Eu sei.

⁵⁴ Ibid., 2004, p.173.

– *Uma manhã em Wellfleet... Você estava lá. Estávamos todos lá. Eu tinha dormido com ele. Eu estava fora na varanda, ele veio atrás de mim e pôs a mão em meu ombro. “Bom dia Sra. Dalloway.” De ali em diante eu me apeguei.*

– *Se apegou?*

– *É. Com o nome, quero dizer.*

Com a filha *Júlia*, descreve suas dores, a banalidade da vida, a banalidade das horas apontada por *Richard* e o quanto se surpreende consigo, diante de alguns novos conceitos.

– *Estão todos aqui, não estão? Todos os fantasmas reunidos para a festa. Ele é tão estranho. Ah vamos. Não percebe? Não percebe que Louis Waters é estranho?*

– *Percebo que ele é triste.*

– *Bom, todos os seus amigos são tristes. Você chorou. O que está acontecendo?*

– *Eu olhei esse quarto e pensei, “Estou dando essa festa. Tudo o que quero fazer é dar essa festa.” E...? Eu sei por que ele faz isso. Ele faz propositalmente.*

– *Ah, é o Richard?*

– *Claro. Ele fez de novo hoje de manhã. Me deu aquele olhar.*

– *Que olhar?*

– *Que diz, “Sua vida é tão banal.” “Você é tão banal.” Essas coisas rotineiras, sabe? Agendas e festas e detalhes. É isso que ele quer dizer. É o que ele está dizendo.*

– *Mãe, só importa se você acredita ser verdade. Então? Acredita? Me diz.*

– *Quando estou com ele, eu sinto... Sim, estou vivendo. E quando não estou com ele... Sim, tudo meio que se torna bobo. Não quero dizer com você. Deus...Nunca com você. É com todo o resto.*

– *O resto.*

– *Conforto falso. Por que... Se me disser, “Quando foi mais feliz? Me diz quando foi mais feliz.” Eu sei, eu sei. Foi anos atrás.*

– *É... O que quer dizer é que um dia foi jovem.*

– *Eu me lembro de uma manhã acordando bem cedo. Havia um sentimento de possibilidade. Sabe? Esse sentimento? E me lembro de pensar comigo mesma, “Então, é assim que começa a felicidade. Aqui é o começo. E, é claro, haverá sempre mais.” Nunca me ocorreu que... não era o começo. Já era felicidade. Era o momento... bem ali.*

E, assim, acompanhamos nossas personagens em seus difíceis, imaginários e insustentáveis processos de identificação com o ser mulheres, anfitriãs, mães, amantes, amigas; em onipotências imaginárias que, em todas as três, de alguma forma se desfizeram, seja por passagens ao ato, seja por construções de sentidos, seja por darem-se conta da estrutura discursiva sob a qual emergiam e da forma abrupta que com elas romperam. Para, quem sabe, não serem violentamente ocultadas, alienadas, pelas personagens que atuavam em si mesmas, e de quem, exaustas, não conseguiam se desfazer.

Lacan, no capítulo *O saber e a verdade*, discute a forma que leva os homens a “se enfiarem sempre pelos mesmos caminhos”, a sustentar uma aparência de ser, que, neste momento, para o autor, está vinculado ao objeto *a*. E, mesmo por caminhos tortuosos, alerta, não devemos esquecer que estamos no mundo das aparências, que se baseia na fantasia, nem por isso deve o sujeito fiar-se de ser mero semblante ou que o suporte. Segue descrevendo que, após a “caridade” de Freud “à miséria dos seres falantes”, reconhecemos existir um saber, cabendo questionar onde está o saber.

Será preciso dar toda essa volta para colocar a questão do saber na forma: quem é que sabe? Será que a gente se dá conta de que é o Outro? – tal como de começo o coloquei, como o lugar onde o significante se coloca, e sem o qual nada nos indica que haja em parte alguma dimensão de verdade, uma *diz-mansão*, a residência do dito, desse dito cujo saber põe o Outro como lugar. O estatuto do saber implica, como tal, que já há saber e no Outro, e que ele é a prender, a ser tomado. É por isso que ele é feito de aprender. O sujeito resulta de que ele deve ser aprendido, esse saber, e mesmo ser apreciado, posto a preço, quer dizer, que é seu custo que o avalia, não como de troca, mas como de uso. O saber vale justo quanto ele custa, ele é custoso, ou gostoso, pelo que é preciso, para tê-lo, empenhar a própria pele, pois que ele é difícil, difícil de quê? – menos de adquiri-lo do que gozar dele.⁵⁵

Assim, encontramos nossas personagens num gozo mortífero, empenhando-se, ao extremo, com seus corpos e com o produto de seus corpos à vã tentativa de construir um sentido ao que lhes causa. Não tão vã, quem sabe, por todas vincularem-se

⁵⁵ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20**. Mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.130.

ao mundo das letras. Em Lacan, vê-se uma construção sobre “os seres de que a letra se faz”:

Assim se deduz o fato de que o saber está no Outro, que ele não deve nada ao ser, a não ser que este tenha veiculado sua letra. Donde resulta que o ser pode matar aonde a letra reproduz, mas reproduz jamais o mesmo, jamais o mesmo ser de saber. Penso que vocês sentem aí, quanto ao saber, a função que dou à letra. É aquela, a propósito da qual, eu lhes rogo não deslizar depressa demais para o lado das pretensas mensagens. É aquela que faz a letra análoga de um germen, germen que devemos, se estamos na linha da fisiologia molecular, severamente separar dos corpos junto aos quais ela veicula vida e morte conjuntamente.⁵⁶

Caldas⁵⁷ nos oferece uma compreensão, a partir da obra de Saramago sobre o que, na escrita, há de marcas de um corpo, e até mesmo, da inscrição da voz de um sujeito em sua produção literária. A partir de sua exposição do *falasser*, falta-a-ser, considera que a escrita exige uma superfície para se materializar, que pode ser situada no corpo próprio. A escrita existe porque um corpo a escreveu, mas depende do que neste corpo já era escrita, lembrando que o que se destaca do corpo, morre.⁵⁸

É como petição de princípio que essa configuração escreve e dirige o rumo da prosa do *falasser* quando este toma a palavra: trata-se sempre de um lugar marcado pelo ser de objeto, pelo que se escreveu no seu ser. Assim, nasce uma fala que, de um lado, é a própria leitura de seu ser e, de outro, visa alcançar o Outro no laço social, oferecendo-se à leitura.⁵⁹

Virgínia, Laura e Clarissa entregam-se aos laços ficcionais para observar outros roteiros, vivê-los, ou mesmo, imperceptivelmente, decidir sobre os seus destinos. Sabendo ou não, do fantasmático nelas contido.

Presas às suas identificações, aos seus nomes, ao outro imaginário e ao Outro cultural, movem-se, por vezes despersonalizadas, por vezes ponderadas, a procura de outro lugar, nem sempre possível. Lugar promessa de não repetirem, lá, os mesmos roteiros.

⁵⁶ Ibid., p.131-132.

⁵⁷ CALDAS, Heloísa. **Da voz à escrita**: clínica psicanalítica e literatura. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

⁵⁸ Ibid., p.57-59.

⁵⁹ Ibid., p.57.

2 - Estruturas clínicas e estruturas discursivas

No desenvolvimento teórico deste estudo, traçamos algumas diretrizes sobre uma diferenciação entre estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão, assim como, em outro momento, nos ocupamos de construir uma compreensão do que Lacan descreveu como discursos e, dentre estes, descrevemos os discursos do mestre, discurso da ciência, discurso histérico e discurso analítico.

Aqui é, obviamente, impossível um “exercício clínico” de construções de “hipóteses diagnósticas” de nossas personagens, mas no trato com o cinema, a ficção gera a oportunidade para que, então, alguns conceitos atinentes à dinâmica estrutural possam ser trabalhados.

O preliminar entendimento de que a estrutura é organizadora e fundadora de um sujeito está ligada ao modo como ele se organiza em relação à castração e faz-nos lembrar que a negação, denegação ou forclusão produz consequências na ordem do sintoma, do fetiche e de processos alucinatorios respectivamente.

Conseguiríamos “grosseiramente”, sem muitos esforços, identificar o funcionamento psicótico em *Virgínia*, nossa personagem, em nome de seus devaneios literários ou mesmo alucinações, sua depressão, ou seu “histórico” de atuações suicidas no enredo relatado? Ou, em *Laura*, quem sabe por sua evidente desorganização gerada pelo insucesso na confecção de um bolo? Ou, desorganizando-se pelo encontro com o mundo idílico da amiga, que com certeza, não era o seu ou o encontro com um possível afeto homossexual? Quem sabe, facilmente identificaríamos a negação da castração em *Clarissa*, na insistente negação da morte que anunciava declaradamente *Richard*? E, junto a esta negação, quem sabe a negação dos amores perdidos, da juventude que se foi com as horas banais.

Nossas personagens nos mostram que a organização psíquica estrutural produz um colorido para cada uma, sem comprometer a matiz, a nuance singular com que cada uma se organiza e produz formações inconscientes, a partir das castrações que a vida lhes impõe.

O ser “falado” pela estrutura parece uma presença constante, mas vamos ao lugar em que possamos escutar o rompimento com a estilística da estrutura e os sujeitos, nossas personagens, conseguem “mais falar” do que “serem falados”. Vamos ao lugar que havíamos conhecido por intermédio de Birman, como o lugar da construção de uma modalidade discursiva que revele uma “estilística da existência”. E assim, estaremos dando passos ao largo do entendimento da estrutura e do discurso, e as modalidades de laços sociais que daí se pressupõem.

Vejamos o diálogo de Virgínia Woolf com Leonard na estação:

– Talvez possa me dizer... exatamente aonde pensa que vai?

– O que eu fiz?

– Fui te procurar, não te achei.

– Você estava no jardim. Não quis te incomodar.

– ...me incomoda quando desaparece!

– Eu não desapareci! Fui caminhar.

– É só isso? Uma caminhada? Temos que voltar pra casa. Nelly está fazendo o jantar. Ela já teve um dia difícil. É nossa obrigação comer a comida da Nelly.

– Não existe tal obrigação. Nenhuma obrigação existe!

– Você tem obrigação com a sua lucidez.

– Não aguento mais essa prisão! Não aguento mais essa detenção. Sou cuidada por médicos em todo lugar. Sou cuidada por médicos... que me informam os meus próprios interesses!

– Eles sabem do que se interessa.

– Não sabem! Eles não decidem o que me interessa!

– Imagino que seja difícil para uma mulher do seu...

– Do quê? Do meu o quê, exatamente?

– ...talento, perceber que talvez não seja a melhor pessoa pra julgar sua própria condição!

Nos diálogos ilustrados na obra, mostram-se esposos, amigos, os diversos interlocutores de nossas personagens, em sua maior parte, representando discursos não permeáveis a seus mundos internos. *Leonard* e a manifestação das obrigações de *Virgínia*; *Dan* e a felicidade extrema, unicamente sua; *Louis* e o glamour das paixões recentes; e *Richard*, a interrogação obsedante sobre seus méritos, ou a futilidade da vida.

Nossas personagens os escutam e, em raros momentos, possuem voz. Ao diálogo na estação de trem entre *Virgínia* e *Leonard*, algo rompe com o estilo de laço que se delineia entre os dois, ao longo da obra. A percepção é que Leonard adota um discurso do mestre, que nada quer saber, mas quer que as coisas andem. Ou em alguns momentos, quer submetê-la ao discurso da ciência, que sobre ela decide, mas ignorando sua condição de sujeito. Aos médicos, *Virgínia* os qualifica de vitorianos e afirma que nada sabem sobre ela ou o que ela necessita ou lhe interessa. No discurso da ciência, sabemos que o sujeito desaparece: o que importa é o acúmulo de significantes, na forma de conhecimentos.

O filme deixa entrever que, pela primeira vez, *Virgínia* é ouvida: põe em crise e estremece as *certezas* daquele que a ama. Amor tão infinito e tão sufocante, confesso em seu bilhete de partida, de cuja pureza ela jamais duvidara. *Virgínia* é torrente, é água profunda alvoraçada cujo ímpeto suprime as fronteiras das margens – que a psicologia cunhou como *borderline* –, explodindo a bitola da carne. A transcendência do desejo punha fogo num presente vão e o desejo exposto denuncia a animalidade. Ultrapassa os limites das comportas da cultura, insuportável para qualquer civilização. O desejo vivido nos atira à cara que podia ter sido diferente: nossa vida, nossa sociedade, nossos costumes, nossas crueldades e delírios. Flagela-nos por saber que há um ranço de arbitrariedade e de insignificância no que fazemos e somos.⁶⁰

No desenvolvimento da constituição subjetiva de um sujeito, sabemos da necessária alienação deste ao significante. E eis que, o discurso do mestre é aquele que incorpora esta função alienadora, sendo a matriz fundamental do vir a ser, até constituir-se a função de separação. Neste processo, o sujeito torna-se “escravo” do significante-

⁶⁰ TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **A mulher vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.213.

mestre, e aquele que incorpora a função-mestre exerce uma linguagem de função imperativa, sem demonstrar fraquezas. Sabemos que os sujeitos que impetram uma modalidade discursiva, o fazem sem reconhecê-lo, mas mesmo fluidos entre várias modalidades, suas estruturas psíquicas não se alteram.⁶¹

Imaginemos quão surpreso encontrou-se *Leonard*, que, no âmbito de suas certezas de proteção à Virgínia, a vê construir um sentido de encarceramento em seus atos. Seus primores nos cuidados para com a esposa são sem igual, o domínio é o das determinações e regras médicas, que postulam o necessário à sua sanidade. Nisto ele não peca, mas pouco sabe de seu mundo fantasmático: talvez, nem mesmo suportaria sabê-lo. Ao exprimir seus desejos a *Leonard*, este os atribui às vozes que falam dentro dela e a estas não se deveria dar crédito. Virgínia estava sendo porta voz de um discurso que ele não reconhecia, mas que ela reconhecia em si.

Este diálogo com *Leonard* demandava uma intersubjetividade, pressupunha um fio condutor a um laço social, àquele que Virgínia foi privando a si e a privaram a partir da patologia, laço que desiste de mantê-lo, sustentá-lo, mesmo na produção artística, com o ato suicida.

A morte de Virgínia é um ato de amor e, sobretudo, um gesto de trágica grandeza. Liberta seu apaixonado carcereiro acrescentando-lhe vida à vida que jamais vivera; preso que estava a um amor acorrentado e sufocante, ateu-se aos limites da aparência. [...] Virgínia caminha por entre a mata ciliar, caminha para seu sempre-destino; caminha firme para o abraço nupcial com a fluidez das águas correntes, das águas tormentosas. São duas águas-mulheres que se encontram e selam o sempre-destino, definitivamente, sem homofobia, com o beijo da morte. *Eros* – o amor gozoso dos sentidos que exorbita em direção à alteridade – e *Thanatos* – a morte, essa entrega absoluta e radical do quanto somos, do quanto temos, do quanto nos referencia ao mundo, dispondo-nos à liberdade absoluta do destino amoroso. *Eros* e *Thanatos* têm em comum o estilhaçamento de toda temporalidade. Ah! Morte e Loucura: umbrais estranhos da liberdade.⁶²

⁶¹ FINK, Bruce. **O sujeito laciano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.160-161.

⁶² PASSOS, Luiz Augusto e SATO, Michele. As horas. In.: TEIXEIRA, Inês A. de C. e LOPES, José de S.M. **A mulher vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.214-215.

Voltemos ao diálogo arrebatador entre *Virgínia e Leonard* que denuncia sua agitação de espírito e violência de sentimentos, e, no entanto demonstra um “movimento impetuoso arrojado”, uma “precipitação subjetiva”⁶³, que forja uma nova relação com seus sintomas, com o outro e com o Outro cultural.

Este diálogo irascível – uma posição histórica, disposta, quem sabe, a questionar o mestre que vinha se ocupando em construir seus saberes – pode ser interpretado por inúmeros vieses.

Telles, ao analisar três cenas que considera excepcionais no filme, dirige-se ao diálogo da estação e desenvolve suas considerações sob uma ótica que não poderíamos ignorar.

Trata-se da cena em que Virgínia Woolf discute na estação de trem com o marido Leonard, impondo sua decisão de voltar a Londres, com o que Leonard termina por concordar, chorando. Ouvi várias mulheres de minhas relações, colegas, comentarem essa cena, considerando-a da maior importância, pois ali julgavam ver uma evidência da “impossibilidade” de o homem entender o “desejo da mulher”, o “mistério” do “desejo feminino”. Pergunto-me se o impacto dessa cena viria mesmo do confronto com o “feminino inacessível ao homem” ou se, meramente, não derivaria de uma vingança fálica das mulheres, que vêm aí, finalmente, uma mulher impondo uma decisão a um homem, quando é muito mais comum vermos, no cinema, um homem impondo uma decisão a uma mulher que, debulhada em lágrimas, se submete.⁶⁴

Com Fink, poderíamos aí perceber a possibilidade do surgimento do sujeito como num processo analítico. Com a exigência de forjar novas metáforas, há a precipitação da subjetividade a qual pode alterar a posição subjetiva do sujeito, ou mesmo, a construção de uma nova posição subjetiva diante de seus sintomas, e não necessariamente a dissolução destes. O sujeito pode assumir o lugar do Outro e o desejo do Outro, não mais assujeitado por ele, ou fixado a ele.⁶⁵

⁶³ FINK, Bruce. **O sujeito laciano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.94.

⁶⁴ TELLES, Sérgio. **O psicanalista vai ao cinema**: artigos e ensaios sobre psicanálise e cinema. São Paulo: Casa do Psicólogo; São Carlos, SP: EdUFSCar, 2004, p.179-180.

⁶⁵ FINK, Bruce. **O sujeito laciano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.94.

Ou mesmo, as possibilidades de deslocamentos de posição subjetiva, que desestruturariam modelos identificatórios, perpassam por um reorganizar-se com relação à castração e ao gozo.

O sacrifício envolvido na castração é ceder um determinado gozo ao Outro e deixá-lo circular no Outro, isto é, deixá-lo circular de alguma forma “fora” de nós. [...] Nosso advento como seres falantes cria uma perda, essa perda está no centro da civilização e da cultura.⁶⁶

3 - O espreitar da vida e o espreitar da morte

O enredo de *As Horas* nos surpreende por dois vértices: a linguagem, as letras e a morte. Estas veiculam as modalidades discursivas nas quais percebemos nossas personagens transitar. Nas obras psicanalíticas, há uma familiaridade do feminino com a morte, inclusive na apreensão de Freud do dito em Shakespeare: “És devedor de uma morte à Natureza”, que este atribui à compreensão que sua mãe insistia em inculcar-lhe, de que somos feitos de barro e ao barro retornaríamos. Freud associa a figura da mãe à morte no inconsciente. “Entre o filho e a mãe, portanto, há realmente transmissão: da vida (como realidade) e da morte (como mensagem), ao passo que ao Pai fica reservada a transmissão da Lei.”⁶⁷

Assoun revela que, nos estudos de Freud, a mulher histórica marca o “começo de um novo mundo”, com “uma participação inigualável na fundação da psicanálise como genitora, amada e portadora da morte[...]”⁶⁸ E muito evidentemente como sedutora.

Finalmente, vemos como isso pode servir de emblema para a identificação secreta e contraditória da verdade analítica com a própria mulher: ela é o

⁶⁶ Ibid., 1998, p.126.

⁶⁷ ASSOUN, Paul-Laurent (1948). **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.36.

⁶⁸ Ibid., p.45.

lugar de sedução e de morte a que o desejo está destinado, se quiser aceder a sua verdade. Tanto a mulher quanto a análise entregam ao sujeito a ordem, o *imperativo* de se ligar ao objeto de seu desejo, uma encarnando-a, outra apontando-o.⁶⁹

Virgínia demonstra o não conseguir sustentar sua vida, sabendo que “alguém precisa morrer” e sente-se seduzida pela águas, seduzida a libertar seu fiel carcereiro, pois seria permitir-lhe viver. Sua ficção estagna neste ponto e é levada ao ato apesar de suas construções de sentido.

– *Por que alguém precisa morrer? No seu livro, você disse que alguém precisa morrer. Por quê? É uma pergunta idiota?*

– *Não.*

– *Imaginei que fosse estúpida.*

– *De jeito nenhum.*

– *Bem...?*

– *Alguém precisa morrer... prá que o resto de nós dê mais valor à vida.*

– *É um contraste. E quem irá morrer? Me diga.*

– *O poeta irá morrer. O visionário.*

Acompanhamos Laura em sua (de)cisão.⁷⁰ Nós a rodeamos durante todo o dia, até a noite derradeira em que decidiu cindir-se em breve, de seus filhos, seu esposo, de sua morte.

– *Há momentos em que você não se sente parte... e pensa que precisa se matar. Uma vez eu fui a um hotel... E depois à noite, eu bolei um plano. O plano era abandonar minha família... quando meu segundo bebê nascesse. E foi o que fiz. Levantei uma manhã... fiz o café... fui a um terminal... e peguei um ônibus. Deixei um recado. Arranjei um trabalho numa biblioteca no Canadá. Seria... maravilhoso dizer que me arrependi. Seria fácil. Mas qual o significado? O que significa se arrepender... quando não se tem escolha? É o que você consegue suportar. É isso. Ninguém nunca vai me perdoar. Era a morte... Eu escolhi viver.*

Clarissa nos demonstra o desejo de seduzir para a vida, apesar da ciência da morte. E o desejo de ser “objeto a”, objeto causa de vida, objeto causa de criação, objeto

⁶⁹ Ibid., p.82.

⁷⁰ Ver a construção da ideia de corte em cada decisão na construção da liberdade em PASSOS, Luiz Augusto e SATO, Michele. As horas. In: TEIXEIRA, Inês A. de C. e LOPES, José de S.M. **A mulher vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.215 e ss.

causa de desejo para... E para si. Enquanto foi possível, claro, enquanto houve consentimento mútuo, enquanto houve laço. Até fazer-se prevalecer o modo como cada organismo escolhe para morrer.

– *Não creio que posso ir à festa.*

– *Não precisa ir à festa, ou à cerimônia. Não precisa fazer nada. Pode fazer o que quiser.*

– *Mas ainda assim tenho que enfrentar as horas, não tenho? Quero dizer, as horas depois da festa... e as horas depois disso.*

– *Você ainda tem dias bons. Sabe que tem.*

– *Não, na verdade. É gentileza sua dizer isso, mas não é verdade.*

– *Elas estão aqui?*

– *Quem?*

– *As vozes.*

– *As vozes estão sempre aqui.*

– *São elas que está escutando agora?*

– *Não, não, não. Sra. Dalloway, é você.*

– *Eu continuei vivo por você. Mas agora você tem que me deixar ir.*

– *Richard, eu...*

– *Não, espere. Espere. Me conta uma história.*

– *Sobre o quê?*

– *Me conta a história do seu dia.*

– *Eu acordei.*

– *Sim?*

– *E saí. Fui comprar flores... como a Sra. Dalloway no livro. E estava uma manhã maravilhosa.*

– *Estava?*

– *Sim. Tão linda. Tão fresca.*

– *Fresca? Mesmo?*

– *Sim.*

– *Como... como uma manhã na praia?*

– *Sim.*

– *Como aquela?*

– *Aquela que você saiu pra varanda daquela casa... e você tinha 18, e eu talvez 19.*

– *Eu tinha 19 anos... e nunca tinha visto algo tão bonito. Você saindo daquela porta de vidro de manhã cedo... ainda sonolenta.*

– *Não é estranho? A manhã mais comum na vida de qualquer um.*

– *Receio que não dê pra ir à festa, Clarissa.*

– *Não importa a festa.*

– *Você foi tão boa comigo, Sra. Dalloway. Eu te amo. Não creio que duas pessoas... possam ter sido mais felizes do que fomos.*

– *Meu Deus, não!*

Agamben nos remete à realidade da linguagem e à realidade da morte por intermédio de Heidegger de *Essência da linguagem*:

Os mortais são aqueles que podem ter a experiência da morte como morte. O animal não o pode. Mas o animal tampouco pode falar. A relação essencial entre morte e linguagem surge como num relâmpago, mas permanece impensada. Ela pode, contudo, dar-nos um indício relativo ao modo como a essência da linguagem nos reivindica para si e nos mantém desta forma junto de si, no caso de a morte pertencer originalmente àquilo que nos reivindica.⁷¹

Segue discorrendo que sim, é possível nos mantermos livres para pensar que nem a morte, nem a linguagem possam pertencer ao que originalmente reivindica o homem, pois seu propósito neste seminário é desenvolver tais interrogações e, sobretudo, a negatividade para compreender esta relação.

Tanto a “faculdade” da linguagem quanto a “faculdade” da morte, enquanto abrem ao homem a sua morada mais própria, abrem e desvelam esta morada como já permeada desde sempre pela negatividade e nela fundada. Uma vez que é o *falante* e o *mortal*, o homem é, nas palavras de Hegel, o ser negativo que “é o que não é, e não é o que é”, ou, segundo as palavras de Heidegger, o “lugar-tenente” (*Platzhalter*) do nada”⁷².

⁷¹ HEIDEGGER, Martin apud AGAMBEN, Giorgio. **A linguagem e a morte**: um seminário sobre o lugar da negatividade. Belo Horizonte: Editora da UFMG (Humanitas), 2006, p.09.

⁷² AGAMBEN, Giorgio. **A linguagem e a morte**: um seminário sobre o lugar da negatividade. Belo Horizonte: Editora da UFMG (Humanitas), 2006, p.11.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste lugar especial que a psicanálise ocupa na cultura, e em minha vida, foi possível compor este texto. A compreendo como um discurso tecido na cultura e produzindo efeitos sobre. *Compreendo este texto como tecendo efeitos sobre mim...*

A partir da ousadia de Freud, que sob as condições de sua época, remete-nos ao aparelho psíquico – enquanto aparelho pulsional – assim como à linguagem em associação livre, utilizada como uma premissa da técnica analítica, tanto quanto ao seu correlacionar premissas metapsicológicas à compreensão da instauração das diferenças no psiquismo sexuado humano, fazendo-nos escutar as diferenças aí postas – não se pode mais ter uma posição ingênua diante das produções psíquicas humanas. *Não (me) posso ter posições ingênuas quanto ao que me ocorre...Ou me ocorreu nesta tear, nesta trama...*

Com o auxílio de Garcia Roza, que enfatiza, da herança freudiana o conceito de pulsão, enquanto aquele pertencente à categoria dos conceitos que “[...] Mais do que taparem os furos do saber existente, eles evidenciam esses furos ou criam novos furos.”⁷³ Relembrando-nos que, enquanto o aparelho psíquico é o lugar da ordem, as pulsões são o lugar da desordem. E que seus destinos ou vicissitudes trazem a marca da “errância”. Lembra-nos insistentemente ser a pulsão, submetida à articulação significativa. *Que “(i)lógica errância significativa” esta em desenvolver um doutorado em São Paulo... Como isto se tramou e se sustentou...*

Neste percurso da compreensão da errância pulsional os furos de saber quanto a patologia psíquica, as produções inconscientes e a feminilidade foram se

⁷³ GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente.** In.: Introdução à metapsicologia freudiana. Vol 3, 5ª.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p.81-181.

constituindo e ainda hoje movem as ciências, as letras, as artes... *E a mim...* Que haveremos de reconhecer que tratam-se de objetos perdidos, a constituírem-se e que suas constituições e resgates habitam um lugar além da linguagem, além do simbólico, mas que o desejo da representação-palavra ainda é uma via. Não sob a égide do discurso da ciência ou do mestre, mas quem sabe a aposta no discurso histórico rebelde-revolucionário e discurso analítico.

Gostaria de lembrar que Maio de 1957, Lacan em uma conferência para Federação dos Estudantes de Letras, resgata o ideal freudiano da *universitas litterarum* como princípio de formação e o lugar ideal de sua instituição.⁷⁴

Lacan, nesta fase específica, agrega elementos à essa compreensão, valorizando o lugar das produções simbólicas dos sujeitos na definição de sua organização psíquica, ou organização de suas estruturas de personalidade, ou mais apropriadamente denominando a sua estrutura clínica. Para a prática analítica, isso implica partir-se do diagnóstico via castração e utilizar-se da técnica que ali também se sustenta, relevando expressivamente a última construção freudiana que coloca o falo como organizador das diferenças sexuais e, portando, do desejo humano.

Em posteriores construções, ao tomar a ordem do discurso como forma de observar o singular no geral da cultura, Lacan propõe outro vértice: a análise dos laços humanos. E transforma os discursos em leituras sociais do fazer humano. Em Kehl vê-se que as condições em que constituem-se os laços sociais geram uma crise ética na contemporaneidade, e os sujeitos em psicanálise são convocados a criar uma fala própria, em que a palavra plena ocupe um lugar no discurso que é alienado ao Outro,

⁷⁴ LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In.: **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1996, p.224.

mas que se crie um estilo próprio, um estilo de “construção de um destino individual em seu lugar no laço social”.⁷⁵

E isso insiste... Esta produção gerará laços...(?)

Assoun considera que aquela que cometeu o pecado de estabelecer um diálogo com a serpente, cujo pecado maior foi ter tido vontade de falar, produz conseqüências sobre a cultura extremamente falicizada. Nesta direção pontua que as produções discursivas sobre a feminilidade são o lugar de entrecruzamento do inconsciente com a cultura que mantém este traço organizador em si.⁷⁶

Situo de inestimável valor as produções teóricas que revelam os “pecados femininos” em desejarem falar, escrever, abandonarem identificações, trabalharem ativamente... Produções que re(velam) a condição “não-toda-fálica”, a marcar a diferença de posições subjetivas, posições singulares que geram laços sociais também singulares.

A compreensão de que a posição feminina está a permitir o nascimento de um “novo lugar”, com novas faces, além de sua patologização, só será possível em uma condição em que se produza arte e ciência receptivas às diferenças.

As obras cinematográficas por mim eleitas, originárias de obras literárias, enquanto suporte para a discussão dos conceitos psicanalíticos, de forma única permitiram-me “ver-me, vendo” em um universo teórico que por vezes me acostumei a transitar, impedindo-me da interlocução necessária, do laço necessário com as produções culturais e comigo mesmo. *Assistir a “um” filme, jamais será como antes... Ler uma obra não será mais da mesma forma. Escrever, então... Somente sob a condição de re-escre-ver-me...*

⁷⁵ KEHL, Maria Rita Bicalho. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

⁷⁶ ASSOUN, Paul-Laurent (1948). **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 176.

A partir da redescoberta de que escutar o desejo humano, desejo feminino além dos interesses narcísicos e situá-lo na cultura em nosso tempo são possíveis; situar a feminilidade enquanto discurso de reconhecimento da castração, sem do falo abdicar, o que implica na consequência de imaginar que essa linguagem se constitua de forma, quem sabe, salutar, menos dada ao gozo – à cultura e aos sujeitos – em seu sentido de não-toda, não toda fálica; é retomar a credulidade aos processos sublimatórios humanos enquanto realização do individual no encontro com outros. *Outros acadêmicos, clínicos, ou não...*

Migrar da compreensão freudiana que postulava destinos ao feminino estritos e aceitáveis para sua época, para novos destinos na cultura terá como norte não somente a organização sintomática, mas a organização sublimatória, no que ela comporta de castração e falicismo.

Representa abandonar a incômoda posição que associou histeria ao feminino, em alguns intérpretes, de forma pejorativa, “méritos”, inclusive, da psicanálise e que ela mesma pode reorientar-se para reescrever sua “biografia” histórica, epistêmica, técnica e política.

Representa abandonar uma posição cômoda pessoal... Biográfica, epistêmica, política...

E nos encontros inesperados que a vida acadêmica ainda permite, gostaria de retomar Rivera que ao discutir psicanálise e cinema considera que a arte faz do homem um sujeito e que com o uso da fantasia, aquela que Lacan denominou de “obra de arte de uso interno”, podem se realizar as “poéticas pulsações dos sujeitos”⁷⁷

E fiquei pensando em “poéticas pulsações”... Preciso delas. Em mim acho que elas com harmonia reverberam...

⁷⁷ RIVERA, Tania. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.76.

Mesmo que possamos então, rever algumas construções parece imprescindível o suporte deles, os “poetas”, os teóricos, estudiosos psicanalistas, visionários de nossos tempos, que em nosso socorro nos auxiliarão nas novas possibilidades de representação do feminino, dos seus destinos, dos seus laços, do que lhe é inapreensível: a castração, a linguagem, o discurso, a *almorte*...

Aguardando o tempo em que a pulsação do traço próprio, de uma estilística, de uma palavra plena singular possa constituir-se-me! ...mas, qual será a próxima tecitura?!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **A linguagem e a morte**: Um seminário sobre o lugar da negatividade. Belo Horizonte: Editora UFMG (Humanitas), 2006.
- ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ANZIEU, Didier. et al. **Psicanálise e linguagem**: do corpo à fala. Portugal: Moraes, 1977.
- ASSOUN, Paul-Laurent (1948). **Freud e a mulher**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- BARTHES, Roland. **Aula**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BARTUCCI, Giovanna (Org.) **Psicanálise, cinema e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- BERNARDET, Jean-Claude. A subjetividade e as imagens alheias: ressignificação. In.: BARTUCCI, Giovanna (Org.) **Psicanálise, cinema e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- BIRMAN, Joel. Cartografias do feminino. **Psychê**, São Paulo, ano 4, n. 5, p. 207-210, 2000.
- _____. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Sujeito e História), 2001.
- CABAS, Antônio Godino. **Curso e discurso da obra de Jacques Lacan**. São Paulo: Moraes, 1982.
- CALDAS, Heloísa. **Da voz à escrita**: clínica psicanalítica e literatura. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

CESAROTTO, Oscar. As sementes da semiótica psicanalítica. In.: PACHECO, Raul Albino; COELHO, Nelson; ROSA, Miriam Debieux. (Org.) **Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo: EDUC, 2000.

CROMBERG, Renata Udler. Tornar-se autora. In.: BARTUCCI, Giovanna (Org.) **Psicanálise, cinema e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

DOR, Joel. **Estruturas clínicas psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Taurus, 1991.

DOANE, Mary Ann. A voz no cinema: a articulação de corpo e espaço. In.: XAVIER, Ismail.(Org.) **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 1983.

DOLTO, Françoise. **Tudo é linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire.(Org.) **Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FERREIRA, Nadia; JORGE, Marco. **Lacan: o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. A ética da pesquisa acadêmica e a ética da clínica em psicanálise: o encontro possível na pesquisa clínica. In.: QUEIROZ, Edilene Freire; SILVA, Antônio Ricardo Rodrigues da. (Org.) **Pesquisa em psicopatologia fundamental**. São Paulo: Escuta, 2002.

FIGUEIREDO, Luiz Cláudio. **Matrizes do pensamento psicológico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FREIRE, Lilian. A histeria e a beleza: uma expressão cultural no contexto da atualidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, ano 22, n. 3, p. 70-77, 2002.

FREITAS, Luiz Alberto. **As identificações na obra de Freud**. Biblioteca de psicanálise. Sociedade de psicanálise Fracy Doyle, 2000.

FREUD, Sigmund. (1920). **Além do princípio de prazer**. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Volume II, Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. (1910). **Cinco lições de psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1915). **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. O recalque. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume I, Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. (1905). **Fragmentos da análise de um caso de histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1909). **Notas sobre um caso de neurose obsessiva**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume X, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1931). **Sexualidade feminina**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1915). **Pulsões e destinos das pulsões**. Obras psicológicas de Sigmund Freud. Volume I, Rio de Janeiro: Imago, 2004.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. In.: Introdução à metapsicologia freudiana. Vol 3, 5ª.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **Palavra e verdade na filosofia antiga e psicanálise**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GOEPPERT, Sebastian; GOEPPERT, Herma C. **Linguagem e psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREEN, André. **O complexo de castração**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HASSAN, Sara Elena. As estruturas clínicas. In.: RAPPAPORT, Clara Regina. **Psicanálise: introdução à práxis – Freud e Lacan.** São Paulo: EPU, 1992.

HEIDBREder, Edna. **Psicologias do século XX.** 5. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

KEHL, Maria Rita Bicalho. **Os deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade.** Tese (Doutorado) - Departamento de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

_____. **Sobre ética e psicanálise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In.: **Escritos.** São Paulo: Perspectiva, 1996.

_____. **O seminário, livro 20.** Mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **O seminário, livro 11.** Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **O seminário, livro 17.** O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LANDER, Rômulo. Con Lacan y después de Lacan. In: XXIII CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 2000, Gramado, **Anais...** Gramado, 2000.

LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertand. **Vocabulário de psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LOUREIRO, Inês. Sobre algumas disposições metodológicas de inspiração freudiana. In.: QUEIROZ, Edilene Freire; SILVA, Antônio Ricardo Rodrigues da. (Org.) **Pesquisa em psicopatologia fundamental.** São Paulo: Escuta, 2002.

MANNONI, Maud. **Elas não sabem o que dizem: Virgínia Woolf, as mulheres e a psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MASOTTA, Oscar. **Introdução à leitura de Lacan.** São Paulo: Papyrus, 1998.

_____. **O comprovante da falta:** lições de introdução à psicanálise. Campinas: Papirus, 1997.

MATA, S.R.B. Retornar-se mulher. **Caderno de psicologia da UFMG.** Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 51-61, dez. 1995.

METZ, Christian. História/Discurso (Nota sobre dois voyeyrismo). In.: XAVIER, Ismail. (Org.) **A experiência do cinema: antologia.** Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 1983.

MEZAN, Renato. **Freud pensador da cultura.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

_____. **A sombra de Dom Juan e outros ensaios.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **Interfaces da psicanálise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In.: XAVIER, Ismail. (Org.) **A experiência do cinema: antologia.** Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 1983.

NASIO, Juan-David. **Lições sobre os 7 conceitos da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Coleção sujeito e História, 2005.

PACHECO, Raul Albino; COELHO, Nelson; ROSA, Miriam Debieux. (Org.) **Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise.** São Paulo: Casa do Psicólogo: EDUC, 2000.

PASSOS, Luiz Augusto; SATO, Michèle. As horas. In.: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Souza Miguel. **A mulher vai ao cinema.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

QUEIROZ, Edilene Freire; SILVA, Antônio Ricardo Rodrigues da. (Org.) **Pesquisa em psicopatologia fundamental.** São Paulo: Escuta, 2002.

PENNA, Antônio Gomes. **História e psicologia.** São Paulo: Vértice, 1987.

QUINET, Antonio. (Org.). **Jacques Lacan: a psicanálise e suas conexões**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. **As 4 + 1 condições da análise**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

RAPPAPORT, Clara Regina; HASSAN, Sara Helena; MOLLOY, Carmem S. **Psicanálise: introdução à práxis Freud e Lacan**. São Paulo: EPU, 1992.

RIVERA, Tania. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

RODRIGUÉ, Emílio. **Sigmund Freud. O século da psicanálise: 1895-1995**. São Paulo: Escuta, 1995.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAFATLE, Vladimir. **Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007.

SAMPAIO, Camila Pedral. O cinema e a potência do imaginário. In.: BARTUCCI, Giovanna (Org.) **Psicanálise, cinema e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

SAMUELS, Robert. A arte e a posição do analista. In.: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire.(Org.) **Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SCHENEIDER, Monique. **Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud**. Tradução de Mônica M. Seineman. São Paulo: Escuta, 1993.

SCOTTI, Sérgio. **A estrutura da histeria em Madame Bovary**. São Paulo: Casa do psicólogo: EDUSP, 2003.

SILVA, Maria Emília Lino da. (Coord.) **Investigação e psicanálise**. Campinas – São Paulo: Papyrus, 1993.

_____. Uma aventura: a tese psicanalítica – Entrevista com Fábio Herrmann. In.: SILVA, Maria Emília Lino da. (Coord.) **Investigação e psicanálise**. Campinas – São Paulo: Papyrus, 1993.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Souza Miguel. **A mulher vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TELLES, Sérgio. **O psicanalista vai ao cinema**: artigos e ensaios sobre psicanálise e cinema. São Paulo: Casa do Psicólogo; São Carlos: EdUFSCar, 2004.

VALDIVIA, Olívia B. Psicanálise e feminilidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, ano 17, v. 3, p. 20-27, 1997.

VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. Pesquisa em psicanálise. In.: PACHECO, Raul Albino; COELHO, Nelson; ROSA, Miriam Debieux. (Org.) **Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo: EDUC, 2000.

XAVIER, Ismail. (Org.) **A experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 1983.

Referência complementar

CHEVALIER, Tracy. **Moça com brinco de pérola**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CUNNINGHAM, Michael. **As horas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WYNNE, Frank. **Eu fui Vermeer**: a lenda do falsário que enganou os nazistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Referência filmica

As Horas (The hours, 2002, EUA)
Direção: Stephen Daldry

Moça com Brinco de Pérola (Girl Whith Pearl Earring, 2003, Inglaterra - Holanda)
Direção: Peter Webber

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)